



Spring

SEASONS OF LOVE, BOOK 1

CAROL LYNNE





Primavera



Explicação sobre a série, retirada do site da autora.

Assim como as estações mudam, da mesma maneira são as pessoas. *Estações do Amor* segue quarenta anos na vida de dois homens, Sidney Wilks e Grady Nash, a partir da Primavera de seu relacionamento, quando o amor é novo e brilhante, e durante o Inverno de sua parceria em 30 anos sendo um casal quando começa a perder seu brilho.



No dia do funeral de sua mãe, Sidney Wilks de dez anos, está silenciosamente confortado pela presença de um homem, o vaqueiro Grady Nash. Pouco sabe Sidney que Nash se tornaria a única figura estável em sua vida para os próximos quarenta anos.

Anos mais tarde, depois de uma noite de diversão típica da faculdade Sidney é agredido por um grupo de homens e deixado para morrer em um beco¹. É Nash que mais uma vez assume a responsabilidade de resgatar Sidney e cuidar dele até se curar. Apesar da paixão de seis anos de Sidney pelo bonito cowboy, o trauma o deixou emocionalmente indisponível para qualquer um.

Enquanto tenta se aproximar o suficiente de Sidney para ajudá-lo a se curar, Os sentimentos de Nash começam a mudar por volta dos 21 anos de idade. Para ele, amar Sidney não era novidade, mas quando seu corpo começa a desejar o pequeno homem, Nash é forçado a reavaliar seus instintos protetores. Que tipo de futuro os dois homens poderiam eventualmente ter? A vida de Nash é centrada em cavalos e gado, enquanto Sidney tem sonhos de escapar da vida de uma pequena cidade do Kansas para construir arranha-céus. Como podem dois homens que querem estilos de vida opostas chegar a um acordo, ou será que Nash seria forçado a permitir que Sidney espalhasse suas asas sem ele?

Dedicação

Para Mark, obrigado por sempre tentar cuidar de mim.

¹ Sidney não é agredido em um beco, ele sofre um acidente de carro, mas deixamos o resumo como está no site da autora.



Revisoras Prazer em Seduzir Comentam:

Regina

Carol Lynne nos apresenta uma nova série que se inicia com Springs. Um livro totalmente diferente de seus outros, que apesar do tamanho, é uma leitura rápida e profunda em sentimentos, descrevendo várias passagens na história dos personagens ao redor de anos. Esperava mais emoção e detalhes de certos acontecimentos, mas em tudo, um ótimo livro que não irá decepcionar os fãs e que irão esperar ansiosamente pelo próximo.

Rachael

Assim que li o resumo desse livro soube que ele ia ser uma história muito emocional, me apaixonei pelo Nash e pelo Sidney, em encantei como o amor surgiu e se fortaleceu. A demonstração de amor incondicional do Nash é incrível. Fica a lição a beleza está nso olhos de quem vê. Vocês irão chorar, rir e amar esse casal. É um dos melhores livros que já li.



Capítulo Um

Abril de 1974

Sidney Wilks, de dez anos de idade, enfiou uma vara no formigueiro apenas para ver os insetos se espalharem.

Ele cavou a ponta de sua falsa espada em uma grande formiga e sorriu. Não era uma boa coisa de se fazer, mas ele não estava se sentindo bom neste momento.

A porta da frente se abriu e o pai de Sidney, Jackson, saiu na varanda. “Saia da sujeira.”

“Sim, senhor.” Sidney se levantou, antes de escovar a poeira das calças.

“Se você vai ficar aqui fora, sente-se na varanda.” Jackson ordenou.

“Sim, senhor.” Sidney sentou-se na extremidade da varanda e deixou seus pés pendurados sobre a amurada. Boas maneiras eram uma exigência na casa Wilks, mas dentro de sua cabeça, Sidney estava ocupado reclamando de seu pai.

Às vezes, ele desejava que um grande e velho inseto rastejasse acima do nariz de seu pai. A ideia quase arrancou um riso dele. Quase.

Se ele tinha que perder um parente para o câncer, por que não podia ter sido seu pai? Sim, era uma coisa odiosa a pensar, mas Sidney nunca se deu bem com seu pai. Sua mãe, por outro lado, tinha sido o seu mundo inteiro.

Elizabeth Running Elk-Wilks foi uma das pessoas mais fortes que ele já tinha conhecido.

Ela era como um super-herói. Não porque ela usava uma capa ou algo assim. Diabos, na maioria das vezes ela havia usado uma camisa xadrez com um grande chapéu de couro flexível que chamou de Velho Ben.



Sidney havia pensado que sua mãe era indestrutível. “Maldito câncer.” Amaldiçoou. Antes que o câncer de ovário tivesse devastado seu corpo já franzino, tomando o resto do seu corpo, Beth tinha trabalhado ao lado dos homens sobre a Running E Ranch.

Ela estava de pé às quatro da manhã e ia dormir bem depois de Sidney. De alguma forma, entre eles, ela conseguiu fazer seu filho se sentir como o menino vivo mais especial.

Sidney chutou com seu calcanhar a grade que cercava a varanda. Agora que ela se foi, ele sabia que nunca voltaria a ser especial para alguém, certamente não seu pai.

Seu pai sempre o fazia se sentir como uma decepção. Sua mãe havia percebido que ele não era destinado a ser um fazendeiro, mas seu pai ainda não tinha desistido.

Não que seu pai fosse completamente insensível. Ele era apenas... Rígido com ele.

Sidney acreditava que seu pai pensava que deveria torná-lo resistente ou algo assim. Ele resmungou para si mesmo. Mesmo com dez, ele sabia que nunca seria como o pai.

Deitou-se na varanda e descansou a cabeça sobre suas mãos cruzadas. Olhando para o teto pintado de azul claro, ele se perguntou o que as crianças na escola diriam quando voltasse.

Seu pai o mantinha em casa desde a semana passada. Havia coisas a serem feitas, seu pai havia dito. Sidney ainda não sabia o que essas coisas eram, entretanto. O único trabalho que lhe foi dado foi para empacotar as roupas de sua mãe. Ele ainda não entendia por que ele tinha que fazer isso logo depois de sua morte.

Na verdade, agora que pensava nisso, Sidney ficou contente que tinha sido atribuído a ele a tarefa. Isso lhe deu uma chance de manter algumas das roupas de sua mãe. Ele não guardou muitas coisas, mas havia alguns itens que havia escondido no fundo de seu armário.

Sidney ouviu a batida da porta de tela se fechando e inclinou a cabeça para trás. Ele olhou para a Sra. O'Dwyer. Ela olhou para baixo. Engraçado.

“Sidney, você não gostaria de um bom prato de comida?”



"Não, obrigado, Senhora." Havia muitas pessoas na sua casa. Todos eles pareciam pensar que um pedaço de bolo ou uma coxa de frango faria ele se sentir melhor que sua mãe estava no chão. Eles eram um bando de estúpidos.

Sra. O'Dwyer fez algum tipo de ruído e voltou para a casa para os outros adultos. O pai de Sidney havia dito a ele que isto dizia muito sobre sua mãe que tantas pessoas queriam oferecer seus cumprimentos depois do funeral. Sidney não tinha certeza do que isso queria dizer.

Talvez os restaurantes da cidade estivessem fechados, porque todo mundo que veio parecia estar com fome.

Sidney rolou para o lado. Ele sabia que seu terno estava ficando todo sujo, mas ele duvidava que fosse usá-lo novamente. Ele notou uma pequena bolha na tinta cinza do velho assoalho. Estendendo a mão, ele correu a unha sobre a bolha até que ela estourou, deixando a madeira envelhecida exposta. Ele se perguntou quantos anos o assoalho tinha. Teria seu avô, Harry Running-Elk, o construído?

"Queria que você estivesse aqui, vovô." Ele sussurrou.

Uma lágrima escorreu através de seu nariz e caiu na varanda. Ele rapidamente enxugou os olhos com a manga do casaco antes de olhar em volta para ter certeza que ninguém estava por perto. Havia uns poucos cowboys que viviam na fazenda, e a última coisa que Sidney queria era que alguém contasse ao seu pai.

Enquanto continuou a cutucar a pintura, ele se lembrou das chicotadas que havia recebido há alguns anos, porque seu pai o pegou chorando. O gado na fazenda não eram nada, exceto para venda, de acordo com seu pai. Sidney tinha cometido o erro de desenvolver um relacionamento com um bezerro. A mamãe do pequeno bebê vermelho havia se recusado a alimentá-lo, por isso tinha sido dado a Sidney a incumbência de alimentar o pequeno rapaz. Sua mãe havia avisado para ele não se apegar ao bezerro, mas ele não escutou. Ele havia até mesmo chegado ao ponto de dar o seu novo bichinho de estimação um nome — Archie, por causa de um de seus personagens favoritos. Ele ainda se lembrava de correr para o celeiro



depois de um dia na escola para encontrar a baia especial que ele havia criado vazia. Depois de procurar no pasto próximo ao curral, sem sorte, Sidney tinha ido à procura de sua mãe.

A notícia que seu amado Archie havia sido levado para o estábulo local de venda de gado para leilão, um Sidney de oito anos de idade tinha abraçado sua mãe e chorado. Foi quando sua mãe estava sussurrando palavras de apoio que seu pai tinha entrado em casa. Ele imediatamente ordenou que Sidney secasse seus olhos e voltasse para o celeiro para começar suas tarefas da noite.

Se apenas isso tivesse sido tudo, Sidney pensou, sacudindo escamas de tinta com o dedo. Seu pai havia seguido Sidney ao celeiro e gritado com ele por ser um menino da mamãe. Ele disse a Sidney que homens de verdade não choravam, especialmente sobre algo tão estúpido como um animal idiota. Tinha sido uma palestra de uma hora sobre o que significava ser um fazendeiro. Esse foi o momento que Sidney tinha decidido que não queria nada a ver com ser um fazendeiro.

Ele ouviu saltos de botas nos degraus e rapidamente sentou-se, piscando longe as últimas de suas lágrimas.

Grady Nash, o mais novo cowboy da fazenda, caminhava na direção de Sidney. Ele tentou cobrir os danos da varanda com a sua mão.

Nash o surpreendeu sentando na cadeira de balanço, a poucos metros de distância. "Sinto muito por sua mãe."

"Sim, eu também." Quando ficou óbvio que Nash não tinha vindo para gritar com ele, Sidney retomou sua posição relaxada. O pedaço pequeno de madeira à mostra que havia exposto chamou a sua atenção mais uma vez. "Quantos anos você acha que essas tábuas têm?"

"Não faço ideia," Nash respondeu. "Acho muito mais velho do que qualquer um de nós."

"Sim." Sidney cuidadosamente descascou um pedaço grosso de tinta do tamanho de uma moeda de vinte e cinco centavos.



Ele a ergueu para seu rosto e olhou fixamente para ele por vários momentos antes de jogá-lo para frente da varanda. Ele não tinha certeza da idade de Nash, mas ouviu o vaqueiro dizer a seu papai que ele não tinha nenhum plano para a faculdade, então Sidney imaginou que ele tinha cerca de dezoito anos ou mais.

Sidney olhou para Nash, que parecia ocupado fazendo algum tipo de animal com sua faca de bolso em um pedaço de madeira. Ele se perguntou se Nash já tinha comido. Talvez devesse dizer a ele sobre toda a comida lá dentro?

Ele decidiu que não e voltou a descascar a varanda. Sidney não viu Nash conversando muito com as pessoas, então imaginou que o vaqueiro era muito parecido com ele. Não era que Sidney não tivesse nada a dizer, mas ele não tinha encontrado alguém interessado nas coisas que ele gostava.

Algumas horas se passaram até que as últimas pessoas famintas saíram e o sol se punha sobre a colina. Um toque sobre seu ombro chamou a atenção de Sidney. Ele rolou sobre suas costas, olhando para Nash, seu olhar pasmado sobre suas longas costeletas. Nash não era muito jovem para ter tanto cabelo em seu rosto?

Sem uma palavra, Nash deu a Sidney o pedaço de madeira que ele passou a tarde esculpindo. "Um cervo?"

"Antílope," Nash corrigiu. "É um totem. Peça a seu papai um pedaço de lixa para suavizar as extremidades ásperas, se quiser."

Sidney se empurrou para posição sentada e correu um dedo acima do chifre pontiagudo do antílope. "Você sabe a respeito de totens?"

Nash sorriu o primeiro desde que ele veio para a varanda. "Quando descobri que sua mãe era Cherokee, eu chequei um livro da biblioteca." Ele encolheu os ombros. "Isso me interessou."

Sidney sabia sobre eles, mas nunca tinha ouvido falar do totem de alguém ser um antílope.

"O que isso significa?" Ele perguntou, levantando a escultura.



“Pesquise.” Nash inclinou seu chapéu e deixou Sidney sentado na varanda.

Enquanto olhava fixamente para seu totem, o estrago na varanda chamou sua atenção. Sidney mordeu seu lábio inferior. O que parecia uma boa ideia no momento acabou por ser horrível. “Papai vai me matar.”

Ele ainda estava olhando para a varanda quando a voz de Nash o assustou.

“Volte para dentro antes de seu pai saia à sua procura. Eu vou cuidar disso.”

Foi então que Sidney notou a lata de tinta na mão de Nash. A tinta cinza escorrendo pelo lado lhe disse que Nash planejava encobrir os danos de Sidney. Ele se levantou e limpou suas calças, percebendo nenhum tipo de limpeza resolveria. Quem sabe seu papai não notaria? Ele nem tinha saído para ver como ele estava nas últimas horas. Sidney se perguntou se seu papai até mesmo se lembrava de que ele tinha um filho.

Nash abriu a lata de tinta. Ele usou a vara que Sidney havia brincado anteriormente para mexer o espesso líquido cinzento.

“Obrigado, Grady,” Sidney disse, embolsando o totem.

“Nosso segredo.” Nash colocou o dedo em seus lábios. “E me chame de Nash. O nome do meu papai era Grady,” ele disse com uma inclinação de seu chapéu.

Sidney sorriu antes de caminhar para a silenciosa casa. As luzes na sala estavam ligadas, mas ninguém parecia estar por perto. Ele encontrou seu pai na mesa da cozinha, cercadas por pilhas de caçarolas meio comidas.

Sidney deu um passo para trás e abraçou a si mesmo. Era a primeira vez que via seu papai chorar, e isso o assustou. Seus olhos começaram a arder quando a intensidade dos soluços de seu papai aumentou. Sidney olhou em volta, sem saber o que fazer. Ele se afastou da sala antes de retornar à varanda.

Nash estava terminando o pequeno trabalho de pintura. Ele olhou para cima quando Sidney pisou na varanda. “O que está errado?”

Sidney apontou para a casa. “Meu pai. Ele está... Um.” Sidney balançou a cabeça. “Ele está chorando, e eu não sei o que fazer.”



Nash colocou a tampa na lata de tinta e descansou o pincel em cima. "Tenho certeza que ele está apenas triste. Quem sabe ele desejasse um abraço?"

"Não," Sidney foi rápido em dizer. "Ele não gosta de coisas desse tipo."

Nash olhou para Sidney por alguns momentos. "Então talvez seja melhor deixá-lo sozinho por enquanto. O processo de luto é diferente para todos. Alguns apenas precisam deixar tudo sair de uma vez e acabar com isso."

Sidney sabia que o pai de Nash havia morrido no inverno anterior. Isso esteve até mesmo nos jornais. O Sr. Grady Nash havia sido um policial na cidade de Bridgewater, apenas a alguns quilômetros de distância. O delegado Nash estava tentando ajudar uma mulher cujo carro estava preso na neve quando outro carro bateu em um pedaço de gelo e o atropelou, matando-o.

"Quanto tempo isso machuca?" Sidney perguntou. Pela primeira vez que em muito tempo ele deixou suas lágrimas caírem sem as enxugar longe.

Nash se sentou na cadeira que ele ocupou durante toda a tarde e puxou Sidney em seus braços. "Eu não sei, mas quando eu descobrir isso, eu vou deixar você saber."

Sidney resistiu ao abraço a princípio. Parecia estranho para alguém que não seja sua mãe segurá-lo assim.

"Está tudo bem," Nash acalmou, batendo nas costas de Sidney. "Não tem nada de errado em chorar."

Sidney relaxou um pouco. "Meu pai não gosta disso."

"Bem, seu pai está lidando com seus próprios problemas agora, de modo que este pode ser o nosso segredo."

Com um movimento de cabeça, Sidney aceitou o abraço. Ele ainda não sabia ao certo como ele seria capaz de viver com a dor em seu coração, mas no momento, ele se sentia melhor.



Julho de 1975

Com uma foto do edifício Transamérica Pyramid, em seu cotovelo, Sidney se concentrava no desenho em frente a ele. Ele adorava a forma única dos arranha-céus e queria ver se podia copiá-lo.

"Sidney!" Jackson gritou.

Sidney inclinou sua cabeça. Seu pai odiava quando Sidney passava um tempo dentro de casa. "No andar de cima."

O som das botas de Jackson pisoteando as escadas não foi um bom presságio para Sidney. Ele se sentou segundos antes da porta se abrir.

"O que está acontecendo aqui?" Jackson questionou.

Sidney apontou para a grande folha de papel no chão. "Estou desenhando."

Jackson deu alguns passos para frente. Ele olhou para Sidney e sacudiu cabeça.

"Você tem trabalho a fazer."

"Eu já terminei meus afazeres." Sidney tentou explicar.

"Então, encontre mais. Tenho certeza que alguém poderia usar um conjunto extra de mãos." O olhar de Jackson foi para o desenho. "Onde você conseguiu esse papel?"

Sidney encarou seu pai. Era óbvio pela maneira como ele fez a pergunta que ele já sabia a resposta. "Nash comprou para mim quando ele foi para a cidade hoje de manhã."



As mãos de Jackson se apertaram ao seu lado. “Eu não pago a Nash para fazer compras para você.”

Sidney ficou de pé. Em sua pressa para defender Nash, ele esqueceu uma das regras mais importantes de seu pai. “Eu pedi que ele fizesse isto. Não grite com ele.”

Os olhos de Jackson se estreitaram e Sidney soube que ele ultrapassou o limite. Falar sem pedir permissão sempre foi um grande erro. Jackson apontou para a cama enquanto desafiava seu cinto. “Você sabe o que fazer.”

Sidney engoliu o nó na garganta enquanto ele se inclinava e se preparava para as chicotadas que com certeza viriam. Ele abriu a boca para pedir desculpas, mas sabia que isso não traria qualquer benefício.

“O que eu disse a você sobre desrespeito?” Jackson perguntou, antes do primeiro golpe descer.

A ferroada do cinto de couro largo o impediu de responder. Seu pai não queria uma resposta de qualquer forma. Ele simplesmente fez a pergunta para justificar as chicotadas que se seguiram. Sidney rangeu os dentes contra a dor. Chorar não era uma opção, de acordo com a última lição batida nele por seu pai.

No momento em que as chicotadas terminaram, a bunda de Sidney parecia que estava pegando fogo. Ele respirou profundamente enquanto tentava ficar de pé.

De trás dele, Sidney podia ouvir o som de cinto do seu pai deslizando de volta através do cóis de sua Wranglers. “Quando foi a última vez que você limpou o galinheiro?” Jackson perguntou, antes de sair do quarto.

“Em Maio. Mamãe disse no verão...”

“Sua mãe não está aqui agora. Você vai obedecer minhas regras, e eu quero essa porcaria limpa pelo menos a cada sessenta dias, você entendeu?”

“Sim, senhor,” respondeu Sidney.



Ele havia lido numa revista que a maioria das pessoas somente limpava seus galinheiros uma ou duas vezes por ano, então a cada dois meses eram demais, mas manteve sua boca fechada.

"Eu vou levá-lo para fora," disse Jackson.

Sidney olhou para o desenho antes de seguir seu pai para fora do quarto para o celeiro. Ele carregou o ancinho e uma pá em um carrinho de mão antes de ir para o galinheiro. Com o sol quente de julho batendo, Sidney se preparou para o calor e o cheiro da pequena construção.

Felizmente, a maioria das galinhas estava se refrescando no quintal, então pelo menos ele não teria que trabalhar em torno delas. Ele posicionou o carro de mão fora da porta antes de levar a pá e o ancinho para dentro.

Quando começou a trabalhar, Sidney começou a se preocupar a respeito de Nash. Esperava que seu pai não gritasse com Nash ou cortasse seu salário por fazer um favor a Sidney. E se Nash ficasse furioso e recusasse a fazer qualquer outra coisa para ele?

Movimentos a sua esquerda chamou a atenção de Sidney. Pá na mão, Sidney se virou e deu de cara com a maior cobra que ele já tinha posto os olhos. Se ela tinha entrado antes dele ou depois ele não sabia, mas a maldita coisa estava esticada sobre a porta do galinheiro tomando sol.

Poucas coisas assustavam Sidney, mas serpentes o aterrorizavam. Ele olhou para a cobra e para a pá em sua mão. A pá de cabo curto significaria ficar perto e pessoal com o animal escorregadio um metro e oitenta de comprimento. Sidney estremeceu só de pensar nisso. Além disso, matar uma serpente de rato, sem dúvida, irritaria seu pai. Sidney pensou em seu traseiro dolorido. Talvez se esperasse o suficiente, uma sombra seria lançada sobre a entrada e a cobra sairia? Se decidindo, Sidney descansou a pá no chão em frente a ele e esperou. Algum tempo depois, um som fora do galinheiro chamou a atenção de Sidney. Por favor, não deixe que seja meu pai, ele rezou.

"Sidney?"



A voz profunda de Nash foi um som de boas-vindas. “Estou aqui.” Ele gritou de volta. “Há uma cobra na porta.” Ele avisou.

O rosto bonito de Nash apareceu do outro lado da cobra. Ele olhou da cobra com sua barriga ainda protuberante da galinha que ele tinha, obviamente, consumido anteriormente, para Sidney.

“Há quanto tempo está aqui?”

Sidney deu de ombros, sua camisa molhada de suor parecia se apegar à sua pele.

“Umas duas horas, eu acho.”

Antes que ele tivesse a chance de dizer mais alguma coisa, Nash se abaixou e pegou a cobra bem atrás da cabeça. “Por que você simplesmente não a matou?” Ele perguntou, segurando o comprido corpo com a outra mão.

“Meu pai gosta delas. Diz que mantem os ratos longe.” Sidney relaxou pela primeira vez desde que viu a cobra. “O que você vai fazer com ela?”

“Levá-la para o mato e soltá-la.” Nash olhou para Sidney antes de balançar a cabeça. “É melhor você se molhar com a mangueira antes que a insolação apareça.”

Antes de Nash poder se afastar, Sidney gritou. “Não conte a meu pai, certo? Ele ficaria irritado se soubesse que não terminei aqui por causa de uma cobra.”

Sidney não pôde ler a expressão de Nash, mas Nash finalmente concordou antes de levar a cobra longe dos olhos de Sidney. Com um suspiro alto, Sidney sacudiu seus músculos tensos antes de voltar ao trabalho. Mais uma vez, Nash o tinha salvado. Se Sidney tivesse sorte, ele ainda teria tempo de terminar o galinheiro antes que fosse a hora de entrar e preparar o jantar.



Setembro de 1977

Depois de largar sua mochila sobre a varanda, Sidney foi para o celeiro. Seu primeiro dia de escola tinha sido desagradável, o que não era nada de novo. Em uma cidade do tamanho de Bridgewater, seus colegas eram as mesmas crianças que conhecia desde o jardim de infância. Eles não gostavam dele nesse tempo, e eles não pareciam gostar dele após o longo verão.

Antes de entrar no celeiro, Sidney puxou o spray nasal do bolso dianteiro. Depois de se proteger contra os polens no ar, ele entrou no espaço escuro do celeiro de oitenta anos. Depois que seus olhos se ajustaram à luz fraca, ele pegou o ancinho, pá e o carrinho de mão. Tirar o estrume das baias dos cavalos não era sua única tarefa, mas era a mais fácil, na parte externa de suas obrigações domésticas.

Após a morte de sua mãe, quatro anos antes, o pai de Sidney tinha se empenhado para fazer o rancho prosperar. Onde seus pais costumavam ser felizes fazendo lucro suficiente para mantê-los ao longo do ano, Jackson Wilks agora queria mais. Ele parecia obcecado em comprar terras para adicionar ao rancho já grande.

Com mais terra veio mais vacas, o que significou ainda mais mãos contratadas montando em torno do rancho em cavalos ou de quatro rodas. Sidney pegou um novo lote de cocô de cavalo e enrugou o nariz. Ele gostava mais das quatro rodas — do que de cocô.

“Como foi o primeiro dia?” Nash perguntou, surgindo atrás de Sidney.



Sidney despejou o conteúdo da pá no carrinho de mão. "O de sempre." Ele não se atreveu a virar e olhar para o objeto de sua paixão. Uma coisa era observar Nash da janela de seu quarto, mas ele não confiava na resposta de seu corpo com apenas alguns metros os separando. Ele apertou seus olhos, esperando que o homem normalmente quieto continuasse ocupado com seus afazeres.

"Seu pai quer que eu vá para o pasto norte para ajudar uma das vacas que está com problemas para dar a luz. Você se importaria em selar Rosie para mim enquanto eu reúno alguns suprimentos?"

"Sem problema." Ele respondeu sem se virar.

A mão de Nash pousou sobre o ombro muito menor de Sidney. "Você está bem?"

"Sim. Dia longo."

Nash deu ao ombro de Sidney um aperto gentil antes de sair. "Você está na reta final. Alguns anos a mais e você sairá daqui e encontrará o seu caminho no mundo."

Sidney assentiu com a cabeça. Isto não poderia acontecer logo, em sua opinião.

As botas de Nash fizeram um ruído contra as tábuas do assoalho enquanto caminhava para a sala de suprimento.

Sidney respirou fundo e inclinou a pá contra a parede antes de ir para a sala de arreios. Ele correu a mão enluvada sobre o corte curto de cabelo que seu pai insistia. A primeira coisa ele iria fazer era deixar seu cabelo crescer, longo. Sim, ele queria cabelo até o meio de suas costas. Ele sorriu para si mesmo. Exceto por seus olhos verdes claros, as pessoas não teriam nenhum problema para perceber sua ascendência Cherokee. Ele gostava muito dessa imagem.

Embora seu pai tivesse sempre feito pouco da herança da mãe de Sidney, Sidney sempre teve orgulho de ser descendente de nativos americanos. Desde que recebeu seu totem antílope de Nash há alguns anos, Sidney tinha se interessado em saber mais sobre sua cultura nativa.



Depois de espalhar a manta sobre as costas manchadas de preto e branco de Rosie, ele ergueu a sela. Quantas vezes ao longo dos anos ele tinha tirado o totem da sua gaveta para olhar para ele?

De acordo com sua pesquisa, o antílope tinha inteligência e carisma suficiente para sobreviver a quase qualquer situação. Poderia ficar uma vida inteira sem beber água se precisasse em vez de retirar o que ele precisava de seu ambiente. Havia muito mais do que isso, mas aquelas eram as partes que realmente ficou em sua cabeça. Embora porque Nash pensava que ele tinha carisma estava fora do alcance de Sidney.

Com Rosie pronta para partir, Sidney levou a pintada para fora do celeiro. Ele a amarrou ao poste de engate montado na frente do celeiro.

"Tudo pronto." Ele gritou em direção à sala de abastecimento.

Nash saiu carregando uma mochila cheia.

"Você vai acampar?" Sidney perguntou.

"Não a menos que eu precise, mas eu pensei que seria inteligente levar comigo um saco de dormir e um grande jarro de leite e água, se necessário."

Nash colocou a mochila em suas costas antes de montar Rosie. O olhar de Sidney foi para a extensão de jeans que cobria a bunda de Nash. Ele rapidamente desviou o olhar antes que ele fosse pego olhando.

"Oh, e quando você for recolher os ovos hoje à noite, fique de olho. Eu vi uma grande serpente de touro no viveiro esta manhã, mas ela fugiu de mim antes que eu pudesse pegá-la. Apenas não a confunda com uma cascavel."

Sidney fez um exagerado arrepio por todo o corpo. Ele odiava as cobras com uma paixão e Nash sabia disso. "Tem certeza que você não vai estar de volta a tempo de recolher os ovos?"

"Duvido, mas vá em frente e deixe-os se quiser, e eu vou cuidar deles assim que puder."



Sidney sacudiu a cabeça. "Tudo bem. Eu vou fazer isso." Tudo o que ele precisava era que seu pai descobrisse que ele estava se esquivando das suas tarefas.

Ele observou Nash cavalgar para fora antes de voltar para o celeiro. Se ele se apressasse, ele seria capaz de limpar as baias e recolher os ovos antes de escurecer.



Maio de 1982

Sidney estava se dirigindo aos degraus da varanda, o boné azul marinho de formatura debaixo do braço, quando uma buzina soou atrás dele. Ele se virou para ver a picape branca suja de Nash parar ao lado da casa. "Ei," Sidney cumprimentou.

"Por que você saiu tão rápido? Estava planejando fazer uma surpresa para você com um jantar no Charlie."

Vestido com uma calça jeans nova e uma bela camisa abotoada, Nash parecia incrível. Não era frequente Nash ficar sem um chapéu de vaqueiro, mas hoje seu cabelo estava penteado perfeitamente, exibindo as diversas cores de marrom à perfeição.

"Você estava lá?" Sidney perguntou, chocado.

"Inferno sim, eu estava lá. Não poderia se formar sem ter ao menos alguém na multidão assobiando para você enquanto você cruzava o palco."

As sobrancelhas de Sidney subiram. "Foi você?" Ele tinha ouvido o assobio, mas achou que era um dos rapazes de sua classe mostrando sua bunda.



"É claro que era eu." Nash fez um gesto para a bata de cetim azul que envia o ombro de Sidney.

"Vá tirar isso lá dentro e vamos comer um bife para comemorar."

Sidney se sentiu preso ao chão. Ele conhecia Nash há oito anos e ele nunca o convidou para comer fora. Era um encontro? *Seu grande filho da puta idiota*, Sidney repreendeu a si mesmo.

Ele jogou seu chapéu e a bata de formatura sobre a cadeira de balanço ao lado da porta da frente antes de voltar para Nash. "Certo."

Nash riu e sacudiu a cabeça enquanto voltava para seu caminhão.

"Ainda bem que seu pai não está aqui para ver isso."

Embora Nash estivesse obviamente falando casualmente sobre o jeito dele se livrar do boné e da bata, Sidney sentiu uma pontada no peito na declaração. "Sim, acho que é." Ele murmurou.

"Ah, merda, me desculpe. Eu não devia ter dito isso." Nash bateu na testa com a palma da sua mão.

"Está tudo bem. Eu sei como é importante o leilão de gado para ele." Ele sabia, ele apenas não entendia porque o leilão era mais importante para seu pai do que estar em sua formatura. Ele percebeu a forma como as mãos de Nash agarravam o volante.

"Ele deveria ter estado lá. Um leilão não é desculpa em minha opinião, mas não se atreva a dizer que eu disse isso." Nash voltou para a estrada do condado, em direção ao leste.

"Pensei que íamos ao Charlie?"

Nash sorriu. "Uma vez que estamos muito longe de Bridgewater, eu pensei em ir a Hutchinson. Você não se importa, não é?"

"Importar-me? Se eu nunca mais for para Bridgewater outra vez, seria ótimo para mim."

Sidney olhou para fora da janela. Hutch, como todo mundo chamava, não era uma cidade grande ou qualquer coisa, mas era o mais próximo que eles tinham, sem passar por



todo o caminho a Wichita. Descansando sua testa contra o vidro, Sidney se perguntou quantas vezes ele voltaria para a fazenda quando ele fosse embora para a faculdade.

Ele teve muita sorte em entrar em Penn State. Nos últimos dois anos ele tentou decidir sobre uma faculdade. Seu sonho era obter um diploma em Engenharia Arquitetônica e Penn State parecia encaixar adequadamente para ele. Ele levou os dois anos anteriores desenhando e sua professora de desenho do ensino médio lhe havia escrito uma recomendação brilhante.

"Você está quieto." Disse Nash.

"Apenas pensando." Sidney se sentou e olhou para Nash. "Você acha que meu pai sentiria minha falta se eu não voltasse para casa nos intervalos e coisas assim no próximo ano?"

Nash franziu seus lábios.

"Honestamente? Eu não sei, mas eu sei que eu vou sentir saudades. Você se tornou como um irmão mais novo para mim."

Foda! Atire em mim agora. "Sim," murmurou Sidney em concordância. Tinha um pressentimento que esse seria um verão muito longo e desajeitado.



Capítulo Dois

Dezembro de 1984

"Mais uma semana e eu serei capaz de comprar cerveja para nós." Disse Sidney ao seu companheiro de quarto, Josh.

"Sim, mas infelizmente você estará de volta em Kansas cantando canções de Natal com os outros vaqueiros." Respondeu Josh, oferecendo a Sidney um cigarro de maconha. "Quer um pouco?"

Sidney bufou e acenou fora. Ele pegou um maço de cigarros e tirou um. "Passa-me o isqueiro."

Segurando sua respiração, Josh jogou o isqueiro para Sidney. Para um cara hétero, Josh havia se tornado um bom amigo. Os dois primeiros meses de seu primeiro ano foi um pouco estranho até Sidney ter, finalmente, confessado suas preferências sexuais. Com a verdade na mesa, os dois construíram uma amizade sólida.

Fechando seus olhos, Sidney inalou e apreciou cada segundo dele. Ele se perguntou como ele ficaria sem fumar um cigarro por todo o intervalo de inverno. Apenas se imaginando acendendo um cigarro na frente de seu pai depois de um jantar deu a Sidney um ataque de riso.

"Cara, qual é o seu problema?" Josh perguntou, depois de soprar uma baforada de fumaça para fora da janela aberta do quarto do dormitório.

"Nada." Os pais de Josh pareciam excelentes. De jeito nenhum seu companheiro de quarto poderia entender um homem como Jackson Wilks. Inferno, nem mesmo Sidney o compreendia.

"Ei, aquele cara que você me falou ainda está lá?" Josh perguntou.



"Nash? Sim, Nash sempre estará no Running E." Era a única razão para Sidney continuar a voltar para casa. Apesar de todos os caras que tinha conhecido e dormido com desde que foi para State, ele ainda não tinha superado sua primeira paixão.

Sidney apagou o cigarro e soprou a fumaça para fora da janela antes de cair em sua cama. Ele reuniu seus cabelos e os colocou sobre seu ombro, sorrindo para si mesmo. Fazia três anos desde que ele saiu de casa, três anos desde que ele tinha sido submetido ao cortador de cabelo de seu pai. Embora todo o homem que tinha dormido falasse sobre seu cabelo, Sidney duvidava que alguém o amasse mais do que ele. Ele acariciou os fios sedosos, enquanto olhava para o teto.

Fazia quatro meses desde que ele viu Nash. Sidney não tinha se incomodado em ir para casa para o dia de Ação de Graças porque ele sabia que Nash sempre passava o feriado com sua mãe, que se mudou para Phoenix, após a morte de seu marido.

"Você é patético." Disse Josh, atirando uma meia suja em Sidney.

"Bruto." Sidney jogou a meia fedorenta fora de seu peito. "Qual é o seu problema?"

"Você e sua regra de cinco encontros."

Sidney largou o seu cabelo e se apoiou em seus cotovelos para olhar para o seu amigo.

"Qual é o problema com a minha regra *seis* encontros?"

"É estúpido." Disse Josh. Ele deixou sua posição ao lado da janela e caiu sobre sua cama.

"Quero dizer, logo que um cara realmente começa a se envolver, você dá o fora nele."

"Tenho vinte anos. Por que eu estaria interessado em alguém que está realmente interessado em mim? Eu ainda tenho mais cinco anos de faculdade, se eu quero o meu Mestrado." Ele não disse a Josh que ele estava secretamente esperando que Nash o visse como algo diferente de um irmão mais novo. Sidney não tinha nenhuma necessidade de um irmão. Ele queria Nash como um amante, um parceiro e um amigo ao longo da vida. Dormindo com os outros apenas provou isso para ele.

"A que horas seu avião sai?" Josh perguntou.



Sidney olhou para o relógio. Era já quase meia-noite? "O táxi vem me buscar em sete horas. Talvez eu devesse na verdade embalar alguma coisa." Ele disse com uma risada. Era típico para ele chegar ao rancho com uma mala cheia de roupa suja. Ele olhou ao redor do quarto. Havia três pilhas de roupa — sujas mais sujas e de pé sobre sua própria sujeira.

"E você?"

"Meu irmão vem me buscar em algum momento amanhã à tarde."

A declaração chamou a atenção de Sidney. "Luke?"

Sidney tinha passado os últimos três feriados de Ação de Graças com a família de Josh. Ele descobriu que gostava particularmente de passar o tempo com o irmão um pouco mais velho de Josh, Luke.

"Sim." Josh começou a procurar em sua gaveta algo para comer. "Muito ruim que você não vai estar aqui." Josh olhou por cima do ombro e piscou para Sidney. "Eu acho que ele gosta de você."

"Ele é gay?" Sidney realmente não tinha a menor ideia.

Josh pegou um pacote de Saltines. "Não abertamente, mas acho que ele oscila nessa direção. Ele está sempre culpando os esportes para sua falta de interesse em namoro, mas desde que estou vivendo com você, eu aprendi os sinais."

Isso surpreendeu Sidney. "Que sinais? Eu dou alguns sinais?"

Josh riu. "Eu não estou dizendo que você tem um grande sinal de néon sobre sua cabeça que diz 'BICHA'. É apenas como você presta atenção aos homens. Você não babar em cima deles nem nada, mas sua atenção parece atravessar direto sobre as mulheres."

"Oh." Sidney pensou sobre isso. "Sim, provavelmente você está certo. A propósito, não use 'bicha'. Nós gostamos mais do termo 'gay'."

"Qualquer que seja." Josh disse em torno de um biscoito.

Sidney ignorou o rolar dos olhos de Josh. Ele se perguntou se Nash viu isso? Embora os dois nunca houvessem discutido a sexualidade de Sidney, ele tinha uma sensação que Nash



sabia. Ele se perguntou se alguma vez não teria um dia em que ele poderia confessar seus pensamentos e sentimentos para o único homem que sempre esteve lá para ele.



Carregando a mala de Sidney pelo estacionamento, Nash olhou para trás no homem mais jovem. Cada vez que Sidney voltava para casa, ele parecia cada vez mais diferente. Embora Sidney tivesse começado a deixar seu cabelo crescer logo depois que ele se formou no colegial, as diferenças em sua aparência nesta visita eram ainda mais evidentes. "Você vem?"

"Sim. Acho que eu deveria ter pensado em usar meu tênis em vez das botas." Sidney respondeu, tentando andar no asfalto gelado.

Nash parou e esperou por Sidney o alcançar. "Segure." Ele instruiu, oferecendo seu cotovelo para apoio.

Sidney pendurou a bagagem de mão sobre seu ombro antes de alcançar Nash com ambas as mãos. "Obrigado."

Nash reajustou seu aperto sobre a mala e continuou em direção ao caminhão. "Não muito mais. Pessoas demais voando para o Natal, eu acho. Eu tive que estacionar no norte quarenta."

Sidney deu uma risadinha. "Eu amo o jeito que você fala. Senti falta disso."

"Muitos caras extravagantes na faculdade?" Nash perguntou. Ele estava consciente de que não era tão instruído como as pessoas que andavam com Sidney na Penn State University, mas não achava que ele se parecia um caipira ou coisa parecida.



"Na verdade, não extravagante, apenas diferente." Sidney começou a rir quando eles chegaram ao caminhão de Nash.

"O que é tão engraçado?" Nash perguntou, destrancando a porta. Normalmente ele guardava as malas na parte de trás, mas com cerca de doze centímetros de neve na carroceria, ele mudou de ideia.

"Eu não posso acreditar que você ainda está apegado a este velho caminhão."

Nash colocou a mala no assoalho antes de fechar a porta. Ficando atrás do volante, ele balançou a cabeça. O que tinha acontecido com o garoto que ele tinha visto crescer? "Você já está aqui há exatos dez minutos, e já conseguiu me insultar duas vezes."

Sidney tirou a preta e pontuda bota antes de descansar seus pés sobre a mala. "Eu não estava. Quando você ficou tão maldito sensível?"

Nash ligou a caminhonete. Ele estava sendo sensível demais? Ele olhou para Sidney. Com seu longo cabelo envolto por sobre o ombro e do pano preto cobrindo seus olhos, Sidney estava bonito e exótico para Nash. Era quase como se Sidney quisesse que o mundo soubesse a sua preferência sexual. Por que agora? "Coloque o cinto."

"O quê?" Sidney perguntou. "Eu nunca uso cinto de segurança."

"Você vai usar comigo. Eles estão aí por uma razão." Nash não entendia por que as pessoas não os usavam. Demorava dois segundos para colocá-los.

Sidney resmungou baixinho, mas fez como ordenado.

Nash ligou os limpadores de para-brisa para tirar a neve caída antes de arrancar da vaga de estacionamento. Talvez se ele permanecesse quieto e concentrado nas estradas escorregadias, Sidney se abriria.

Ao longo dos anos Nash tinham se acostumado às maneiras de Sidney, mas nunca soube que Sidney seria intencionalmente desagradável. "Alguma coisa está te incomodando?"

Sidney continuou a olhar para fora do para-brisa. "Nada." Houve alguns momentos de silêncio antes de Sidney falar novamente. "Papai está em casa?"



Bingo. A relação entre Sidney e seu pai sempre tinha sido tensa. Desde que Nash se juntou a eles, os dois não se davam bem antes da morte da mãe de Sidney e isso tinha apenas piorado ao longo dos anos. Nash ainda assim não entendia Jackson. Para um pai afastar qualquer criança era cruel, mas Sidney não era apenas uma criança qualquer. Ele havia sido um menino complicado que, evidentemente, ansiava por amor e aprovação. Quantas vezes Nash não tinha assistido quando Sidney se desdobrava em agradar Jackson apenas para ouvir que não era bom o suficiente?

Após a morte de sua esposa, Jackson tinha afundado em um poço de desespero tão profundo que parecia que seu desejo obsessivo em expandir o rancho era a única coisa que lhe trazia alegria. Nash tinha pensado em se mudar para outra fazenda várias vezes, mas era seu desejo dar a Sidney pelo menos uma única pessoa no mundo que teve seu apoio o mantinha na Running E.

"Você me ouviu?" Sidney perguntou.

Nash deixou o suave som inseguro da voz de Sidney envolver ao redor dele. Tão jovem tão perdido.

"Não, mas ele estará."

"Aonde ele vai quando ele desaparece?" Sidney perguntou.

"Vendas, leilões. Ele passa muito tempo no Colorado, naquele lote de pasto que ele comprou." Nash deu de ombros. "Eu nunca fingi compreender o pensamento de Jackson. Tudo o que posso dizer é que ele disse que estaria em casa na quinta-feira."

"Quinta-feira de Natal." Sidney respirou fundo e encostou a cabeça contra a parte traseira do assento. "Fa la la la la "

Nash não tinha planejado ir para o Festival Anual de Natal de Bridgewater, mas a expressão de dor no rosto de Sidney o levou pelo menos tentar compensar as deficiências de Jackson.

"Imagino que poderia convencer você a ir comigo ao festival?"

"Em Bridgewater? Não, obrigado."



"Você já foi a um?" Nash perguntou. Enquanto ele trabalhava no rancho, Nash não tinha conhecimento de Sidney para ir à cidade para o evento de dois dias.

"Minha mãe costumava me levar."

"Isso foi há muito tempo. Talvez você devesse dar outra chance." Nash finalmente fez seu caminho para a rodovia, mas as estradas não estavam muito melhores.

"Por que eu deveria ir? Não há uma única pessoa em Bridgewater, que dá uma foda sobre mim."

Nash abriu a boca para repreender Sidney, mas manteve sua mandíbula cerrada. Tinha que se lembrar de que Sidney não era mais uma criança. Inferno, Sidney era apenas oito anos mais novo que Nash. Ele decidiu discutir a declaração em vez do palavrão. "Eu sei que as outras crianças lhe deram um tempo difícil na escola, mas..."

Como ele explicaria a Sidney que ele pediu por alguns dos problemas que ele enfrentou? Nash sabia por experiência própria o que era crescer homossexual em Bridgewater. Não tinha sido fácil ir contra suas inclinações naturais, a fim de se encaixar com as outras crianças, mas isso tinha permitido a Nash uma adolescência mais ou menos normal.

"Mas o quê?" Sidney perguntou, quebrando os pensamentos de Nash.

Uma vez que Sidney ainda não tinha saído do armário para Nash, isso era uma ladeira escorregadia.

"Você não é mais uma criança e nem eles são. Que tal nós dois nos agasalharmos e dar uma chance na quarta-feira?"

"Por que isso é tão importante para você?"

"Eu só não quero ir sozinho. Eu costumava ir todos os anos com a minha mãe e meu pai, mas como você, nós paramos depois de sua morte." Nash olhou para Sidney. "Não podemos nos agarrar a velhas lembranças para sempre. Em algum momento temos que começar a fazer outras novas."

Sidney se contorceu no banco, finalmente retirando seu longo casaco de couro preto. "Eu poderia ir com você."



Nash queria socar seu punho no ar. "Ótimo. Obrigado."



Quando Nash parou na frente da casa, Sidney estava precisando desesperadamente de um cigarro. "Obrigado por ter ido me buscar." Sidney disse, escorregando em suas botas. Ele encolheu os ombros em seu casaco, rapidamente sentindo o bolso para ter certeza que ele não tinha deixado cair o seu maço de cigarros.

"A qualquer hora, você sabe disso," Nash respondeu. "Precisa de ajuda com as malas?"

Sidney abriu a porta. "Eu posso consegui-las." Ele desceu e mergulhou até o meio da panturrilha na neve caída recentemente. Ele podia sentir o desagradável material fazendo seu caminho abaixo em suas botas. Excelente.

Ele pendurou a bagagem de mão por cima do ombro antes de pegar a mala. "Você ainda fica no alojamento, certo?"

"Sim. Coisa boa, também, porque se esta neve não cessar, eu poderei ficar trabalhando sozinho no rancho no período da manhã."

Por mais que Sidney detestasse a ideia de ajudar a alimentar os animais no frio intenso, Nash havia feito mais por ele do que qualquer outra pessoa em sua vida. "Eu vou ajudar, se precisar de mim."

Nash sorriu. "Eu posso te ocupar com isso."

Sidney fechou a porta. Ele levou a mala até as escadas antes de virar para observar Nash guiar em direção à pequena casa que ele alugou no canto sudeste da fazenda. A casa



originalmente havia pertencido ao avô de Sidney, mas após sua morte, o pai de Sidney começou a alugar para um vaqueiro ou outro. Nash tinha vivido na casa de um quarto um pouco mais de oito anos, desde que sua mãe se mudou para o Arizona.

Após destravar a porta da frente, Sidney arrumou às malas no hall de entrada. Ele ficou na abafada área e por alguns momentos tentando imaginar onde fumar. Se ele saísse de casa ele congelaria sua bunda, mas o pensamento de seu pai cheirar a fumaça dentro de casa quando ele retornasse fez Sidney encolher.

"Que diabos eu estou preocupado?" Ele perguntou a si mesmo em voz alta.

Sidney carregou suas malas para cima ao seu quarto. Quando foi a última vez que seu pai havia se preocupado o suficiente para até mesmo pisar em seu quarto?

Depois de largar a mala sobre a cama, Sidney foi até o banco da janela. Quantos dias ele tinha passado, pênis na mão, observando Nash trabalhar na fazenda deste ponto muito privilegiado?

Antes de acender, Sidney decidiu se vestir, ou no seu caso, se despír para dormir. Dentro de momentos ele estava nu, embrulhado em um cobertor grosso sobre o assento da janela. "Venha para o papai." Disse ele, pegando seus cigarros e isqueiro. Apesar da temperatura congelando na parte de fora, Sidney abriu a janela uns seis centímetros.

Ele acendeu seu primeiro cigarro em mais de dez horas e inalou, puxando toda a fumaça que podia para seus pulmões. "Ahh, foda," ele gemeu.

Dizia muito sobre a qualidade do sexo que estava acostumado quando um realmente bom trago de um cigarro rivalizava com um pênis no fundo de sua bunda. Sidney colocou uma almofada atrás das costas antes de se encostar a parede de seu canto. Enquanto apreciava seu cigarro, seus pensamentos se desviaram para Nash. Nenhuma surpresa nisso— seus pensamentos sempre acabavam na porta da frente de Nash.

A conversa no caminhão ainda incomodava Sidney. O comentário sobre a voz de Nash deveria ter sido confiante, a maneira de Sidney de ser charmoso, mas Nash não tinha levado dessa maneira. O comentário sobre o caminhão de Nash não pretendia ser uma crítica contra o



vaqueiro também. Sidney ia continuar o comentário perguntando a Nash porque ele não pedia um aumento. Sidney sabia que seu pai pagou aos ajudantes de sua fazenda uma quantidade desprezível de dinheiro, e Nash tinha trabalhado muito duro para o maldito ainda dirigir um caminhão que havia comprado de segunda mão dez anos antes.

Sidney olhou o telefone. Ele não conseguiria dormir até que soubesse que estava tudo bem entre ele e Nash. Sua necessidade por Nash estava muito além de qualquer coisa sexual. Era a razão que ele nunca se abriu para Nash sobre sua sexualidade. Olhando de fora, Sidney não tinha dúvidas de que a maioria das pessoas imaginaria que ele estava tentando substituir seu pai com Nash, mas esse não era o caso.

Nash era... Raios de sol. Sidney sorriu para a comparação. Desde a morte da mãe de Sidney, o bonito cowboy tinha sido responsável por cada ponto brilhante na vida de Sidney.

Sidney pegou o telefone. O fio era apenas o suficiente para se esticar para as janelas, mas valia a pena à dificuldade se ele não tivesse que apagar seu cigarro. Havia sido apenas vinte minutos desde que ele foi deixado, por isso esperava pegar Nash antes dele se retirar para a noite.

"Nash."

Sidney sacudiu as cinzas para fora da janela. "Ei, sou eu."

"Alguma coisa errada?" Nash perguntou.

De repente, o cigarro em sua mão parecia... Errado. Sidney o jogou pela janela antes de responder. "Eu queria pedir desculpas por mais cedo. Eu queria dizer isso quando disse que eu amo o jeito que você fala. Eu amo. Há algo na sua voz que parece me acalmar. Eu não queria que você pensasse que eu estava te insultando."

Houve uma longa pausa antes de Nash responder. "Acho que estou um pouco sensível sobre isso. Inferno, eu sei que converso como um cowboy estúpido."

Algo na voz de Nash doeu em Sidney. "Não diga isso. Não há nada de estúpido sobre você."

"Sim, bem..."



"Eu quero dizer isso, Nash. Você é o melhor homem que eu jamais conheci."

Nash deu uma risadinha. "É melhor parar por aí ou o meu chapéu não caberá de manhã."

Sidney sorriu, permitindo que o riso se envolvesse em torno dele. "Então, estamos bem?"

"Estamos sempre bem." Nash pigarreou. "Você sabe que eu não sou bom com palavras, mas acho preciso atingir algo através dessa sua cabeça dura."

"Dura?" Sidney perguntou, com um sorriso no rosto.

"Sim, dura," Nash reiterou. "Apenas preciso que você saiba que não vou a lugar nenhum. Eu sempre estarei aqui para você se precisar de mim."

A garganta de Sidney apertou, enquanto seus olhos se encheram de lágrimas. Como podia um homem bom como Nash fazer uma declaração assim, quando não podia nem mesmo contar com seu pai para pegá-lo no aeroporto?

"Posso te perguntar uma coisa?"

"Claro."

Sidney atravessou o quarto para sua bagagem de mão. Ele vasculhou através do saco preto até que encontrou o que estava procurando. "Por quê? Eu não sou ninguém. Nós dois sabemos que você poderia fazer uma porrada de dinheiro trabalhando em outro lugar. O que é que você vê em mim que eu não posso ver?" Seu polegar esfregava o pequeno totem que havia sido dado a ele anos antes.

Os chifres do antílope foram desgastados nas pontas, mas elas ainda estavam lá na mente de Sidney. Ele estava tão concentrado no totem que de repente percebeu Nash não havia respondido sua pergunta. "Nash, você ainda está aí?"

Nash limpou a garganta antes de responder. "Eu estou aqui. Apenas tentando descobrir uma maneira de colocar meus sentimentos em palavras."

Sidney fechou os olhos e orou para que ele não ouvisse a palavra 'irmãozinho'.

"Está tudo bem..." Ele começou.



"Não, não está. Eu deveria ter lhe contado há muito tempo. Eu acho que eu imaginei que você soubesse."

"Soubesse o que?" Sidney perguntou.

"Eu amo você. Quando meu pai morreu, eu me senti perdido. Quando me deparei com você no dia do funeral de sua mãe, eu vi alguém que parecia estar no mesmo barco. Não sei se isso faz algum sentido, mas cuidando de você, tendo certeza que havia alguém que você pudesse contar pareceu me dar um objetivo."

Os olhos de Sidney se abriram. "Como um projeto?"

"Não, não penso nisso dessa forma. Você não era um galinheiro que precisava de um telhado novo ou um cavalo que precisava ser reabilitado, nada disso. Oh, inferno, eu estou fazendo uma bagunça, não é?"

Sidney tentou se focar nos aspectos positivos. "Então, você realmente me ama?" Mesmo sabendo que não era o mesmo tipo de amor que ele sentia por Nash, era amor, no entanto.

"Claro que eu amo como não amar? Apesar de tudo o que aconteceu em sua vida, você ainda tem um grande coração. Você poderia facilmente ter se transformado em..."

"Meu pai." Disse Sidney, terminando a afirmação.

"Sim" Nash suspirou. "Se você desse às pessoas uma chance de se aproximar de você, eu sei que eles iriam ver tudo o que vejo. Mas você é tão defensivo. Você intencionalmente mantém as pessoas à distância e quando você faz isso, você não lhes permite ver tudo o que você é."

Sidney concordou com a cabeça. Ele sabia que fazia isso, mas ele não considerou isso sendo defesa, mais como autopreservação. "No caso de você estar perguntando, eu também te amo." Ele finalmente disse para preencher o silêncio.

"Eu sei."

Sidney duvidava que Nash compreendesse o quanto o amava, mas isso estava tudo bem por enquanto.



Ele ouviu Nash bocejar. "Eu deveria deixar você dormir um pouco. Só queria ter certeza que você soubesse que eu não estava tentando te insultar mais cedo."

"Estou feliz que você ligou. Vejo você de manhã?"

Sidney revirou os olhos. Levantar a bunda de madrugada para fazer as tarefas não parecia muito atraente. "Claro."



"Está frio aqui fora. Como eu deixei você me convencer de novo?" Sidney perguntou, puxando o lenço para cobrir mais de seu rosto.

Nash deu uma risadinha. Eles ainda não tinham chegado à rua principal onde o festival estava acontecendo e Sidney já estava reclamando. "Pare de reclamar e eu vou lhe comprar um copo grande de chocolate quente."

Nash olhou para Sidney. Com apenas os olhos delineados de pretos de Sidney aparecendo, Nash sabia que Sidney poderia ser facilmente confundido com uma mulher. Ele rezou para que as pessoas da cidade não prestassem atenção a nenhum deles.

Depois de dar a volta na esquina de um dos prédios do centro, Sidney se aproximou de Nash. "De onde vêm todas essas pessoas?"

"Boa pergunta." Parece que havia o dobro de pessoas perambulando pela rua bloqueada do que as que moravam na cidade. Nash era um solitário por natureza, portanto, a multidão de pessoas, combinada com as luzes e música alta do feriado quase o fez repensar em ficar.



Foi à faísca de diversão nos olhos de Sidney que parou Nash de girar e voltar para casa. "Vê algo que você gosta?"

Sidney apontou para uma das barracas de comida. Grandes e macios algodões doce rosa e azul estavam pendurados em sacos nas laterais da barraca. "Eu não como algodão doce desde que minha mãe era viva."

Nash torceu o nariz. Detestava o gosto de algodão doce que o lembrava mais isolamento térmico do que de doces. "Bem, então vamos pegar um."

Sidney sorriu e saiu. Nash não pode deixar de sorrir com o entusiasmo do jovem. Ele o seguiu, ciente dos olhares direcionados a Sidney quando ele costurava através da multidão. No momento em que Nash o alcançou, Sidney já tinha comprado um saco misto de rosa e azul.

"Eu me pergunto se eu deveria conseguir dois?" Sidney empurrou para baixo seu lenço e abriu a boca para o primeiro de muitos bocados.

"Pegue o que quiser." Nash respondeu, colocando a mão sobre as pequenas costas de Sidney.

Sidney quase deixou cair o doce ao toque de Nash, chamando a atenção de Nash para o que ele tinha feito. Ele rapidamente tirou sua mão e a enfiou no bolso. Por que eu fiz isso?

Nash esperou que Sidney comprasse outro pacote de isolamento antes de sugerir comprar dois copos grandes de chocolate quente e encontrar um lugar para assistir ao desfile. Ele notou algum espaço ao longo da calçada em frente à loja de ferragens e caminhou naquela direção.

Antes de eles terem uma chance de se sentar, um jovem saiu do nada e ficou em frente de Sidney. "O que está você está fazendo aqui? Pensei que a última vez que o veria seria na formatura."

Sidney deu um passo para trás, entrando em contato com o peito de Nash. "Desculpe desapontá-lo, Denny, mas tanto quanto isso é ruim, minha família ainda é de Bridgewater."

Nash colocou uma mão de apoio no ombro de Sidney. "Você tem um problema?" Ele perguntou a Denny.



Denny zombou, olhando do rosto de Nash para a mão que ele tinha em Sidney. "Parece que vocês dois são os únicos com o problema. Nós não vamos para essa merda de bicha aqui."

Nash rangeu os dentes, mas se recusou a mover sua mão. Era o tipo de situação que ele tentou evitar sua vida inteira. "Nós somos apenas amigos, mas mesmo que fosse diferente isso não seria de sua maldita conta. Agora, eu sugiro que você siga em frente e cuide de sua vida e nos deixe assistir ao desfile."

Denny colocou o dedo no rosto de Sidney. "Faz um favor a você mesmo, e fique fora da cidade."

Nash ficou irritado com a veemência na voz de Denny, e começou a ir atrás dele, mas Sidney agarrou seu braço. "Deixe-o ir," disse Sidney. "Estou acostumado com isso."

Para Nash isso foi um vislumbre do que Sidney havia suportado quando crescia. Como é que ele lidou com valentões como Denny todos os dias na escola? Nash olhou ao redor, observando vários conjuntos de olhos observando-os. "Você quer ir para casa?"

"Inferno, não." Sidney sentou na calçada. "Você me aborreceu para vir à cidade assistir um desfile, e é exatamente isso que eu pretendo fazer."

Nash se juntou a Sidney. Ele retirou a tampa de seu chocolate antes de tomar um gole. Ele se questionou se deveria deixar Sidney saber que ele não estava sozinho em sua preferência sexual. Embora não fosse o momento ou o lugar para essa conversa, Nash prometeu a si mesmo que ele faria isso mais cedo ou mais tarde.



Capítulo Três

Com uma magricela árvore de Natal na mão, Nash bateu na porta da casa da fazenda. Ele havia planejado conseguir uma na cidade, mas um novo ciclo de neve tinha deixado às estradas intransitáveis.

Em vez disso, ele andou através da neve na altura do joelho e acabou encontrando um pequeno cedro. A maldita coisa cheirava um pouco como urina de gato, mas mendigos não podem escolher.

A porta se abriu e um Sidney despenteado pelo sono olhou para ele. Vestindo apenas um par de calças de moletom de cós baixo, era óbvio Nash o havia surpreendido. "O que está fazendo do lado de fora, você está louco?"

Nash andou para o lado para que Sidney pudesse ver seu presente encostado à coluna da varanda.

"Você não pode ter um Natal sem uma árvore."

Sidney cruzou seus braços, escondendo a maior parte de seu peito magro da vista de Nash, e se afastou para dar espaço. "Eu não estava planejando colocar uma. Parece um desperdício se eu vou ficar aqui sozinho."

Nash havia previsto a resposta de Sidney, que foi por isso que ele foi preparado. No entanto, ele não tinha previsto sua reação à visão do homem malvestido.

Ele se virou ligeiramente, esperando esconder sua ereção crescente. Que diabos estava acontecendo? "Sim, bem, estou acostumado a ter uma árvore. E uma vez que Jackson vai estar aqui amanhã ocupando seu tempo, imaginei que poderíamos passar a Véspera de Natal juntos."

"Você falou com meu pai?"



"Sim. A neve o retardou. A Polícia Rodoviária fechou uma parte da I-70, então ele vai passar a noite em Hays. Ele prometeu para chegar aqui logo que eles conseguirem a rodovia limpa e reaberta."

Nash apoiou a pequena árvore contra a porta antes de retirar as botas cobertas de neve e o casaco. A menção de Jackson tinha enfraquecido a ereção de Nash, que era uma coisa muito boa. Ele nunca tinha tido esse tipo de reação a Sidney. "Onde posso encontrar o suporte e os enfeites?"

Sidney passou as mãos pelos longos cabelos negros, chamando a atenção de Nash mais uma vez.

"Eu acho que eles estão no porão."

"Eu vou pegá-los." Nash ofereceu.

"Eu vou ajudar."

"Não." Nash foi rápido em dizer. Ele precisava de alguns momentos para se recompor.

"Eu vou buscá-los e você faz um bule de café?"

"Certo."

Nash acendeu a luz antes de descer as escadas. As cubas de plástico vermelho eram fáceis de identificar, mas ele precisava de mais tempo. Encontrou uma velha cadeira e a limpou do pó antes de sentar. Que diabo tinha acontecido antes? Nash sacudiu a cabeça, esperando limpar a imagem seminua de Sidney de sua mente. Maldição.

Nash lambeu os lábios, se lembrando da visão do peito de Sidney, magro e sem pelos, e dos gêmeos mamilos castanhos escuros. Por que, após todos esses anos que conhecia Sidney, ele o estava vendo de uma forma sexual? Isso não faz sentido. Claro, Sidney não era mais um menino, mas Nash ainda era nove anos mais velho.

Finalmente lhe ocorre porque de repente ele estava pensando em sexo cada vez que olhava para Sidney. Nash não havia feito a sua viagem semanal para Hutchinson para ver Reece. Isso tinha que ser o problema. O acordo que tinha com o professor do ensino médio era



perfeito para ambos. Eles nunca saíram. O seu relacionamento estranho foi construído sobre sexo e amizade. Ocasão.

Nenhum deles tinha tempo para encontros ou a vontade de sair do armário.

Ele se levantou e respirou fundo. Que Deus o ajudasse até o fim do intervalo de Inverno. Sidney logo voltaria para a Pensilvânia e Nash poderia voltar ao seu antigo modo de vida.

O olhar de Nash pousou na grande pintura a óleo da mãe de Sidney presa no canto contra a parede. Lembrou-se de uma época em que a pintura estava sobre a lareira, mas isso foi há vários anos atrás. Nash se perguntou se Sidney sabia para onde ela tinha ido. Ele se aproximou e puxou a pintura fora de seu esconderijo. Mofo tinha começado a crescer na tela. Nash a colocou de lado, juntamente com uma nota mental para recuperá-la assim que Sidney voltasse para a faculdade.

Uma coisa era certa, ele estava contente que ele tinha insistido em descer sozinho.

Mesmo a menção da mãe de Sidney tendia a colocar o jovem em pânico, e por motivos que Nash se recusava a reconhecer, ele queria Sidney feliz.



Depois de fazer o café, Sidney considerou colocar uma camisa, mas a maneira quente que Nash tinha olhado para ele antes o impediu. Pela primeira vez, Nash tinha enviado sinais fortes o suficiente a Sidney para captar. A compreensão que Nash era gay excitou Sidney. Não apenas isso, mas Nash tinha realmente olhado para Sidney com certo grau de desejo. Foda.



Na esperança de provocar a mesma reação, Sidney correu escada acima para se refrescar. Quando ele puxou a escova pelo cabelo, ele olhou para ele mesmo no espelho do banheiro. Há quanto tempo ele rezou para a oportunidade de se aproximar de Nash?

O pênis se esforçando para romper o material de seu velho e desbotado moletom estimulou Sidney. Ele rapidamente escovou os dentes antes de pegar uma toalha na prateleira.

Se esta era para ser à noite, ele não queria que uma bunda fedorenta estragasse o clima. Sidney correu água quente na pia e se deu um banho de esponja.

Sentindo-se melhor, ele abriu caminho de volta para baixo. A árvore de aparência triste ainda estava no saguão. Sidney abriu a porta do porão e chamou para baixo, "Você não consegue encontrá-los?"

"Sim, eu os consegui." Nash respondeu.

Sidney esperou por vários momentos, mas Nash não apareceu. "Quer ajuda? Eu realmente sou mais forte do que pareço."

"Obrigado, mas depois de olhar através das caixas, acho que só precisamos de uma delas."

Sidney continuou de pé na porta, mas percebeu que sua muito visível ereção poderia ser muito ameaçadora. Ele precisava jogar as coisas calmamente. Nash, obviamente, não queria que as pessoas soubessem que ele era gay. Sidney enviou uma rápida oração. "Por favor, Deus, não me deixe estar errado sobre ele ser gay."

"Você disse alguma coisa?" Nash perguntou, aparecendo na parte inferior da escadaria.

"Não." Sidney saiu do caminho e segurou a porta.

A careta na cara de Nash quando ele chegou ao topo das escadas murchou a ereção de Sidney num instante. "O que está errado?"

Nash levou a caixa de Natal para a sala. "Você quer montá-la no lugar de costume?"

"Claro." Sidney se mexeu para limpar uma área, deslizando as cadeiras para fora do caminho e a mesa lateral para o corredor. "Isso deve funcionar."



Nash deu um tapa na coxa. "Droga, eu esqueci o suporte."

"Eu vou buscá-lo." Sidney foi puxado pela mão de Nash em torno de seu braço.

"Eu vou cuidar disso. Por que não traz o café?"

Sidney encarou os olhos de Nash por alguns momentos. Era quase como se Nash não o quisesse no porão. "O que está acontecendo?"

"Nada. Eu apenas sei onde está. Será mais rápido desse jeito." Nash respondeu.

Discutir com Nash não estava na agenda então Sidney cedeu. "Certo." Ele prometeu a si mesmo que iria se esgueirar para baixo mais tarde para ver o que Nash parecia estar escondendo.



"Eu adorava fazer isso quando era criança." Disse Sidney da sala de estar.

Nash fechou a porta do porão depois de derrubar a vazia caixa de lona. Sidney estava deitado de costas debaixo da árvore, olhando fixamente através dos coloridos ramos iluminados. "Se importa se eu me juntar a você?"

Não foi até ele andar mais para dentro da sala escura e notar Sidney que ele desejou poder retirar o pedido.

Toda aquela pele nua e os sedosos cabelos espalhados no chão eram muito tentador, especialmente com a sutil luz cintilante pintando um caleidoscópio de cores sobre o homem quase nu. Sidney levantou a cabeça e sorriu para Nash. "Só se você me trazer uma daquelas almofadas do sofá."



Nash tentou pensar numa maneira de se juntar a Sidney, mas foi inútil. Ele pegou duas almofadas antes de jogar uma para Sidney.

De pé sobre o objeto de sua atração, Nash tentou acalmar sua respiração. O moleto de Sidney havia descido o suficiente que mal cobria seu pênis. Nash vislumbrou uma provocativa margem de cabelos negros e quase gemeu.

"Você não vem?" Sidney perguntou depois de ajustar a almofada sob sua cabeça.

"Sim." Nash se sentou e colocou sua almofada uns doze centímetros de Sidney.

Ele abaixou a cabeça sob os ramos antes de esticar. Nash torceu o nariz.

"Ok, agora eu posso sentir o cheiro do xixi."

Sidney riu e deu um tapa de brincadeira no estômago de Nash. "Eu disse a você."

"Sim, você disse." Respondeu ele. Nash esperou que Sidney retirasse a mão, mas isso não aconteceu.

Sidney rolou para o lado dele, se colocando ainda mais perto de Nash. "Você sempre fez isso quando era jovem?"

Nash olhou dentro daqueles olhos verdes claros que ele sempre achou tão fascinante. Ele estava sendo puxado e não sabia como lutar contra isso. "Eu acho que toda criança fez isso."

"Sério?" A mão de Sidney começou a esfregar círculos no estômago e no peito de Nash. Quando o polegar escovou o mamilo de Nash através de sua camisa, ele respondeu imediatamente. O descontraído sorriso de Sidney se tornou quente. "Posso te perguntar uma coisa?"

Não! Nash queria gritar. Ao contrário, ele não disse nada. Ele engoliu todo o nó em sua garganta quando seu pênis começou a encher.

"Você gosta de mim?" Sidney perguntou, se aproximando.

"Você sabe que eu gosto." Nash respondeu, recusando-se a mover.



A mão de Sidney viajou até o pescoço de Nash para descansar em sua bochecha. Sua perna dobrada se moveu para deitar por cima de Nash, colocando sua virilha perigosamente perto da coxa de Nash. "Você sabe o que estou perguntando."

Sim, Nash sabia. Ele só não sabia como responder. "Você é jovem demais para mim." Ele sussurrou.

A perna de Sidney se esfregou contra a frente das calças jeans de Nash. "Eu sou velho o suficiente."

O peito de Nash apertou enquanto ele lutava para controlar seu desejo. Sidney tinha lhe dado luz verde, então que diabos ele estava esperando? Nash rolou para seu lado e apoiou sua cabeça em sua mão. "Então você já teve a sua quota de homens? Porque eu não quero ser o seu primeiro."

Sidney circulou os lábios de Nash com a ponta de sua língua. "Você está longe de ser o primeiro, mas por que você não quer ser? Eu pensei que todo homem sonhasse tirar a virgindade de alguém." Capturando a língua de Sidney com os lábios, Nash a sugou em sua boca. Ele não conseguia manter suas mãos de vagar pelo o corpo esguio quando permitiu que Sidney saqueasse sua boca.

Deslizando suas mãos entre eles, Nash puxou o cordão que segurava o moletom de Sidney no lugar. O toque de Nash foi imediatamente para a pequena bunda apertada de Sidney. "Oh, inferno," ele disse, rompendo o beijo.

Sidney subiu mais sua perna sobre o corpo de Nash, abrindo-se ainda mais para a exploração de Nash. "Preciso de você." Disse Sidney, olhando nos olhos de Nash. "Eu sempre precisei de você."

Sidney recuou longe o suficiente para cuspir em sua mão. Alcançou por trás dele e revestiu seu buraco com saliva. "Toque-me." Ele suplicou.

O dedo médio de Nash circulou a pele enrugada antes de empurrar para dentro. O calor do corpo de Sidney era surpreendente quando Nash movia o dígito dentro e fora do



buraco do homem menor. Ele não podia imaginar como seria a sensação de ter seu pênis rodeado por tal calor.

"Foda me," disse Sidney, raspando no pescoço de Nash com os dentes. "Eu sonhei com você me fodendo por anos."

Anos? A declaração puxou Nash para fora do momento. Ele retirou o dedo e tentou se afastar, mas Sidney continuou agarrado a ele. "Eu não posso fazer isso." Murmurou Nash, rolando para trás.

A mão de Sidney segurou a ereção de Nash. "Não se preocupe. Eu vou falar com você através dele."

Nash se deu conta que Sidney tinha interpretado mal sua declaração. Ele estendeu a mão e parou a mão de Sidney quando ele começou a abrir a calça jeans de Nash. "Não. Eu sei muito bem como foder um homem."

"Mmmm, aposto que você sabe." Sidney chutou seu moletom antes de tentar subir em cima de Nash.

"Esta não é uma boa ideia." Nash protestou. "Não apenas não temos o material, mas você está partindo em uma semana e meia."

"Eu tenho lubrificante e preservativo na minha bolsa." Sidney começou a se levantar, mas Nash o segurou no lugar.

Nash fechou os olhos e abraçou Sidney contra seu peito. Seria tão fácil simplesmente se soltar e desfrutar de tudo o que Sidney tinha a oferecer, mas onde isso os levaria? O que aconteceria quando Sidney voltasse para a faculdade?

Nash não tinha dúvida de que ele facilmente desempenharia o papel de amante ciumento. Imaginar Sidney na faculdade com um campus inteiro de homens para seduzir não agradou absolutamente. Além disso, ele amava Sidney. O que aconteceria se os dois tivessem uma briga de amantes e nunca mais se falassem? Não apenas teria Nash sair do emprego, mas ele quebraria a promessa que tinha feito anos antes estar sempre lá para Sidney.



"Foda!" Nash rolou Sidney de cima dele e se levantou em um braço. Olhando para aqueles olhos verdes lindos, Nash odiava o que ele estava prestes a dizer. "Eu não posso foder você uma vez e esquecer isso."

"Então não esqueça."

Nash não perdeu a expressão de dor no rosto de Sidney quando ele disse isso.

"Eu preciso de você na minha vida, mas como um amigo. Se trouxermos o sexo para ela, nada entre nós jamais será o mesmo."

"Eu sei." Sidney concordou. "As coisas podem ser muito melhor entre nós."

Nash balançou a cabeça. "Ou pior, e eu não vou correr o risco de perder você por uma foda."

Sidney agarrou seu moletom antes de se afastar de Nash. Ele fugiu fora do abrigo da árvore e parou.

"Acho que eu não percebi o que tudo isso seria para você."

A rouca emoção na resposta de Sidney preocupou Nash. Machucar o homem mais jovem era o que ele estava tentando evitar.

"Sidney," ele chamou, estendendo a mão na direção do homem em retirada quando percebeu as lágrimas escorrendo pelo rosto de Sidney.

"Tranque quando você sair." Disse Sidney antes de correr para as escadas.

Nash ouviu a porta de Sidney se fechar. "Foda."

Sabia que não deveria, mas Nash não se conteve. Deixando Sidney na véspera de Natal com aquele olhar triste em seus olhos o assombraria muito além da temporada de férias. Ele subiu as escadas, esperando que não estivesse cometendo o maior erro de sua vida.

"Sidney?" Ele chamou, batendo na porta fechada. Quando ele não recebeu nenhuma resposta, ele tentou a maçaneta e descobriu que ela estava destravada. Entrando no quarto, Nash tomou um profundo suspiro. "Eu sinto muito." Nash foi se sentar ao lado de Sidney na cama. "Eu estava errado em dizer o que eu disse. De forma alguma no mundo fazer amor com você seria apenas outra foda. Talvez seja isso que me assusta mais."



Vestindo apenas o moletom, Sidney girou para enfrentar Nash.

"Eu sei como é ser fodido. Mas apenas uma vez eu queria saber como é com alguém que realmente se importava comigo."

Nash não podia discutir a questão. Ele queria a mesma coisa. "Venha aqui." Disse, abrindo seus braços.

Quando Sidney se mudou para o seu abraço, Nash esmagou o jovem homem contra seu peito. Ele enterrou o rosto nos longos e negros cabelos que ele amava tocar. Eles apenas podiam ter uma noite juntos, e Nash ainda estava preocupado que isso seria um grande erro, mas ele não podia negar a si mesmo ou a Sidney a experiência.

Ele envolveu o rosto de Sidney antes de mergulhar para outro beijo como os que eles tinham compartilhado embaixo. Enquanto saqueava a boca de Sidney com sua língua, Nash alcançou entre eles e desabotoou sua camisa. Ele queria sentir Sidney pele contra pele.

Sidney não perdeu tempo e assumiu o lugar de Nash. Ele empurrou a camisa dos ombros de Nash antes de interromper o beijo. Sidney lambeu seu caminho abaixo do pescoço de Nash, em sua clavícula e para baixo para seu peito. Prendeu sua boca ao mamilo de Nash e chupou, tirando gemidos de prazer de Nash.

Nash enterrou os dedos na parte de trás do cabelo de Sidney e o segurou no lugar enquanto se deitava na cama. "É tão bom."

"Mmm Mmm," Sidney respondeu, sem tirar sua boca da protuberância de Nash.

A atenção estava tendo um efeito direto sobre o pênis de Nash, que crescia pressionando o zíper de sua calça jeans. Ele puxou Sidney em cima dele, precisando do peso que o corpo de Sidney fornecia. Deus, se a boca de Sidney era tão boa em seu peito, como seria sentir aqueles lábios em torno do seu pênis?

Como se estivesse lendo os pensamentos de Nash, Sidney soltou o mamilo de Nash. "Quero sentir seu gosto."

Nash assentiu com a cabeça, empurrando-se contra Sidney em um apelo silencioso.



Com um grande sorriso no rosto deslumbrante, Sidney escorregou para baixo até se insinuar entre as coxas espalhadas de Nash. Sidney passou a mão sobre a evidente ereção que ainda estava presa dentro do jeans de Nash. Ele seguiu o toque com a sua boca, raspando o jeans desbotado com os dentes.

Nash gemeu. "Tire-o para fora antes que eu exploda em minha cueca."

Sidney estalou no botão antes de baixar lentamente o zíper de Nash. "Eu não consigo acreditar que estou prestes a fazer isso."

Nem Nash poderia, mas não havia nenhuma maneira no inferno que poderia pôr fim a isso. Ele estendeu a mão e empurrou o seu jeans e cueca para baixo o suficiente para seu pênis saltar livre. Ele teria preferido tira-las completamente, mas retirar Sidney do meio de suas pernas não era algo que Nash tampouco queria.

O primeiro toque de língua de Sidney na ponta do pênis de Nash quase o fez explodir. Nash lutou pelo controle, na esperança de evitar seu clímax até que ele tivesse a chance de fazer amor com Sidney.

"Não provoque. Estou muito perto."

Após recolher uma grande gota de pré-sêmen em sua língua, Sidney se arrastou acima no comprimento do corpo de Nash para um profundo beijo. Nash gemeu na combinação de gostos enquanto tentava conseguir ambos despidos. Ele precisava estar dentro do corpo quente de Sidney. Apenas uma vez, ele queria mostrar a Sidney sem palavras o quanto o amava. Usando seu próprio pré-sêmen de lubrificante, Nash separou as bochechas da bunda de Sidney. Ele se encantou com os engraçados ruídos que Sidney fez quando Nash violou seu buraco com o dedo.

"Lubrificante." Disse Nash, depois de alguns empurrões de sua mão.

Sidney se levantou e olhou para baixo com um olhar tão sensual que quase fritou o cérebro de Nash.

"Eu vou pegar o lubrificante, mas eu prefiro que você vá com calma com isso." Sidney praticamente ronronou.



Nash engoliu em seco. Seria possível que as experiências sexuais de Sidney superassem as suas? Nash deixou sair uma respiração lenta quando Sidney rastejou sobre ele e atravessou a sala, confortável em sua nudez. Nash sempre foi um amante bastante seguro, mas havia algo sobre Sidney que o fez hesitar. E se ele não estivesse à altura?

Sidney enfiou a mão na bolsa e tirou uma garrafa minúscula e bem usada de lubrificante. Ele a segurou em sua mão. "Promete que vai usar apenas o suficiente para entrar?"

Nash rolou para um dos lados da grande cama, tão nervoso como uma virgem. "Certo." Evidentemente Sidney apreciava uma picada de dor e, apesar de Nash não estar acostumado a isso, ele não era completamente contra. A ideia era dar a Sidney uma noite que ele não fosse esquecer tão cedo, certo? Nash ficou maravilhado com o sorriso de Sidney enquanto ele subia de volta para a cama. Era bom ver o homem parecer realmente feliz para variar. Nash estendeu a mão, e Sidney lhe passou o lubrificante.

"Não se preocupe, estou acostumado com isso." Sidney ficou com um profundo tom de vermelho. "Isso saiu errado. Eu não quero que você pense que eu..."

"Não penso." Disse Nash, cortando Sidney. Ele não queria pensar em todos os homens que tinham fodido Sidney. Embora Nash nunca tivesse sido fodido sem lubrificante, ele tinha sido fodido por dedos sem nada, exceto cuspe e queimava como o inferno. "Posso te perguntar uma coisa?"

"Claro." Sidney se colocou ao lado de Nash. Ele rolou para o lado dele e envolveu um braço sobre o peito de Nash.

"Você quer que eu machuque você? É isso?" Nash perguntou.

A mão de Sidney começou a esfregar através do peito levemente cabeludo de Nash antes de descer para fazer cócegas nos pelos curtos ao redor do pênis de Nash. "Não, não é isso, mas eu descobri que eu não gosto de ser fodido quando as coisas estão muito lisas lá em baixo. Eu quero sentir tudo com você. Eu não sou completamente ingênuo. Eu sei que vou



ficar dolorido nos próximos dias, mas é isso que eu quero." Sidney se debruçou sobre Nash e o beijou. "Eu quero uma lembrança dessa noite."

Nash mergulhou para outro beijo. Passou a língua em torno do interior da boca de Sidney quando veio um pensamento. Nenhum lubrificante. Cuspe teria que funcionar. Embora Nash nunca tivesse lambido o ânus de um amante a ideia de fazer isso a Sidney o atraía. Ele interrompeu o beijo. "Vire-se."

Com um risinho esperto que fez o estômago de Nash estremecer, Sidney se virou em seu estômago. Sidney sorriu para Nash enquanto espalhava lentamente suas pernas e puxava seus joelhos debaixo dele.

Porra. Essa era a primeira boa olhada que Nash tinha da bunda maravilhosa de Sidney.

"Perfeição." Ele sussurrou para si mesmo.

Sidney riu. "Eu não iria tão longe."

"Eu iria." Nash se moveu para se ajoelhar por trás de Sidney. De repente, o pensamento de lambar a perfeita bunda com sua língua não incomodava mais. Separando a bunda de Sidney com as mãos, Nash se inclinou e golpeou sua língua sobre a pele enrugada.

Se foi a textura contra sua língua ou a reação de Sidney para ela, Nash não soube, mas ele gemeu e continuou a dar a enrugada pele escura um banho completo de língua.

"Jesus!" Sidney gritou. "Foda-me. Por favor." Ele implorou.

Nash aplicou mais cuspe ao buraco relaxado antes de inserir um dedo. O corpo de Sidney aceitou a intrusão facilmente, levando Nash a adicionar um segundo dedo. Não demorou muito antes de Sidney começou a se foder nos dedos de Nash.

"Agora." Sidney gemeu.

Nash pegou o lubrificante. Como prometido, ele usou apenas umas gotas para cobrir seu pênis.

"Pronto?"

"Inferno, sim."



Segurando seu pênis pela base, Nash pressionou a coroa no buraco de Sidney. Ele aplicou pressão, mas esperou que o corpo de Sidney aceitasse a cabeça grossa.

Com outro gemido de Sidney, Nash empurrou sua coroa através do anel externo de músculos. Sidney tinha razão — foder sem tanto lubrificante certamente não atrasaria o processo.

"Siiim," Sidney silvou. "Mais."

Nash balançou seus quadris para frente e para trás até o seu comprimento total estava enterrado profundamente dentro da bunda de Sidney. Ele soltou a respiração que não tinha percebido que estava segurando. "Diga-me quando você estiver pronto."

"Não espere por mim." Sidney respondeu com os dentes cerrados. "Faça."

"Não vou te machucar." Nash respondeu, embora seu corpo estivesse começando a ter outras ideias.

"Você não vai." Sidney começou a se mover, fodendo a si mesmo.

Cedendo, Nash agarrou os quadris de Sidney e começou um ritmo lento, mas duro. O que ele já fez em sua vida para merecer um momento tão perfeito? Seu corpo estava em chamas, enquanto sua alma subia muito acima de ambos.

Sidney passou uma mão sob ele mesmo antes de olhar por cima do ombro para Nash.

"Aperte minhas bolas. Duro."

Outro pedido que Nash nunca ouviu de um amante. Ele estendeu a mão para encontrar as esferas perfeitamente delineadas e fez como ordenado.

"Mais duro. Eu preciso gozar." Sidney ofegava.

O suor escorria da lateral do rosto de Nash e ele usou sua mão livre para limpá-lo.

Ele aplicou mais pressão sobre o perfeito saco pendurado sob Sidney. Isso deveria ser doloroso, mas Sidney gemeu mais alto no aperto de Nash.

"Vou gozar," alertou Sidney, segundos antes de seu corpo estremecer com seu clímax.

Nash largou os testículos de Sidney. Ele voltou sua atenção em foder Sidney tão duramente quanto podia. Poderia ser diferente para Nash, mas, obviamente, Sidney gostava



do jogo áspero. Não demorou muito para que Nash pudesse sentir seu próprio orgasmo iminente. “Indo.” Ele grunhiu.

Quando seu clímax correu através dele, os pelos sobre o corpo de Nash se eriçaram. Ele descansou a testa na coluna de Sidney quando saía à última explosão.

Sidney desmoronou na cama com Nash em cima dele. “Foda perfeita.” Ele murmurou.

Incapaz de falar, Nash concordou com a cabeça e passou os braços ao redor de Sidney. Levou alguns momentos para sua cabeça clarear, mas Nash logo começou a se perguntar o que ele tinha acabado de fazer. Ele tinha ficado preocupado com o impacto emocional em foder Sidney, mas não contava com o impacto físico. Depois de uma noite com o jovem, Nash sabia que ele nunca mais estaria satisfeito sexualmente com mais ninguém. Seria possível se tornar viciado em algo depois de apenas provar isso uma vez? Merda!

Nash se retirou, apesar do protesto vocal de Sidney. Precisava de um momento para processar tudo que tinha acontecido. Ele se levantou da cama. “Eu já volto.”

Ele usou a necessidade de urinar como uma desculpa para fugir para o banheiro próximo. Depois de ligar a torneira, Nash jogou água fria em seu rosto antes de pegar uma toalha. Ele continuou a usar a água fria para limpar o seu pênis na esperança de seu vício recente para o corpo de Sidney se esfriar.

Nash sabia que ele tinha duas opções: voltar para o quarto e subir embaixo das cobertas, ou fugir de Sidney o mais rápido que podia. Não era mais uma questão de saber se ele estaria com ciúmes depois de Sidney partir, mas o quanto isso afetaria o resto de sua vida. Ele se mudou para girar a torneira para aquecer antes de enxaguar o pano. Com um coração pesado, Nash levou o pano para o quarto e o colocou sobre a mesa de cabeceira. Sidney já estava debaixo das cobertas, mas ainda acordado.

“Eu devo sair daqui.” Disse Nash.

“Fique comigo.”

Nash balançou a cabeça. “Nenhum de nós sabe a que horas Jackson chegará. E se eu me deitar, eu vou dormir dentro de segundos.”



Ele pegou suas roupas do chão. Ele desejava dizer a Sidney o quanto o sexo entre eles tinha significado, mas detestava dar ao jovem uma falsa esperança. Nash se vestiu rapidamente antes de se abaixar para colocar um beijo suave nos lábios de Sidney. "Feliz Natal."

"Feliz Natal." Murmurou Sidney. Era evidente que Sidney estava incomodado pela partida iminente de Nash.

Nash alisou o cabelo de Sidney longe de seu rosto. Sidney nunca saberia o quão difícil era para ele ir embora, mas Nash sabia que ele não tinha escolha. Deu a Sidney um último beijo antes de sair pela porta.

Antes de sair da casa Nash desligou as luzes da árvore de Natal.

Depois de desligar o resto das luzes do andar de baixo, ele ficou na parte inferior da escada por uns longos momentos. Se houvesse mesmo a menor chance de que algo pudesse dar certo entre os dois, ele colocaria seus medos de lado e correria pelas escadas, mas ele sabia a verdade. A vida de Sidney estava na cidade. Não havia muita solicitação para engenheiros de arquitetura numa região de fazendas e ranchos. Especialmente para um homem como Sidney, que sempre quis projetar edifícios altos e museus.

Nash brevemente pensou em se mudar para a cidade e bufou. Fale sobre um pato fora da água. Exceto os pobres animais criados para puxar turistas gordos em torno dos parques, não existiam muitos cavalos na cidade.

Ele atravessou o hall de entrada e ergueu seu casaco do cabide ao lado da porta da frente. Puxando um pequeno presente embrulhado, Nash balançou a cabeça. Ele deveria ter dado isso a Sidney no início da noite antes dele deixar as coisas irem muito longe entre eles. Nash levou o presente para a sala escura e o colocou debaixo da árvore. Pelo menos Sidney teria um presente para abrir.



Na manhã de Natal, Sidney acordou com o som de um caminhão a diesel fora da janela de seu quarto. Ele não precisava se levantar para saber que seu pai estava em casa. Olhando para o teto, Sidney sabia por que ele não estava pulando para fora da cama. Ele se virou e puxou as cobertas até ao pescoço.

"Sidney!" Jackson gritou da base da escada. "Levante-se. Preciso de sua ajuda."

Sidney fechou os olhos. Talvez se ele fingisse que estava dormindo seu pai cuidaria de seus assuntos.

A porta do quarto se abriu antes de Sidney ter uma chance de colocar seu rosto adormecido. "Preciso de ajuda para descarregar um cavalo que eu trouxe para Nash."

Foi à menção do nome de Nash que finalmente conseguiu a atenção de Sidney. "Nash já tem um cavalo."

"Não como esse. Levante-se."

Com um gemido de protesto, Sidney se sentou. "Dê-me alguns minutos para lavar o rosto e colocar uma roupa."

A cabeça de Jackson inclinou para o lado, enquanto olhava para Sidney. "Sim, é melhor você lavar toda essa merda fora de seus olhos a menos que você queira que alguém o confunda com uma mulher."

Sidney esfregou a pele sob seus olhos e voltou com uma mancha preta. Ele normalmente tinha o hábito de lavar o rosto antes de dormir, mas a situação com Nash na noite anterior havia o levado em lágrimas. Apesar de Nash não ter dito isso, Sidney sabia que era a primeira e única noite deles juntos.



Quando parecia que seu pai não estava com pressa de sair, Sidney fez um gesto para seu peito nu. “Você se importa?”

“Oh,” disse Jackson. “Vou te encontrar na frente do celeiro.”

Sidney esperou até a porta se fechar antes de jogar as cobertas fora de seu corpo nu. O pensamento de sair no frio cortante da manhã de Natal mudou seu humor de mal-humorado e sonolento para irritável em uma pulsação. Seu pai não tinha sequer se incomodado em dizer 'Feliz Natal', o bastardo.

Embora seu traseiro estivesse tão dolorido quanto esperava, não deixou Sidney com o sentimento de euforia que esperava. Ele se vestiu depressa antes de puxar seu cabelo atrás em um rabo-de-cavalo solto.

Sidney sabia que seu cabelo deixava seu papai louco, e se ele fosse completamente honesto com ele mesmo, ele admitiria que essa foi a razão principal que ele o tinha deixado crescer. Claro que não foi a única razão.

Outros homens pareciam realmente amar isto. Quantas vezes um homem enterrou seu rosto atrás do pescoço do Sidney enquanto o fodia? Todos eles comentavam o cheiro cítrico de seu xampu e como os macios e longos fios pareciam contra suas peles.

“É pra hoje, Sidney!” Jackson gritou.

Sidney preparou um rosto antes de abrir a porta. Pelo menos ele duvidou que seu pai estivesse em casa por mais que alguns dias. Seu pai não esteve ao redor para o aniversário de Sidney durante anos, por que a rotina mudaria agora?

Até o momento em que Sidney puxou suas botas e vestiu seu casaco, chapéu e luvas, seu pai já estava do lado de fora tocando a buzina. “Eu estou indo!” Ele gritou, saindo sobre a varanda da frente.

O homem tinha que ser um completo idiota para conduzir um reboque de cavalo do Colorado a Bridgewater, durante uma nevasca. Sidney se juntou ao seu pai atrás do reboque. Nunca tinha sido convidado para descarregar gado ou cavalos, ainda assim o pedido o incomodava. “O que há de tão especial sobre o cavalo que você deseja minha ajuda?”



O cavalo escolheu aquele momento para chutar com sua perna, atingindo a porta de reboque.

Jackson olhou do cavalo para Sidney. "Diablo tem problemas."

Sidney se moveu para frente do reboque para poder ver melhor o rosto do cavalo negro. "Que diabos aconteceu com ele?"

O punho que socou na lateral do rosto foi uma boa lembrança do que não dizer em torno de seu pai. Por causa do gelo e neve escorregadios, Sidney perdeu seu equilíbrio e caiu no chão. Ele levantou o braço para se defender de quaisquer golpes novos. "Desculpe pai."

Jackson rosnou. "Só porque você está na faculdade não significa que você pode esquecer as regras da casa."

"Eu sei." Sidney esperou permissão para se levantar. Enquanto ele continuava deitado ali, o calor de seu corpo começou a derreter a neve debaixo dele, encharcando sua calça jeans na pele.

"Vai chegar um daqueles sacos de ração para colocar sobre os olhos de Diablo, enquanto nós tentamos tirá-lo do reboque em segurança." Jackson ordenou.

Sidney não estava preocupado sobre o cavalo tanto como ele estava preocupado para sua própria segurança nas mãos de seu pai. Jackson raramente batia em Sidney, mas quando ele fazia seu humor geralmente durava por horas, às vezes dias.

Sidney ficou de pé. Ele não se atreveu a olhar para seu pai antes de correr para o celeiro para o saco. Ele levou vários momentos para encontrar um que parecia limpo o suficiente para arriscar colocar sobre os olhos de Diablo e, quando voltou ao reboque, Sidney podia dizer que seu pai estava rapidamente perdendo a paciência. "Desculpe."

Jackson se moveu com precisão para conseguir o cavalo amarrado. Ele enfiou o saco de ração ao redor do cabresto, mas não antes de Sidney conseguir uma boa olhada na cabeça com cicatrizes do cavalo. Mais uma vez ele se perguntou o que tinha acontecido com o pobre animal.

"Ok, agora venha aqui e segure firme o arreio enquanto eu abro a porta."



Diablo estava começando a ficar inquieto novamente. No momento em que Jackson soltou, e antes de Sidney conseguir um bom controle sobre os arreios, o cavalo empurrou a cabeça para trás e chutou a porta mais uma vez.

"Maldição, Sidney! Mantenha-o imóvel!" Jackson gritou.

Sidney estava grato que seu pai não estava dentro de uma distancia para golpear. Como era Sidney teria que mentir para Nash sobre a contusão que ele podia sentir aumentando em seu rosto. Apenas uma vez Nash tinha visto a obra de Jackson e isso não tinha sido bonito. Normalmente, seu pai tinha um melhor controle sobre si mesmo e se ele dirigisse sua raiva em Sidney geralmente era em um lugar que não fosse visível.

No entanto, alguns anos atrás, Jackson tinha cometido o erro de escurecer o olho de Sidney num acesso de raiva. Nash viu Sidney quando ele visitou a casa inesperadamente, e Sidney levou uma hora para acalmar Nash. A última coisa que Sidney queria era que Nash desse a Jackson o que ele merecia e ser despedido em consequência. Sidney precisava demais de Nash para arriscar isto.

Não, ele diria a Nash que tinha obtido a contusão lutando para conseguir o cavalo para fora do reboque.

A porta do reboque se abriu, e Diablo quase puxou para fora o braço de Sidney de sua articulação em sua pressa de se libertar. "Calma, menino." Sidney tentou acalmar o cavalo, mas com a mão pesada de Jackson na liderança do arreio, o gentil tratamento de Sidney passou despercebido por Diablo.

Sabendo que isso iria colocá-lo em problemas, mas incapaz se segurar, Sidney largou o arreio. "Eu não tenho mais o controle dele," ele gritou para seu papai.

Sidney pulou o degrau do reboque e correu para trás no caso dele ser necessário. "Devo conseguir outra corda?"

"Abra a porta do curral," Jackson mandou.

"Eu pensei que você estava planejando colocá-lo no celeiro?"

"Não discuta comigo!" Jackson gritou.



Sidney mordeu a língua e correu em direção ao grande portão do curral. Assim que o abriu, ele entendeu o que seu pai estava tentando fazer. O portão bateu a extremidade do reboque, bloqueando a fuga de Diablo daquele lado. Sidney se sentiu estúpido por não perceber. Não era de admirar que seu pai odiasse quando ele o questionava.

Jackson trabalhou sozinho por alguns momentos antes de gritar com Sidney mais uma vez. "Não fique aí parado, consiga sua bunda de volta para cá e proteja esse outro lado."

Sidney se certificou que o portão não estava indo a lugar algum antes de correr de volta em torno do trailer e para ficar do lado esquerdo do reboque enquanto Jackson tentava controlar o cavalo se debatendo.

Como se em câmara lenta, Diablo girou na direção de Sidney e se ergueu em suas pernas traseiras. Os cascos gigantes chegaram a poucos centímetros de esmagar o rosto de Sidney. Do nada, dois braços fortes empurraram Sidney para fora do caminho.

Sidney caiu no chão enquanto Nash alcançava e agarrava Diablo pelo arreio, dando ao cavalo um bom puxão. Os cascos do cavalo retornaram à neve profunda. Nash alcançou o rosto de Diablo e arrancou o saco de grãos. Homem e cavalo se entreolharam por alguns instantes antes de Nash falar. "Você está bem, Sidney"?

"Sim," Sidney respondeu, olhando para seu pai.

Ele podia dizer pela expressão do rosto vermelho de seu pai que ele não estava feliz com os eventos que acabara de acontecer. "Leve-o para o celeiro," disse a Nash.

Nash quebrou o contato visual com o cavalo e olhou para Jackson. "Você deveria ter me chamado. Você tem alguma ideia de quão próximo você estava de perder seu filho?"

Jackson entregou a liderança para Nash. "Talvez se ele tivesse prestado um pouco mais de atenção ao longo dos anos, ele estaria mais preparado para lidar com a situação."

Ainda no chão, Sidney estava congelado no lugar pela habilidade com que Nash tratava o cavalo. Enquanto Nash conduzia o garanhão para o celeiro, Sidney não pôde deixar de notar as cicatrizes no cavalo. Não havia dúvida de que Diablo tinha sido uma beleza e



apesar de Sidney não saber tudo o que devia sobre pecuária, ele podia muito bem dizer quando um animal era caro quando viu um.

"Feliz Natal", murmurou Jackson, entrando no celeiro.

Sidney aproveitou a oportunidade para se levantar. Ele se limpou antes de pisar apenas dentro da porta do celeiro aberto.

"O que aconteceu com ele?" Nash perguntou, colocando Diablo dentro da baia na extremidade.

"O que lhe parece?" Jackson perguntou.

"Parece para mim que alguém usou um chicote nele, mas não consigo descobrir por que razão alguém faria algo tão cruel," Nash respondeu.

"Diablo tem linhagem para ser um campeão no ringue, mas ele é um teimoso e miserável filho da puta. O filho de um amigo levou o chicote para ele em um esforço para colocá-lo sob controle, mas isso só fez o temperamento de Diablo pior."

"Bem, merda nenhuma," Nash murmurou tão baixinho que Sidney mal o ouviu. "Então, por que o trouxe aqui?"

"Eu disse ao meu amigo que se alguém pudesse passar por esse cavalo seria você," Jackson informou a Nash.

Nash encheu o balde de água antes de quebrar o bloco de feno e coloca-lo no alimentador de Diablo. Depois que o cavalo foi cuidado, Nash fechou a baia. Ele se virou para Jackson. "Se eu vou trabalhar com ele, você tem que me dar a sua palavra que ninguém mais vai mexer com ele."

"Tudo bem," Jackson concordou.

Sidney estava fascinado por toda a situação. Por que seu pai permitia que Nash falasse com ele daquela maneira? Sidney sabia que Nash tinha agido como o capataz quando Jackson estava longe do rancho — e o que isso tinha alguma coisa a ver com isso? Com que frequência seu pai estava ausente?



Nash rodeou Jackson e foi ficar na frente de Sidney. Ele inclinou o rosto de Sidney para o lado. Com os olhos apertados, roçou a pele macia do rosto de Sidney com o polegar calejado.

"Como isso aconteceu?" Nash perguntou.

Mentir para Nash não era algo que Sidney pudesse fazer especialmente depois do que eles tinham compartilhado na noite anterior. "É Natal", ele finalmente sussurrou. "Vamos aproveitar o dia."

Sidney assistiu como a mandíbula de Nash apertou. Era óbvio que havia uma guerra acontecendo dentro do homem mais velho. Sidney olhou para seu pai que estava assistindo ao jogo entre Nash e seu filho de perto.

"Não consiga você mesmo despedido," Sidney disse a Nash. "Por favor."

"Você vai ficar bem sozinho com ele hoje? Porque eu tenho medo do que poderia acontecer se eu ficar por aqui."

Sidney concordou com a cabeça. "Eu estou bem."

Nash largou o queixo de Sidney e recuou.

"Porque vocês dois não vão para casa conseguir algumas roupas secas? Vou guardar o caminhão e o reboque."

"Estou fazendo presunto para o jantar. Você está convidado a vir." Sidney ofereceu.

"Talvez outra hora. Eu tenho tarefas a fazer e um cavalo novo para desvendar."

Nash virou Sidney de frente para a porta do celeiro. "Vá para a casa antes que você pegue uma pneumonia."

Sidney fez o que lhe foi dito, mas o Natal já havia perdido sua atração.

Com alguma sorte, seu pai voltaria para o Colorado em breve, e ele teria a oportunidade de descobrir o que aquele olhar nos olhos de Nash significava.



Capítulo Quatro

Depois do café, Jackson subiu para tomar um banho, enquanto Sidney lavava a louça. Como ele esfregava a frigideira de ferro fundido com água quente e imerso em pensamentos, Sidney observava Nash do lado de fora da janela.

A maneira rápida em que Nash se movia impressionava Sidney. Até mesmo a temperatura de único dígito lá fora não parecia incomodar Nash enquanto ele metodicamente alimentava o gado, seu chapéu de cowboy puxado para baixo para ajudar a proteger seu rosto da neve.

Sidney colocou a frigideira no fogão antes de ligar o queimador.

O café da manhã tinha sido uma coisa silenciosa. Ele não tinha perdido os olhares destinados a ele por seu pai. Sidney se perguntava se era a contusão que havia crescido na bochecha ou o lápis de olho que ele tinha colocado após o seu banho quente. Era óbvio que Jackson odiava seu filho usando maquiagem, mas até agora não havia gritado com Sidney por isso. É claro que o dia mal tinha começado e depois do soco do lado de fora, seu pai parecia estar em seu melhor comportamento.

O cheiro de ferro fundido quente lembrou Sidney de desligar o queimador. Ele andou de volta para a janela para conseguir outra olhada para Nash. Ele não pôde deixar de sorrir enquanto Nash andava através da neve soprando. Maldição, ele amava um par de pernas arqueadas.

“Eu vou deitar um pouco,” gritou Jackson escada abaixo.

“Tudo bem.” Respondeu Sidney. Ele esperou até ele ouvir seu pai fechar porta antes de colocar o casaco e botas.

Ele checkou seu bolso para ter certeza que seus cigarros não tinham caído na correria anterior no frio antes de abrir a porta da frente. Ele caminhou para o final da varanda, fora da vista de Nash, e o ascendeu.



Uma coisa era certa, permanecendo de pé em temperaturas frias certamente reduzia seu desejo de fumar. Ele olhou para a árvore de Natal através da janela. Embora não tivesse tido tempo de acender as luzes, a própria árvore servia como um lembrete dos eventos da noite anterior.

Sua reação inicial foi de sorrir ao se lembrar da sensação de Nash tocando-o, fodendo-o. Depois que Nash tinha ido para casa, Sidney teve uma chance realmente de pensar. Nash não tinha dito que não queria estar com Sidney novamente, mas ele tinha uma estranha sensação de que era um acordo de uma única vez com Nash. Talvez se Sidney se abrisse e dissesse ao homem mais velho como ele se sentia, Nash mudaria sua mente.

Sidney inalou mais uma vez o cigarro antes de jogá-lo fora da extremidade da varanda em um amontoado de neve. Ele eventualmente teria que sair e recolher as suas bitucas, mas tinha certeza que seu segredo estava seguro no momento. Uma grande parte dele queria correr para o celeiro e se jogar nos braços de Nash.

Confissão era bom para a alma. Não era esse o ditado? Sidney deu de ombros. Antes que pudesse fazer qualquer coisa, ele precisava escovar os dentes e lavar as mãos ou então ele e Nash nunca chegariam a ser honestos um com o outro.

Depois de se lavar, Sidney pegou o envelope de sua cômoda. Ele queria que seu presente tivesse sido terminado antes do Natal, mas esperava que Nash reconhecesse que isso valia a pena a espera.

Antes de sair de casa, Sidney parou na sala e ligou a árvore. Um pequeno pacote embrulhado chamou sua atenção. Sidney colocou o envelope para Nash de lado antes de pegar o presente. "Para Sidney de Nash."

Sidney abraçou o presente em seu peito antes de abri-lo. Seu coração aqueceu no totem esculpido à mão. Embora pequenos no tamanho, o totem contava com seis animais diferentes.

Sidney não pôde evitar se perguntar que isso significava. Tinha que significar alguma coisa. Nash nunca deu um presente sem um significado por trás dele.



Era a desculpa perfeita para procurar Nash no celeiro. Com o totem escondido dentro de sua jaqueta, Sidney pegou o envelope e foi lá pra fora.

Ele acenou para Nash, que estava a espetar outro fardo grande e redondo de feno com o trator, e apontou em direção ao celeiro. Enquanto esperava por Nash, Sidney tentou conseguir uma olhada melhor em Diablo. Depois do aviso anterior de Nash, Sidney não se atreveu a chegar perto da baia. Ao invés disso ele apenas estudou o cavalo de onde estava. "Sinto muito pelo que aconteceu com você, garoto," disse ao cavalo.

A porta abriu e uma rajada de ar frio atingiu Sidney. "Tudo bem?" Nash perguntou.

"Sim." Sidney tirou o casaco antes de retirar o totem. "Eu queria lhe agradecer pelo seu presente."

"Você é bem vindo." Nash empurrou seu chapéu de cowboy dando a Sidney uma melhor visão dos olhos de Nash.

"Posso lhe fazer uma pergunta sobre isso?"

"Claro." Nash tirou as luvas antes de usá-las para derrubar a neve de seu macacão.

"Eu pensei que eu lembrava a você de um antílope, então o que são todos estes outros animais?" Sidney perguntou, correndo os dedos sobre as esculturas.

"Eu acho que você está em fase de transição agora. Você compartilha características com cada um desses animais. Qual deles vai acabar sendo o seu totem de verdade nós vamos ter que esperar para ver."

Sidney sabia que era melhor não perguntar o que significava os animais diferentes. Ele iria procurar no livro que ele havia comprado quando voltasse para a faculdade.

"De qualquer maneira, eu queria lhe dizer o quanto eu amo isso." Ele olhou para os grandes olhos castanhos de Nash. "Eu tenho uma coisa, mas não está pronto ainda, então você vai ter que se contentar com um porcaria de cartão."

Nash sorriu. "Nada dado de coração é uma porcaria. Lembre-se disso."

Sidney arrastou seus pés e estendeu o envelope. Ele aguardou que Nash o abrisse.



O cartão era apenas uma comum expressão de Natal, mas por dentro era uma cópia de uma imagem que ele tinha elaborado.

"Eu amo isso," disse Nash, depois de desdobrar a folha de papel.

Sidney deu uma risadinha. "A imagem não é o seu presente. Estou com um par de chaps² feitas para você. Eu encontrei um rapaz na internet que os faz personalizados. Infelizmente, o cara é mais velho do que eu pensei, e isso está levando muito mais tempo do que eu esperava."

Sidney apontou para o desenho. "De qualquer forma, ele vai colocar o seu nome sobre elas em um tom mais claro do couro. Eu coloquei a estrela lá em memória de seu pai com suas iniciais no centro, espero que esteja tudo bem."

Nash dobrou o desenho antes de colocá-lo de volta no envelope. "Eu nunca tive um par de chaps," disse ele em voz baixa.

O estômago de Sidney apertou. Será que isso significava que ele não os queria? "Eu provavelmente posso tentar cancelá-las se você preferir ter outra coisa?"

Nash olhou para cima do envelope com uma insinuação de umidade em seus olhos.

"Não. Este é o melhor presente que eu já ganhei." Ele estendeu a mão e puxou Sidney para seus braços. "Obrigado."

"É um prazer." Sidney queria que Nash não estivesse tão bem agasalhado. Ele teria adorado beijar a área da pele logo acima do colarinho da camisa de Nash.

"Desculpe-me se eu te magoei na noite passada," Nash disse. "Acredite em mim, se eu achasse que teríamos um futuro, eu levaria você de volta para a cama para o resto do inverno."

Inclinando a cabeça para trás, Sidney beijou o queixo mal barbeado de Nash. "Então você não dorme com pessoas a menos que haja um futuro nisso?"

² Calças de couro feitas para proteger as pernas dos cowboys.



"Eu não disse isso." Nash beijou a testa de Sidney. "Mas eu não vou dormir com você de novo sem isso. Você significa mais para mim do que um amigo com benefícios do tipo de acordo."

Havia algo na maneira que Nash disse isso que deixou Sidney curioso. Nash tinha que estar conseguindo sexo em algum lugar, mas onde? "Quem você fode?"

As sobrancelhas de Nash subiram na sinceridade da pergunta. "Um professor de Hutchinson. Tentamos nos encontrar a cada duas semanas."

Embora Sidney tivesse ido para a cama com uma quantidade de caras nos últimos três anos, saber que Nash tinha alguém machucava. "Qual é seu nome?"

"Reece Lyons." Nash escovado um cacho perdido de cabelo para fora do rosto de Sidney. "A situação funciona para nós, porque ele não pode sair, e eu não tenho nenhuma razão para isso."

Sidney engoliu o nó na garganta. "Quanto tempo?"

"Um tempo."

Era óbvio que Nash não queria entrar em detalhes adicionais sobre seu acordo com Reece, mas Sidney sabia que isso ia continuar a morder ele. Ele odiou o pensamento de outra pessoa conseguindo o que ele desejava.

"Este sujeito, Reece é a razão que você não dormirá comigo novamente?"

"Não. Eu já disse a você minhas razões. Você não é Reece, Bob ou Tim. Você é Sidney. Meu Sidney. E eu não correrei o risco de qualquer um de nós ficarmos mais ferido do que já vai ser quando você partir."

Sidney deu um suspiro. "Você sabe que não faz sentido, certo?"

"Faz todo o sentido para mim. Minha vida é aqui, a sua não é. Mas eu não poderia ficar na Running E se acontecesse alguma coisa que quebrasse o nosso relacionamento." Nash beijou a testa do Sidney novamente. "Você significa maldito muito para mim."

Sidney queria argumentar que eles pertenciam um ao outro, mas sabia que Nash estava certo.



Sidney não pertencia a Bridgewater e ele não poderia imaginar Nash em qualquer outro lugar. Será que ele estaria destinado a viver a vida de uma puta, simplesmente indo de cama em cama? Porque ele sabia em seu coração que nenhum outro homem estaria à altura de Nash. Um toque em seu rosto machucado trouxe Sidney para fora dos seus pensamentos.

"Você vai me dizer como isso aconteceu?" Nash perguntou, examinando a contusão.

"Foi minha culpa tanto quanto dele. Eu cometi o erro de xingar à distância de um braço."

"Maldição." Cuspiu Nash. "Eu lhe disse da última vez que poderia acontecer a ele se alguma vez colocasse a mão pesada sobre você."

Sidney se inclinou para tocar Nash. Ele estava grato por Nash não saber sobre as outras vezes. Não que seu pai fosse um grande e ruim agressor ou qualquer coisa. Jackson apenas tinha um pavio curto e Sidney parecia irritá-lo na maioria das vezes. "Como eu disse, eu sabia muito bem para xingar na frente dele, por isso estou tão culpado."

"Besteira. Quebrar regras é motivo para punição, mas eu não chamaria essa contusão em seu rosto de uma punição adequada." Nash bateu no nariz de Sidney. "O que você acha que ele vai fazer se ele te pegar fumando?"

A pergunta surpreendeu Sidney. "Você sabe?"

Nash deu uma risadinha. "Claro que eu sei. Sinceramente duvido que haja muita coisa sobre você que eu não saiba."

"Tais como?" Sidney perguntou curioso.

"Eu sei que você usa o suéter de lã rosa de sua mãe quando você está triste." Nash começou.

"Como?" Sidney estava mortificado. "Eu vi você sentado na janela enrolado naquela coisa feia mais vezes do que eu gostaria de contar. Geralmente surge após uma briga entre você e Jackson, então eu acho que o suéter faz você se sentir melhor."

"Ele faz." Confessou Sidney. "Embora não cheire mais como a minha mãe."

"White Shoulders." Disse Nash.



"Hein?"

"Sua mãe cheirava a White Shoulders. É um perfume. Compre um frasco e borrife um pouco sobre o suéter."

Sidney inclinou a cabeça para o lado. "Como você sabe o perfume que ela usava?"

Nash deu de ombros. "Posso não tê-la conhecido por muito tempo, mas eu a conhecia. Minha avó usava o mesmo perfume, é assim que eu sei o nome."

White Shoulders. Sidney fez uma anotação mental para conseguir um frasco quando retornasse para a faculdade. Merda, isso não iria funcionar. Por mais que ele amasse as coisas de sua mãe, ele nunca iria levá-los para a faculdade. Josh teria um momento de prazer se ele descobrisse o perfume na gaveta de meias de Sidney.

"Bem, é melhor eu conseguir o presunto no forno ou ele nunca vai ficar pronto a tempo. Tem certeza que eu não posso convencer você em vir para jantar?" Sidney perguntou.

"Eu passo. Ainda não estou pronto para ficar ao redor de Jackson." Nash deu um passo para trás. "Acho que vou terminar as tarefas e ir para casa, aumentar o fogo e assistir filmes durante toda a noite."

"Parece bom." Como seria se aconchegar no sofá com Nash em frente a uma lareira? Sidney tentou empurrar o pensamento longe de sua mente. Isso nunca vai acontecer, ele disse a si mesmo.

"Não é agradável, mas o suficiente." Nash enfiou o cartão de Natal no bolso do casaco. "Obrigado novamente pelo presente."

"Eu já dei ao cara o seu endereço, então ele vai os enviar logo que eles estiverem prontos. Deixe-me saber se eles não se ajustarem, ou algo estiver errado com eles."

Nash vestiu suas luvas. "Eles vão ser perfeitos, e eu vou usá-los com orgulho."



Depois de criar um confortável e improvisado local para ler, Nash puxou o pesado saco de dormir sobre seu colo. Ele olhou para Diablo pelas frestas da porta da baia antes de pegar seu livro.

Era apenas a sexta noite sentado com o cavalo assustado, e Nash já podia ver uma diferença no temperamento de Diablo em relação a ele. Nash não tentou envolver Diablo de alguma outra forma do que, ocasionalmente, falar sozinho em voz alta.

Enquanto ele tentava se concentrar em seu livro, Sidney continuava vindo a sua mente. Jackson havia partido mais cedo no dia de voltar para o Colorado. Nash não conseguia descobrir por que isso era tão importante para Jackson voltar ao confinamento de animais na véspera do Ano Novo. Ainda assim, pelo menos, o homem tinha passado o dia anterior com seu filho.

Nash balançou a cabeça. Ele ainda não podia acreditar que Sidney estava com vinte e um. Ele esperava que o homem fosse inteligente sobre beber. Não que Nash não bebesse—gostava de álcool com moderação—mas ele já tinha visto muitas pessoas perderem o bom senso quando o álcool entrava em cena.

Ele estendeu a mão para sua garrafa térmica e percebeu que a tinha deixado no caminhão. “Merda.” Com um suspiro resignado, Nash colocou de lado seu livro. “Volto já.” Disse ele a Diablo.

Nash abriu a porta do celeiro e automaticamente olhou para a janela de Sidney. Ele não esperava ver o jovem, mas lá estava ele, sentado no banco da janela, o cigarro na mão e aquele maldito suéter em torno dele.



Sidney não estava olhando para Nash — ao invés disso ele parecia estar olhando para algo no quarto. Nash dominou seu desejo de correr para o lado de Sidney. Foi até ele ver Sidney limpando seus olhos que decidiu agir sobre os seus sentimentos.

Ele fechou a porta do celeiro antes de ir para a casa. Era uma incerteza quanto à possibilidade de ser ou não bem-vindo. Ele tinha falado muito pouco com Sidney desde o Natal. A maior parte dos dias de Nash tinha sido tomada com tarefas e Diabolo, mas era mais do que isso. Ele não confiava nele mesmo passando mais tempo com Sidney.

Entrando na casa, Nash tirou seu casaco e botas. Enquanto subia as escadas, tentou lembrar-se do por que precisava ficar longe de Sidney. Ele já admitiu para si mesmo que estava apaixonado pelo homem mais jovem, então, se eles dormissem juntos ou não isso não tornaria mais fácil dizer adeus, quando o semestre da primavera começasse.

Bateu uma vez na porta fechada de Sidney antes de abri-la. "Você está bem?"

Sidney sacudiu a cabeça enquanto assuava o nariz. "Eu o odeio."

Nash atravessou o quarto e se sentou ao lado de Sidney no assento da janela. Ele não precisava perguntar sobre o que Sidney estava falando. "O que aconteceu?" Ele perguntou, tirando o chapéu.

"Ele me disse para não voltar neste verão a menos que consiga um corte de cabelo e endireitasse meu comportamento. E por isso, ele realmente quis dizer que eu tenho que endireitar minha vida sexual."

"Você disse a ele?" Sidney concordou e estendeu a mão para outro lenço de papel. "Eu não deveria, mas ele me irritou então eu deixei escapar. Agora ele me odeia mais do que ele odiava antes."

Nash não podia suportar isso. As lágrimas de Sidney destruíram qualquer reserva que lhe restava. Ele puxou o homem menor para seus braços. "Shhh." Ele desejou poder dizer a Sidney que isso não era verdade, mas como ele podia? Em todos os anos que ele conhecia a família Wilks, nunca teve uma vez que ele testemunhou Jackson agir, mesmo remotamente, carinhoso para com seu filho.



Sem palavras, Nash permaneceu em silêncio. Ele beijou o topo da cabeça de Sidney e esfregou suas costas enquanto o jovem continuava a chorar. Sidney nunca tinha sido o que Nash consideraria um bebê chorão, então as lágrimas mostraram a ele o quanto as palavras de Jackson o tinham magoado.

Nash tinha testemunhado os discursos inflamados de Jackson para seu filho em mais de uma ocasião, e apesar de Sidney se recusar a olhar nos olhos de Jackson ao ser repreendido, ele nunca havia chorado.

"Sinto muito." Disse Sidney, recuando. Ele foi buscar outro lenço de papel, mas Nash o alcançou para ele.

Nash pegou o queixo de Sidney e limpou seu nariz. "Não me peça desculpas. Você já sofreu mais do que qualquer um que tenha conhecido. Se alguém merece chorar, é você." Ele puxou outro lenço de papel para fora da caixa e tentou limpar o delineador preto que riscava as bochechas de Sidney.

Sidney surpreendeu Nash com uma risada, mas pareceu mortificado quando meleca disparou de seu nariz. "Oh meu Deus, eu não posso acreditar que eu fiz isso." Ele agarrou outro lenço de papel limpo antes de virar as costas para Nash para assuar seu nariz.

Por alguma razão Nash achou todo o acontecimento cativante. Ele se inclinou e beijou a lateral do pescoço de Sidney. "Você é muito atraente para seu próprio bem."

Quando Sidney se voltou, ele parecia ter as suas emoções controladas.

"Você realmente acha que eu sou atraente?"

A expressão no rosto de Sidney quando ele fez a pergunta disse a Nash o que as palavras não podiam. "Não, bem, sim, mas acontece que também acho que você é sexy. Isso ajuda?"

Sidney concordou. "Quanto sexy?"

Com uma risada, Nash pegou Sidney em seus braços. Ele se levantou e caminhou em direção à cama. "Tão sexy que isso está me deixando louco."



Os olhos verdes de Sidney estavam enormes com a surpresa quando Nash jogou ele sobre a cama.

"O que está fazendo?"

Nash desabotoou a camisa antes de se juntar a Sidney na cama. "Eu não sei. Talvez você possa me ajudar a descobrir."

"Agora que você decidiu fazer isso? Agora, quando estou todo inchado e cheio de meleca?"

Fechando seus olhos, Nash roçou seus lábios sobre os de Sidney. O contato foi eletrizante. Não precisava ser um gênio para descobrir por que. Nash tinha finalmente se apaixonado completamente por Sidney. Ele suspirou quando sentiu a ponta da língua de Sidney fazer cócegas em seu lábio inferior.

Nash abriu sua boca enquanto enterrava os dedos no cabelo de Sidney. Depois de vários momentos incríveis, ele assumiu o beijo. Ele não conseguia ter o suficiente enquanto sua língua saqueava a boca de Sidney, tocando cada dente e cume. Seu corpo estava em chamas. Nash lutou por vários momentos com sua camisa antes de finalmente romper o beijo. Ele se levantou sobre os joelhos e desembaraçou suas mãos dos punhos de sua camisa. "Preciso sentir você."

Sidney esfregou as mãos sobre seu peito. "Boa ideia. Não tenho certeza que minha mãe aprovaria você me fodendo com seu suéter."

Nash estalou o botão em seu jeans e sorriu. "Sua mãe gostava de mim."

Sidney assumiu o comando e abaixou o zíper do jeans de Nash. Antes de liberar o pênis de Nash ele passou a mão sobre a ereção grossa que ainda estava presa dentro dos limites da cueca de Nash.

"Tire isto," disse Nash, com um impulso de seus quadris. Ele percebeu que suas mãos tremiam e as escondeu de vista pressionando-as debaixo de suas costas. Sidney cuidadosamente libertou o pênis de Nash, empurrando a cueca abaixo das bolas de Nash.

"Por favor, me diga que eu posso chupar isso?"



Com um aceno de cabeça, Nash dirigiu a cabeça de seu pênis para a boca de Sidney.

"Sim. Eu não pretendo gozar na sua boca de qualquer maneira."

Depois de vários golpes de sua língua, Sidney tomou a coroa em sua boca. Nash olhou nos olhos de Sidney enquanto o homem se ocupava para cima e para baixo no pênis de Nash. Era óbvio que Sidney sabia exatamente o que estava fazendo, um fato que perturbou Nash mais do que ele gostaria de admitir. Quem eram os homens com quem ele tinha aprendido suas habilidades? Será que ele ainda os via na faculdade?

Nash balançou a cabeça. Era uma grande lembrança do por que ele tinha resistido por tanto tempo. Logo Sidney estaria indo, e Nash seria deixado para se preocupar. O sexo era uma parte natural da vida universitária. Não era isso que Reece tinha dito a ele? Por isso, seria lógico Sidney cair de volta para o estilo de vida sexual uma vez que ele voltasse para a Pensilvânia.

Sidney apertou a base do pênis de Nash antes de deixar o comprimento deslizar de sua boca.

"O que está errado?"

"Nada. Está ótimo," Nash respondeu, tentando esconder seu ciúme. Era ridículo que ele podia ficar chateado com algo que nem sequer tinha acontecido, no entanto.

"Você quer que eu consiga um pouco de lubrificante?" Sidney perguntou, esfregando as bolas de Nash.

Nash continuou a olhar fixamente em Sidney. O que estou fazendo? Com um gemido de frustração, Nash moveu-se para se sentar na beirada da cama, de costas para Sidney. "Eu..."

"Oh não, você não vai. Você é a pessoa que começou isso. Não vire as costas para mim, porra." Disse Sidney, empurrando contra as costas de Nash.

"O que acontece quando você voltar para a faculdade?" Nash sentiu a cama afundar quando Sidney se moveu.

Vários momentos depois, pele nua se pressionou contra suas costas quando os braços de Sidney envolveram sobre os ombros de Nash.



"Eu vou sentir sua falta mais do que eu já sinto quando estou longe," Sidney sussurrou no ouvido de Nash.

"Eu ouvi como é na faculdade. E mesmo sabendo que isso é parte da experiência, pensar em você fazer sexo com outros homens..." Nash foi incapaz de terminar o pensamento.

Sidney rastejou para fora da cama para ficar de frente para Nash. Ele rapidamente tirou seu moletom antes de escarranchar no colo de Nash. "Meu companheiro de quarto, Josh, tira sarro de mim constantemente porque eu me recuso a sair com alguém mais do que seis vezes." Sidney roçou um beijo na boca de Nash. "Você sabe por quê?"

Nash balançou a cabeça. "Porque você tem tantos homens para escolher que você está ansioso para seguir em frente?" Só de pensar fez o estômago de Nash doer.

"Não. Eu limito os encontros porque eu sei que não há nenhuma finalidade em enganar um cara para acreditar que há uma chance de algo mais. Entenda, eu já encontrei o homem que eu quero passar minha vida." Sidney beijou Nash de novo, mais profundo do que antes. "Eu passei os últimos três anos tentando descobrir uma forma de levá-lo a reparar em mim como mais do que um amiguinho. Agora que eu consegui, o que mais posso exigir?"

Embora não fosse uma declaração de amor, Nash se sentiu melhor. Ele correu as mãos abaixo das costas magras de Sidney para fazer cócegas no topo de sua fenda. Para sempre não era algo que Nash sequer tinha se permitido esperar que acontecesse, mas ouvir as palavras o fez hesitar. Seria justo a ele pedir a Sidney para se comprometer a um relacionamento exclusivo de longa distância? Não.

Com tudo o que Sidney havia sido em sua vida, o jovem merecia experimentar tudo o que o mundo tinha para oferecer. Além disso, estar apaixonado ainda não fazia possível para os dois conciliar seus diferentes objetivos na vida.

Nash podia facilmente ver o seu futuro definido diante dele. Eles continuariam seus relacionamentos ocasional e inconstante até Sidney se formar na faculdade, mas e depois? Sidney iria conseguir um emprego em alguma grande e extravagante firma de arquitetura na



cidade e Nash iria visitar quando não estivesse ocupado com o rancho? Que tipo de vida seria para qualquer um deles?

"Eu não posso fazer isso," murmurou Nash. "Sinto muito, mas ambos sabemos que não há futuro para nós."

Sidney pulou do colo de Nash. "Eu não sei nada sobre isso. Quem é você para decidir o que meu futuro reserva?"

Nash se odiou por magoar Sidney, mas ele era mais velho. E se isso o levasse a ser um imbecil a fim de ter certeza que Sidney conseguisse tudo na vida que ele merecia, Nash lidaria com isso. Como, ele não tinha certeza, mas fazer o que era melhor para Sidney parecia mais importante do que quebrar seu próprio coração.

Nash se levantou e tentou ignorar Sidney enquanto recuperava a calça jeans descartada.

"Você está indo embora?"

Fechando sua calça, Nash recuperou seu chapéu do assento da janela e o colocou em sua cabeça.

"Eu sei que machuca agora, mas um dia espero que você entenda que só estou te afastando para o seu próprio bem."

"Como um monte de merda," cuspiu Sidney, jogando a camisa de Nash para ele. "Se não quiser sair, saia, mas não ouse fingir para mim."

Camisa na mão, Nash mudou-se para ficar em frente a Sidney. "Espero que algum dia você me perdoe."

"Eu duvido," Sidney sussurrou antes de Nash sair da sala.



Capítulo Cinco

Sentado à sua mesa improvisada de projeto, que consistia em uma folha de madeira compensada em cima do seu colchão, Sidney olhou para o totem em miniatura na prateleira sobre a cama. Fazia três semanas desde que ele tinha visto Nash pela última vez. Vinte e três dias desde que tinha ouvido o timbre baixo da voz de seu vaqueiro. Sidney suspirou e soltou sua cabeça sobre as mãos cruzadas.

"Não de novo," Josh disse, entrando no dormitório. "Pensei que você tinha superado esse imbecil."

Sidney não se preocupou em olhar pra cima. "Deixe-me em paz."

"Não, não vai acontecer." Josh bateu Sidney com seu quadril. "Estou te arrastando para o refeitório. Você está começando a parecer um esqueleto de merda. Eu entrei no quarto outra noite e quase gritei como uma menina quando peguei você mudando suas roupas."

"Isto é porque você nunca viu um pênis tão grande antes. Está tudo bem. Eu não vou jogar sua falta de experiência contra você." Embora Sidney murmurasse, ele não pode evitar um sorriso. Josh tinha um jeito de fazê-lo esquecer de seus problemas, pelo menos por um tempo.

Sem aviso, Josh abriu seu jeans e puxou para fora seu pênis mole. Ele balançou o pênis maior que a média em frente ao rosto de Sidney. Dizia muito para o estado de espírito de Sidney que o pênis a poucos centímetros de sua boca não o tentava nem um pouco. Claro que poderia ter algo a ver com o fato de seu companheiro de quarto ser hétero.

Sidney ignorou o pênis de Josh e olhou em seus olhos. "Você está brincando comigo? Você está realmente confortável em sua heterossexualidade tentando um homem gay desse jeito?"



Rindo, Josh empurrou seu pênis para trás em sua cueca. Depois de fechar a calça, Josh se inclinou para baixo e passou a mão rapidamente por cima da frente da calça jeans de Sidney.

"Que porra é essa, homem?" Sidney gritou, pulando para seus pés.

"Apenas tentando avaliar o quão deprimido você está. Admito que não tenha o maior pênis que você já viu, mas tenho a maldita certeza que é o mais bonito. Se isso não fez nada para você, você está fodido. Talvez você devesse ir conversar com um dos conselheiros ou algo assim?"

Sidney acenou para longe a preocupação de Josh. "Ficarei bem quando eu parar de sentir saudade dele." Deus o ajude, Josh estava sempre tentando usar sua porcaria de psicologia nele. "E para referência futura, eu não andaria ao redor ostentando seu pênis para cada paciente que você achar que poderia estar deprimido."

"Ei, eu não lhe digo como desenhar edifícios, por isso não comece a me dizer como tratar futuros pacientes;" Josh disse em torno de uma risada.

Levou alguns minutos para Sidney encontrar seu tênis nas pilhas de roupa que estavam sujas desde que retornou à faculdade, mas ele acabou encontrando-os. Durante a busca, seus jeans começaram a deslizar para baixo de seus magros quadris. Sidney os subiu antes de se sentar para colocar seus sapatos. Josh estava certo. Sidney tinha perdido mais de oito quilos nas últimas três semanas. Oito quilos que ele não podia se dar ao luxo de perder, mas o pensamento de comer revirou seu estômago.

Evidentemente Josh percebeu o movimento. "Ei, você quer que eu ligue pra casa e veja se meu irmão de doze anos perdeu algumas de suas roupas? Tenho certeza que a mãe ficaria feliz em enviá-los para você."

"Ha ha." Sidney levantou antes de puxar as calças mais uma vez. Isso estava ficando ridículo.

Ou ele precisava superar Nash e começar a comer de novo, ou ir às compras. Comprar roupa nova era infinitamente mais fácil. "Gostaria de ir ao shopping, depois do jantar?"



"Inferno, sim."

Os olhos de Sidney se estreitaram enquanto olhava para o seu amigo. "Tem certeza de que não é gay?"

Josh sorriu. "Luke é o único com o gene de shopping. Eu tenho o gene olhar-para-as-vaginas do meu avô."

Apenas a palavra era suficiente para virar o estômago de Sidney. Como os homens podiam enfiar seu... Não, era grosseiro demais para sequer pensar. Embora Josh raramente falasse disto, Sidney sabia que o avô de Josh, o grande Senador Edward Ballentine, havia passado por seis esposas antes de morrer com a idade de sessenta e oito anos de um ataque cardíaco. Josh tinha até confidenciado que o senador tinha morrido na cama com uma prostituta de dezoito anos de idade.

Sidney sacudiu o casaco para se certificar que as chaves ainda estavam no bolso. "Pronto?"

"Bem atrás de você," respondeu Josh.



Enquanto a neve no rancho derretia lentamente, Nash começou a fazer progressos com o Diabolo.

O marcado e assustado cavalo ainda não deixava Nash montá-lo, mas pelo menos ele não se esquivava do toque de Nash. Levou muitos dias e noites provando-se para o garanhão, mas tanto quanto Nash estava preocupado, tudo valeria a pena no final. Nash não tinha ilusões de Diabolo se tornando o campeão que foi criado para ser, mas com tempo e paciência



talvez o garanhão desse lucro em reprodução. Ele ouviu um caminhão parar no quintal e fechou o portão do curral antes de ir investigar.

"Ei, Tommy," ele cumprimentou um dos vaqueiros temporários.

"Nash," Tommy devolveu o cumprimento com uma inclinação de seu chapéu.

"Pensei em passar por aqui e ver se precisam de ajuda agora que o tempo está aquecendo."

"Claro que sim," Nash respondeu. "Eu redigi uma lista dos homens para chamar apenas na noite passada."

Ele puxou a folha de papel dobrada do bolso do casaco. "Gostaria de começar hoje?"

Tommy concordou. "Fiquei preso por tanto tempo que eu estou ansioso para voltar ao trabalho."

Nash sentiu-se um pouco culpado por aquilo que estava para fazer, mas detestava chamar as pessoas. Ele segurou o pedaço de papel. "Você pode começar ligando para todos nesta lista. Se eles não estiverem disponíveis, traçar uma linha em seu nome, e iremos colocar um anúncio no jornal."

Tommy pegou a lista e enfiou em seu bolso. Ele parecia atento cavando um sulco no caminho de cascalho com o salto de sua bota. Era evidente que Tommy tinha alguma coisa em sua mente.

"Alguma outra coisa que você queria dizer?" Nash perguntou.

Tommy tirou o chapéu e penteou os cabelos para fora de seu rosto antes de colocá-lo de volta.

"Tem havido conversa na cidade sobre Sidney."

"O que sobre ele?"

"A palavra é, que ele é um daqueles caras engraçados. Não que isso importe, apenas gostaria de saber no caso de haver problemas pelo caminho." Explicou Tommy.

"Que tipo de problemas você espera Tommy?" Nash perguntou. Expor Sidney não era algo que Nash era confortável fazendo. Se Sidney voltasse para as férias de verão e quisesse



responder às preocupações dos vaqueiros sobre sua sexualidade, Nash iria apoiá-lo até o fim, mas não era a função de Nash fazer isso por ele.

Tommy deu de ombros. "Você conhece as pessoas daqui. Eles estão tão entediados com a vida que vão pular sobre algo ou alguém que é diferente."

"Sidney sempre foi diferente, você sabe disso. Isso nunca incomodou antes."

"E isso não me incomoda agora. Apenas pensei que seria bom você saber a verdade. Eu não quis faltar com respeito."

A reação inicial de Nash era de saltar na garganta de Tommy, mas ele parou. Tommy era um bom rapaz. Ele trabalhava para o Running E por quatro temporadas, e Nash esperava ter a sua experiência para muitos mais. "Ambos sabemos que eu não vou confirmar ou negar nada, certo?"

Tommy soltou um suspiro. "Sim. Eu compreendo você."

"Bom." Nash fez um gesto em direção ao celeiro. "Você pode usar o telefone da sala de equipamentos."



"Você tem certeza que sua mãe não se importará se eu for para casa com você?" Sidney perguntou.

"Cale-se," Josh se aproximou e esmurrou Sidney no braço.

"Ai! Dirigindo aqui." Lembrou Sidney a seu companheiro de quarto. Normalmente Sidney estaria voltado para Kansas para o intervalo da primavera, mas ainda não tinha falado com Nash desde que ele partiu após o intervalo de inverno.



"Vamos lá, vai ser divertido." Josh colocou os pés em cima do painel do Malibu de quatro anos de Sidney.

"Além disso, Luke estará lá."

"Quer parar com isso?"

"O quê?"

"Parar de tentar me juntar com seu irmão. Isso não vai acontecer." Sidney disse. Luke era quente, engraçado e atlético, mas ele não era Nash. Sidney mordeu o lábio inferior. Não importa quantas vezes ele tentou superar seu cowboy, ele não conseguia fazer isso. Ele passou os últimos dois meses vivendo como um monge. Não porque as propostas não estivessem lá, Sidney simplesmente não estava interessado.

"Eu trouxe minha câmera dessa vez, então você vai ter que ir para a Filadélfia comigo em algum momento para que eu possa tirar fotos."

"Você é a única pessoa que conheço que prefere tirar fotos de prédios altos. Philly é conhecida pela velha merda, homem, não do novo material."

"Sim, bem, talvez eu queira fotos dos dois," Sidney rebateu. Seu sonho era criar novos arranha-céus que tinha o charme e detalhes dos prédios mais antigos encontrados em cidades de todo o país. Vidro e edifícios de cromo eram legais, mas ele duvidava que resistissem ao teste do tempo.

Em cinquenta anos a moderna porcaria que estavam colocando acima viria abaixo para abrir caminho para uma porcaria ainda mais moderna, mas a arquitetura em estilo antigo estaria sempre por perto.

"Esta aqui?" Sidney perguntou, apontando para a saída.

"Sim." Josh deu a Sidney instruções para o pequeno bairro de alta classe de West Chester nos arredores da Filadélfia onde ele havia crescido.

Sidney puxou para a grande entrada circular. "Está tudo bem?"

"Por enquanto." Josh abriu a porta e deu um tapa de brincadeira na parte de trás da cabeça de Sidney.



"Vamos lá. Aposto que tem algo quente da mamãe no forno para engordar você."

Sidney gemeu. "Você vai tirar sarro de mim durante toda a semana ou o quê?"

Josh bateu a porta. Ele saltou de pé para pé como se estivesse prestes a levar Sidney em uma luta de boxe. Sidney fechou a porta e guardou as chaves. "Quantos anos você tem?"

"Não posso evitar," Josh disse com uma risada. "Alguma coisa sobre estar em casa traz à tona a criança em mim."

Sim. Sidney tinha testemunhado a pantomima dos irmãos Ballentine em várias ocasiões. Geralmente começava com Josh e avançava ao redor da casa até que todos os cinco irmãos Ballentine estavam afetados. "Deus me ajude."

"Mua ha ha ha. Não há nenhuma ajuda para você agora, Sidney. Você está prestes a entrar no covil dos Ballentine," Josh disse em uma voz assustadora que Sidney desejou que ele pudesse esquecer.

A porta da frente se abriu e a mãe de Josh saiu para ficar no patamar de tijolos grandes.

"Joshua!"

Josh deu a sua mãe um abraço e um beijo na bochecha. "Ei, mãe."

Deputada Ballentine largou Josh e estendeu os braços para Sidney. "É tão bom vê-lo."

Sidney hesitou. Ele nunca se sentiu à vontade abraçando pessoas. Nash era uma exceção.

Sidney silenciosamente se amaldiçoou por mais uma vez lembrar-se de Nash. Nem tudo em sua vida tinha que girar em torno do bonito cowboy. Ele subiu os degraus de tijolo e permitiu que a Sra. Ballentine o abraçasse. Afinal, tentar sair da saudação habitual era um gesto inútil. Ele havia aprendido isso na primeira vez em que se juntou aos Ballentine para o dia de Ação de Graças.

A Sra. Ballentine, ou Maggie como ela insistia que Sidney a chamasse, o segurou pelo tempo necessário para um cumprimento educado.



"Josh me disse que você passou um período difícil ultimamente. Espero que você use esta semana para encontrar sua parte feliz novamente."

Sidney estreitou os olhos em Josh, prometendo vingança. "Estou bem." Disse a ela.

"É claro que você está." Maggie largou Sidney e o segurou no comprimento do braço. "Você parece bem."

"Não minta para ele, mãe, ele está magro." Josh intrometeu-se.

Maggie deu um tapinha no estômago de Sidney. "Nada que uma semana de refeições caseiras não possam resolver."

Se Maggie apenas soubesse que a única comida caseira que ele estava acostumado a conseguir eram aquelas que ele fez, ela provavelmente nunca o deixaria partir. Sidney sorriu e concordou com a cabeça, mantendo sua boca fechada.

A primeira vez que ele se juntou ao Ballentines para a Ação de Graças, Sidney ficou maravilhado com a dinâmica familiar. Ele não conseguia imaginar crescendo em uma casa onde o esporte e a lição de casa eram os principais temas em torno da mesa do jantar. Raramente o pai de Sidney se sentava com ele à mesa e quando o fazia, nunca havia qualquer conversa entre os dois.

Sidney pensou que Josh tinha a vida perfeita até aproximadamente o terceiro dia. Depois que o irmão mais novo, Eric, entrou repentinamente no quarto pela milésima vez sem bater, Sidney começou a pensar que ser filho único não era tão ruim.

"Dê-me as chaves." Disse Josh, invadindo os pensamentos de Sidney.

"O quê?"

"Chaves? Você sabe, para conseguir nossas malas?" Josh fez mímicas como se estivesse abrindo a bagagem.

Sidney tirou as chaves do bolso antes de jogá-las para Josh. "Você vai pegar a minha também?"

"Ouviu isso mamãe? Ele me trata como um escravo!"

Maggie revirou os olhos. "Não seja tão dramático."



"Sim, o que ela disse." Sidney se inclinou e disse num sussurro teatral, "Você tem certeza de que ele é seu?"

"Infelizmente, sim. Ele conseguiu seu excêntrico senso de humor de seu pai." Maggie sorriu. "Não admira que eu o ame tanto."

E, assim, seu intervalo de primavera tinha começado.



Sidney balançou de um lado para outro na rede de largura dupla e observou Luke e Josh jogar futebol de um lado para outro entre eles.

"Eu acho que deveríamos ir para Manhattan amanhã." Disse Josh.

"Por quê?" Sidney perguntou, colocando o cobertor em volta de seus pés. Evidentemente alguém tinha se esquecido de informar que era primavera na Filadélfia.

"Porque eu estou aborrecido, e isso vai lhe dar uma chance de ter um bilhão de fotos. Por que você não vem conosco, Luke?"

"De jeito nenhum eu vou dirigindo," acrescentou Sidney antes de Luke poder responder.

"Normalmente nós pegamos o trem," Luke informou a Sidney. "Sim, eu vou junto, mas eu aposto que mamãe nos fará levar Zac."

"De jeito nenhum. E se quisermos uma cerveja ou algo assim? Zac tem apenas dezenove anos."



"Você está planejando ir de bar em bar?" Sidney perguntou. "Porque, se esse for o caso, estou fora." As ideias de Josh e Sidney de lugares divertidos para beber eram completamente diferentes.

"Não, mas se decidirmos parar em algum lugar e ouvir algumas músicas..." Josh deixou a declaração pairar no ar frio de West Chester.

"Que tipo de música?" Sidney sabia que ele não estava conseguindo a história completa.

"Certo, tudo bem. Você sabe aquela menina da minha aula de Sociologia que eu te falei?"

"Verônica?" Sidney tinha escutado Josh falar sem parar sobre a ruiva rechonchuda desde o início do trimestre.

"Sim. Enfim, acontece que ela está em uma banda e eles estão tocando em um lugar chamado Smokey Joe's na sexta-feira à noite. De qualquer maneira, eu pensei que se formos passar o dia, poderíamos parar e ouvir por alguns minutos," explicou Josh.

Sidney olhou para Luke. O irmão mais velho de Josh estava olhando diretamente para ele. Evidentemente era decisão de Sidney se desejava ir ou não. Por mais que ele detestasse a ideia de sair de frequentar um clube hétero todos os dias, Sidney não conseguia dizer não. "Tudo bem."

"Legal." Josh jogou a bola de futebol para Luke. "Eu vou contar a mamãe e papai."

Logo que Josh esquerda, Luke riu. "Eu acredito que Verônica não é sua de costume."

Sidney concordou. "Ela não lhe deu o horário do dia e isso está deixando-o louco."

"É bom para ele. A vida é sempre muito fácil para Josh."

"E você?" Sidney perguntou. "Como a vida tem sido para você? Eu pensei que você fosse o Sr. Grande Homem do Campus?"

Luke sentou em uma das cadeiras perto da rede. "Sim, bem, esportes nunca foram um problema para mim. É todo o resto."



Sidney podia dizer pela expressão do rosto de Luke que ele queria falar, mas não sabia por onde começar.

"Como a forma como contar à sua família que você é gay?"

Por uma fração de segundo, Luke pareceu surpreso com a pergunta, mas ele finalmente concordou.

"Sim. E não é só a minha família. Eu tenho treinadores para explicar, companheiros de equipe... Inferno, a lista continua sem parar."

Sidney se esticou e colocou a mão no joelho de Luke. "Eu não me preocuparia com sua família."

"A sua foi legal?" Luke perguntou a esperança em seus olhos.

"Uhh, não, mas meu pai não é nada como o seu. Mas continuo não arrependido de contar a ele. Eu acho que, para mim, foi um teste mais do que qualquer coisa."

"Um teste para quê?"

"Para ver o quanto ele me amava, ou se ele ainda me ama de qualquer modo," Sidney disse, retirando sua mão. Ele se aconchegou embaixo do cobertor.

"E ele passou?" Luke perguntou.

Pensando na manhã da briga feia com seu pai, Sidney balançou a cabeça. "Eu ainda não tenho certeza. Ele me disse para não me preocupar em voltar para casa a menos que eu cortasse meu cabelo e parasse de usar delineador."

"Mas parece quente em você." Luke se interrompeu e se contorceu na cadeira. "Quero dizer, isso é quem você é."

Sidney se aqueceu no elogio. Tinha sido muito tempo desde que se sentiu verdadeiramente desejável. Claro que ele tinha sido convidado para sair muitas vezes desde o intervalo de inverno, mas ele sabia que tudo que era exigido dele era uma bunda lubrificada. Nem um dos rapazes que o perseguiam se preocupava com qualquer coisa, exceto transar. "Sim, bem, eu sou de uma cidade pequena, então meu papai quer que eu me misture com os moradores, eu acho."



"Misturar? Que pensamento deprimente."

Sidney sorriu. "Eu concordo, razão pela qual que estou aqui em West Chester, em vez de voltar à fazenda."

Luke se inclinou para frente para descansar os antebraços sobre os joelhos. A nova posição exibiu a vasta extensão do seu tórax. Sidney quase desmaiou. Luke era quase tão grande quanto Nash. "Pare com isso." Ele murmurou sob sua respiração.

"Desculpe?"

"Nada." Mais uma vez, Sidney tentou empurrar todos os pensamentos de Nash para o segundo plano.

Luke olhou para Sidney por alguns momentos antes de se levantar. "Eu vou pegar um lanche. Com fome?"

"Com certeza." Sidney não estava, mas talvez isso o ajudasse a conseguir sua mente fora de Nash e de volta para o homem bonito em frente a ele.



Com um grande e pateta sorriso bêbado em seu rosto, Josh acenou o guardanapo com o número do telefone da Veronica na frente do rosto de Sidney. "Eu lhe disse que valeria a pena toda a trabalhadeira."

Sidney bateu a mão de Josh longe antes de arrancar para o lado da estrada. Ele olhou no espelho retrovisor em Luke. "Faz-me um favor e mude de lugar com esse idiota bêbado antes que eu o mate."



Josh poderia ser feliz, mas Sidney não estava nada feliz. Não apenas tinham acabado dirigindo seu carro para Newark antes de pegar um táxi em Nova York, mas a banda que Veronica estava era uma espécie de porcaria grunge punk. Sidney tinha uma dor de cabeça, e um bêbado de merda acenando na sua cara foi à última gota.

"Ah, Sid, você não me ama mais?" Josh disse, inclinando-se sobre o console para beijar a bochecha de Sidney.

"Eu vou te amar amanhã. Esta noite eu te odeio. Agora consiga seu traseiro no banco de trás." Sidney empurrou Josh à porta que Luke mantinha aberta.

Josh começou a rir e mergulhou no banco de trás através da divisão do banco dianteiro. Sidney revirou os olhos para Luke logo que ele estava afivelado no banco do passageiro da frente.

"Pegue leve." Disse Luke com um sorriso. "Ele é um menino feliz. Você nunca ficou em torno de Josh quando ele estava bêbado?"

"Sim, mas normalmente estou bêbado, também." Sidney verificou o tráfego antes de puxar de volta para a estrada.

"Eu te disse que eu iria conduzir se você quisesse beber." Luke lembrou a Sidney.

Sidney olhou no espelho retrovisor. Josh parecia estar apagado como uma lâmpada. Ele voltou sua atenção para Luke. "Eu sei que você disse, mas eu não queria beber ao seu redor." À tarde de Sidney com Luke tinha sido tudo o que ele esperava. Luke era engraçado e tímido, e tão maldito adorável que Sidney não tinha pensado em Nash nem uma vez durante todo o dia. Bem, com exceção de apenas nesse momento, mas isso não contava.

Tomando um risco enorme, Sidney alcançou e cobriu a mão de Luke. "Obrigado. Eu tive um grande tempo com você."

Luke virou sua mão sobre e enroscou os dedos nos de Sidney. Ele se virou para olhar no banco de trás. "Ele está desmaiado."

Sidney sorriu. "Eu sei."



Luke limpou a garganta. "Estava me perguntando... Hum... Você sairia comigo alguma vez?"

Era um grande passo para Luke tomar, e Sidney sabia. De repente, Sidney queria sentir os lábios de Luke nos dele. Ele não poderia explicar isso, mas sabia que se beijasse Luke somente uma vez, saberia se as coisas poderiam funcionar entre eles ou não.

"Você já beijou um homem?" Sidney perguntou.

Luke deu uma risadinha. "Eu nunca beijei alguém que não fosse da família."

Sidney deu na mão de Luke um leve puxão. "Mova-se para cá e deixe-me ser o primeiro."

Luke verificou o banco de trás mais uma vez antes de desfivelar o cinto de segurança.

"Você não vai, tipo, me avaliar ou qualquer coisa, vai?"

Sidney riu. "Não, nada disso." Ele agarrou o volante com a mão esquerda. Não havia muito tráfego e eles estavam viajando por uma rodovia bastante reta, por isso se sentiu confortável enterrando os dedos da mão direita nos curtos cabelos grossos de Luke enquanto trazia seus lábios juntos.

Sidney gemeu. A vontade de fechar os olhos e mergulhar no beijo foi esmagadora, mas a sua situação atual não podia acomodar os desejos de seu corpo. Um lampejo marrom à frente na estrada chamou sua atenção. Ele quebrou o beijo e tentou empurrar Luke de volta para seu lugar, mas era tarde demais. Sidney bateu no cervo indo em 105 km por hora. A última coisa em sua memória foi uma dor lancinante em seu peito além do som de vidro quebrando.



Capítulo Seis

Nash estava sentado à cabeceira de Sidney e continuou a amaldiçoar Jackson. Embora Nash estivesse grato que tivesse sido chamado após o acidente de carro, não podia evitar se perguntar onde Jackson estava.

Nash estava dormindo quando recebeu o telefonema de Jackson. Seu chefe explicou que Sidney teve um acidente de carro grave e havia sido levado para um hospital em Trenton, New Jersey, e ele precisava de Nash para voar para New Jersey até que ele pudesse chegar lá.

Quando Nash questionou Jackson por que ele não podia simplesmente subir em um avião, Jackson disse que ele estava de férias no Havaí, e não seria capaz de conseguir um voo para fora imediatamente. A coisa toda fedia tanto que Nash estava preocupado. Jackson tinha dinheiro para alugar um avião particular, se quisesse, então por que foda ele não fez?

Sidney gemeu, fazendo Nash pular para os seus pés e se inclinar sobre a cama do hospital.

"Sidney?"

Em vez de abrir os olhos, Sidney caiu no sono profundo que tinha estado desde que Nash chegou quatro horas antes. Olhando para o homem mais jovem, Nash estava se esforçando para reconhecê-lo.

Pelo que ele entendeu, o cervo que Sidney havia batido seu carro tinha atravessado o para brisa. O impacto havia causado danos graves ao veículo e a seus dois ocupantes. O rapaz no banco do lado do passageiro, Luke Ballentine, tinha sofrido um ferimento traumático na cabeça, quando ele foi lançado do carro. O passageiro no banco de trás, o companheiro de quarto de Sidney, Josh, saiu ileso com exceção de alguns pequenos cortes e arranhões.

Nash estava grato que Sidney tinha realmente usado um cinto de segurança, salvando-o de ferimentos graves, mas não o salvou completamente. As ataduras envolvendo a cabeça de



Sidney impedia Nash de ver toda a extensão dos cortes, mas o rosto inchado e machucado do homem adormecido não parecia em nada o Sidney que ele amava. Uma fileira de pontos se estendia desde o canto da boca de Sidney através de sua face ao seu lóbulo da orelha.

Nash sabia de falar com o médico que o corpo de Sidney abaixo do lençol estava da mesma maneira machucado. Felizmente, além da massa de cicatrizes que precisaria de tempo para curar, o médico não acreditava que haveria qualquer dano físico permanente.

Nash se virou e pegou sua xícara de café vazia. Por mais que ele quisesse ver os belos olhos verdes que ele tinha se apaixonado, ele sabia que quanto mais Sidney dormisse, melhor seria. Ele deixou a sala em busca de café e respostas. Ele se aproximou do posto das enfermeiras. "Com licença?"

A enfermeira olhou para cima. "Em que posso ajudá-lo, senhor?"

"Sim, senhora. Eu queria saber se você pode me dizer alguma coisa sobre a condição dos outros dois homens que foram trazidos com Sidney Wilks?"

A enfermeira mordeu o lábio inferior. "Eu não estou autorizada, mas a família está na sala de espera, exatamente através daquelas portas."

Nash sorriu. "Obrigado." Ele apertou o botão e esperou que as portas automáticas se abrissem.

Nash permaneceu na entrada da pequena sala de espera. O que ele deveria dizer ao grupo reunido? Os olhos vermelhos e inchados de toda a família disseram a Nash que algo estava errado.

A única mulher na sala olhou para cima e encontrou seu olhar. Ela se levantou sem dizer uma palavra antes de se aproximar. "Você é da família de Sidney?"

Nash engoliu todo o nó na garganta. "Eu sou Nash. Eu trabalho para o pai de Sidney."

A mulher atraente estendeu a mão e tocou o braço de Nash.

"Eu sou Maggie, a mãe de Josh e Luke." Lágrimas encheram os olhos de Maggie. "Lamento não ter descido para verificar Sidney. Como ele está?"



Dois dos rapazes se juntaram a eles, em pé como guardas, de cada lado de sua mãe. Nash se perguntou se um deles era Josh. "Ele terá cicatrizes, mas irá se curar. Como estão seus meninos?"

Maggie apontou para o outro lado da sala para um homem que estava de costas para Nash. "Josh vai ficar bem. Ele tem um galo na cabeça e uns arranhões. Nada grave, porém, graças a Deus."

Nash começou a perguntar sobre Luke, mas manteve sua boca fechada e esperou por Maggie continuar. Embora soubesse que eles tinham suas próprias com que se preocupar, Nash não podia deixar de perguntar por que Josh não tinha, pelo menos, verificado Sidney.

"Luke..." Ela começou, mas uma súbita explosão de emoção impediu de ir mais longe.

Um dos rapazes colocou o braço em torno de sua mãe.

"Luke acabou de sair da cirurgia. Os médicos não estão otimistas, mas nós estamos. Não estamos mãe?"

Maggie concordou e apertou a mão de seu filho. "Sim. É preciso mais que uma fratura de crânio e de coluna para manter um Ballentine derrubado."

Nash podia dizer pela emoção no rosto de Maggie, ela não acreditava em sua própria declaração. Era óbvio que a família estava tentando ser forte. "Existe algo que eu possa fazer por você? Eu poderia encontrar uma delicatessen ou algo assim e trazer alguma coisa para todos comerem?" Ele ofereceu.

Maggie sacudiu a cabeça. "Obrigado, querido, mas duvido que qualquer um de nós têm estômago para comida no momento."

Nash odiou parecer tão distante com as pessoas que Sidney se importava tanto.

Um belo homem de meia-idade entrou na sala, os olhos azuis circundados de vermelho.

"Você gostaria de entrar e se sentar com ele?" Ele perguntou a Maggie.

Maggie assentiu com a cabeça antes de limpar o nariz com um lenço de papel. "Por favor, deixe-nos saber quando Sidney estará forte suficiente para visitas," disse a Nash.

"Eu irei." Ele prometeu.



"Alan, este é Nash, amigo de Sidney," Maggie lhe apresentou.

Alan estendeu a mão e apertou a de Nash. "Como está Sidney?"

"Ele tem um longo caminho a percorrer, mas ele vai se curar." Nash quase se sentiu culpado dando à família Ballentine o prognóstico otimista. Ele se perguntou o quão ruim Luke realmente estava. Seu olhar se voltou para Josh, que ainda se recusava até mesmo a se virar e olhar para Nash. Será que ele sabe o quanto eu machuquei Sidney? Talvez Josh o odiasse.

Nash levantou seu copo vazio.

"É melhor encher e voltar para o quarto. Por favor, deixe-me saber se há alguma coisa que eu possa fazer." Ele olhou para Josh mais uma vez antes de sair do quarto. Enquanto ele caminhava em direção à máquina automática, as mãos de Nash começaram a tremer. E se tivesse sido Sidney que tivesse atravessado o para brisa em vez de Luke?



Depois de passar a noite em uma cadeira reclinável no canto da sala, Nash acordou com vozes. Ele saltou antes de seus olhos estarem completamente abertos. "Sidney?" Ele recebeu um gemido de resposta.

Nash se focou no homem de pé ao lado da cama de Sidney. "Quando você entrou?"

"Há alguns minutos," Jackson respondeu.

Dois dias. Jackson tinha levado mais de sessenta horas depois de receber a ligação para conseguir sua bunda no hospital. Nash passou os dedos pelo seu cabelo antes de ir para o outro lado da cama de Sidney. "Você precisa de uma bebida?"

Sidney piscou duas vezes.



Nash pegou a jarra de água plástica e a estendeu para Jackson.

"Leve isso para a pequena sala no corredor e encha-o com gelo e água."

"Ele não consegue falar?" Jackson perguntou, pegando a jarra.

"Ele consegue, mas machuca quando os pontos puxam." Nash se abaixou e esfregou as costas da mão de Sidney.

"Só vai demorar mais alguns dias, certo?" Ele perguntou a Sidney.

Sidney piscou duas vezes.

Nash fez um gesto em direção à jarra. "Se precisar de ajuda peça a uma das enfermeiras." Logo que Jackson saiu do quarto, Nash se inclinou. "Você está bem?"

Sidney piscou uma vez, lágrimas empoçando seus olhos em agrupamento.

"Shhh, não chore. Você sabe o quanto essas malditas coisas doem." Nash pegou um lenço de papel de cima da mesa e limpou os olhos de Sidney.

Sidney apontou para o pequeno bloco de papel.

Para outras respostas que sim ou não, escrever se tornou a maneira de Sidney se comunicar. Nash moveu a bandeja de cama sobre Sidney antes de lhe entregar a caneta.

Luke? Sidney escreveu.

Nash balançou a cabeça. "Ele ainda está em coma." Ele não queria dizer a Sidney que os médicos duvidavam que Luke jamais fosse acordar do seu sono profundo.

Josh?

"Eu o vi na noite passada. Maggie estava tentando reunir os rapazes para voltar para casa e conseguir uma boa noite de sono." Nash tinha prometido a si mesmo que iria enfrentar Josh sobre não vir e ver Sidney. Ele tentou ser paciente.

Tentou entender que Josh tinha seu irmão para se preocupar, mas que tal Sidney?

"É bom que seu pai esteja aqui, entretanto. Talvez eu devesse deixar vocês dois sozinhos por um tempo."

A caneta de Sidney passou a trabalhar no papel. *Não! Eu preciso de você aqui.*



Mesmo no papel, a declaração aqueceu Nash. "Que tal isso? Eu vou encontrar um hotel barato e me registrar tempo suficiente para tomar banho e me trocar. Estarei de volta em poucas horas. Tudo bem?"

Novamente, Sidney rabiscou no bloco. *Eu não sei o que dizer para ele.*

"Então não diga nada." Nash sorriu e tocou o queixo de Sidney. "Você tem a desculpa perfeita."

Vai perguntar por Josh e Luke?

"Eu vou." Nash se inclinou e pressionou um beijo suave no rosto de Sidney. "Eu não vou demorar."

Jackson voltou para o quarto. "Aqui." Ele estendeu o jarro para Nash.

Apesar de Nash estar mais do que feliz cuidando de Sidney, ele sentiu que era hora Jackson ter alguma responsabilidade.

"Encha o seu copo e segure o canudo em sua boca. Quando ele tiver o suficiente, ele vai segurar sua mão."

Nash agarrou o bloco de papel e arrancou a folha usada. Não era da conta de Jackson o que ele e Sidney haviam falado. Ele enfiou o papel no bolso antes de colocar o bloco de volta em frente de Sidney. "Descanse um pouco se puder."

Sidney piscou duas vezes enquanto abria a boca para o canudo.

Saindo do quarto, Nash viu Maggie no corredor.

"Alguma mudança?"

Maggie sacudiu sua cabeça.

"O inchaço desapareceu no seu cérebro, mas ele ainda não saiu do coma. Como está Sidney?"

"Ele está indo bem. Seu pai acabou de chegar." Nash enfiou as mãos nos bolsos do casaco. "Posso te perguntar uma coisa?"

"Claro." respondeu Maggie.



"Sidney continua perguntando sobre Josh. Você acha que poderia levá-lo para visitar e dizer oi para Sidney hoje?"

Maggie olhou para o lado. "Josh mal disse uma palavra desde o acidente." Ela balançou a cabeça. "Apesar de fisicamente ele sair quase ileso, não acho que posso dizer o mesmo de sua saúde emocional." Maggie esticou o braço e colocou a mão no braço de Nash. "Vou visitar Sidney e dizer a ele o que acabei de lhe dizer. Esperemos que Sidney entenda."

Nash concordou. O que mais ele poderia dizer?



Sidney abriu os olhos de um cochilo para encontrar a sala vazia. Ele olhou para o relógio na parede. Ele apenas dormiu por quarenta minutos, então onde seu pai tinha ido? *Ainda bem*, disse a si mesmo. Ainda era difícil para ele entender que seu pai sabia muito pouco sobre ele.

Uma das primeiras perguntas de Jackson tinha sido quem eram os dois homens que estavam no acidente com Sidney. Quando Sidney tinha escrito os nomes de Josh e Luke em uma folha de papel, seu pai não agiu como se ele os conhecesse. Sidney voltou e escreveu companheiro de quarto ao lado do nome de Josh.

"Oh," seu pai havia dito. "Esse é o garoto que você passa férias às vezes."

Sidney tinha piscado duas vezes, mas seu pai não estava olhando para ele, então ele teve que escrever a palavra "sim" no papel.

Olhando para a porta, Sidney perguntou por que Josh não tinha vindo. De acordo com Nash, Josh tinha feito isso por ter passado pelo acidente com ferimentos leves. Ele entendeu



que o estado de Luke era muito mais grave do que o seu, mas certamente Josh tinha tempo para visitar por um minuto pelo menos.

O peito de Sidney apertou. E se Josh sabia? E se ele estivesse coerente o suficiente para presenciar o beijo? Sidney silenciosamente se amaldiçoou. Era por sua culpa que Luke não estava com cinto de segurança.

Ele sabia que iria viver com essa culpa para o resto de sua vida. O deixava maluco não poder sair da cama e checar Josh e Luke ele mesmo, mas estava preso nessa sala do caralho.

Pressionando o botão na grade da cama, Sidney lentamente se ergueu para a posição sentada.

Os pontos em suas costas gritaram em protesto, mas ele tinha uma carta para escrever. Ele pegou a caneta e encarou a folha de papel em branco.

Josh,

Eu sinto sua falta. Por favor, venha me ver. Eu sinto muito sobre o acidente. Desculpe se eu te decepcionei. Mais do que tudo, sinto muito que Luke está ferido. Por favor, me perdoe.

Sidney

Depois de colocar a sua caneta abaixo, Sidney arrancou a folha de papel. Dobrou o bilhete e escreveu o nome de Josh no exterior antes de apertar o botão de chamada. Ele rabiscou uma nota rápida para a enfermeira, enquanto esperava.

Vários momentos depois, a enfermeira entrou "Sim?"

Ele deu à mulher os dois pedaços de papel. Ela leu a sua nota e acenou com a cabeça. "Eu vou ver o que posso fazer."

Sidney relaxou. Ele tinha feito tudo que podia para o momento. O que ele faria se Josh nunca o perdoasse? Ele podia sentir se afundando em pânico, e porque não deveria? Não tinham dado a ele um espelho para se olhar, mas era evidente, a partir da dor que sentia,



mesmo com a ajuda de algumas drogas realmente boas, que o seu rosto e corpo estavam uma bagunça. *Vou considerar o lado de fora como eu sinto por dentro.*

"Sentiu minha falta?" Nash perguntou, entrando no quarto.

Sidney encarou o rosto esperançoso do homem que ele amava. Sua visão nublada com a emoção enquanto tentava imaginar o que Nash via quando olhava para ele. Via a casca golpeada do homem que ele costumava achar atraente, ou será que Nash via mais, a alma negra do homem que quase matou a si mesmo e outros dois por um beijo que nada significava?

"Você sabe onde Jackson foi?" Nash perguntou.

Sidney piscou uma vez.

Nash suspirou e se sentou na cadeira ao lado de Sidney. "Eu falei com o seu médico. Ele disse que desde que você continue essa pomada sobre seus pontos você deverá estar bem para falar. Ele encorajou isso, na verdade."

Sidney piscou uma vez. Não havia nada que ele queria dizer. Se ele começasse a falar, Nash acabaria lhe perguntando como tinha acontecido o acidente, e Sidney não estava pronto para admitir que foi sua culpa a ninguém, exceto para ele mesmo.

Nash apertou a mão de Sidney. "Eu vou encontrar Jackson. O médico disse que você deve sair daqui dentro de poucos dias, e há planos que precisam ser feitos."

Sidney não tinha ideia do que ele iria fazer, uma vez liberado. A ideia de seu pai ficar em casa a cuidar dele era absurda. Ele pegou a caneta e rabiscou no bloco. *Eu posso cuidar de mim mesmo.*

Em vez de gritar com ele, Nash se levantou e se inclinou para perto do rosto de Sidney. "Eu não tenho nenhuma dúvida que você pode, mas você não precisa, não quando você tem alguém que te ama por perto."

Sidney escreveu outra nota. *Papai não vai ficar.*

Nash olhou o papel e sacudiu a cabeça. "Eu não estava falando sobre Jackson."



As lágrimas novamente ameaçaram. Sidney começou a se perguntar se o seu estado sentimental tinha algo a ver com a medicação para a dor que ele estava recebendo. Tinha que haver outro motivo além do óbvio. Ele piscou os olhos, rapidamente dissipando a umidade.

Que diabos estava errado com ele? Nash tinha apenas declarado seu amor. Um pensamento súbito bateu nele. Era amor fraternal ou o tipo de amor que ele realmente queria? Nash ainda sentiria o mesmo se soubesse que ele tinha atraído um homem para fora de seu cinto de segurança minutos antes de bater num cervo? Em seguida havia as cicatrizes. Sidney levantou a mão e correu um dedo pelo seu rosto. Ele saiu com a pomada antibiótica pegajosa cobrindo o seu dedo.

Nash agarrou a mão de Sidney. "Você não deve tocar isso." Ele chegou para trás para conseguir um lenço da mesa. Depois de limpar o dedo de Sidney, Nash o beijou. "Eu pensei muito nos últimos dias."

Sidney engoliu o caroço em sua garganta enquanto Nash apertava sua mão.

"Meu objetivo na vida é amar você. Quando pensei que poderia perder você..."

Sidney respirou fundo quando viu uma lágrima rolar pelo rosto bonito de Nash. Nunca tinha visto Nash realmente chorar. "Eu ainda estou aqui," sussurrou Sidney.

As palavras pareceram piorar as coisas. Nash deixou cair seu queixo para descansar em seu peito enquanto chorava. Sidney levantou a mão e tirou o cabelo de Nash fora do seu rosto. Era sua vez de confortar o homem que sempre esteve ali para ele.

Nash finalmente enxugou os olhos em sua manga e olhou para Sidney. "Eu quero outra chance. Eu farei o que for preciso."

Antes de Sidney poder dizer ou escrever o que estava em seu coração, seu pai entrou no quarto.

Jackson deu uma olhada em Nash e parou seu trajeto. "O que está errado?"

Nash se levantou e balançou a cabeça. "Nada. Eu estava dizendo a Sidney como estou aliviado que ele vai ficar bem."



O olhar de Jackson foi de Nash para Sidney. “É claro que estamos aliviados.” Ele se mexeu de pé para pé. “Posso falar com você por um minuto?” Ele perguntou a Nash.

“Claro.” Nash sorriu para Sidney. “Volto logo.”

Sidney observou Nash sair. Apesar de ter entendido por que Nash não tinha contado a Jackson à verdade sobre sua conversa, ainda assim o incomodava. Nash estaria para sempre no armário?

Que tipo de vida Sidney poderia esperar ter com o cowboy lindo se Nash continuasse a se preocupar com o que os outros achariam do relacionamento deles? Inferno, Sidney não tinha até mesmo certeza sobre como chamar o que ele e Nash estavam começando. Relacionamento soava em longo prazo. Seria possível que os dois poderiam encontrar uma maneira de ficar juntos para sempre?

Sidney encarou a luz do teto. Talvez Nash estivesse certo. Talvez suas vidas fossem diferentes demais para fazer isso funcionar.

A porta se abriu e Josh entrou no quarto. Ele ficou olhando para Sidney por vários momentos sem dizer uma palavra. Foi Sidney que finalmente quebrou o silêncio. “Como está Luke?”

Josh balançou a cabeça. “Ele poderia muito bem estar morto.” Ele deu alguns passos em direção à cama, enquanto ele continuava a olhar fixamente.

Pela expressão no rosto de Josh, Sidney se perguntou o quão ruim ele realmente parecia. Nash havia garantido que ele iria curar, mas, de repente Sidney quis puxar o lençol sobre sua cabeça para evitar o olhar de Josh.

Josh levantou a nota que Sidney tinha escrito. “Eu não quero ou preciso do seu pedido de desculpas. Eu só vim para te dizer que eu não posso falar com você por algum tempo. Tenho algumas coisas que preciso resolver antes de poder fazer isso. Eu tenho o seu número.”

Sem outra palavra, Josh se virou e saiu do quarto. Sidney encarou a porta em estado de choque. Ele tinha acabado de perder seu melhor amigo?



Nash seguiu Jackson para a lanchonete do hospital.

"Quer café?" Jackson perguntou.

"Claro, eu acho." Nash encontrou uma mesa enquanto Jackson foi à fila de servir. O que Jackson diria se soubesse que Nash tinha acabado de dizer a Sidney que ele o amava? Suas emoções tinham sido óbvias? Talvez fosse por isso que Jackson queria falar com ele sozinho.

Jackson colocou o café de Nash na frente dele antes de tomar uma cadeira na mesa pequena. "Precisamos conversar sobre o que acontece quando levamos Sidney para casa," ele começou.

"Sim, eu queria falar com você sobre isso."

Jackson suspirou pesadamente e passou a mão sobre a parte traseira de seu pescoço. "Há algo que você deve saber."

"Tudo bem." O corpo inteiro de Nash enrijeceu.

"Eu estava no Havaí com a minha esposa," Jackson disse, inclinando os braços cruzados sobre a mesa.

"Você está casado?" Era a última coisa que Nash esperava ouvir.

"Sim."

Nash finalmente entendeu porque Jackson passava a maior parte de seu tempo no Colorado, mas onde isso deixava Sidney? "Você não está planejando levar Sidney de volta ao Colorado, está?"

Jackson reajustou seu corpo alto e magro na cadeira. "Sheila não sabe sobre Sidney."

"Desculpe? Como você não poderia dizer a ela que você tem um filho?"



"Ela é uma mulher muito religiosa. Eu tenho medo que ela não o entenda, e Sidney iria apenas acabar se machucando."

Nash achatou as palmas das mãos sobre a mesa e se inclinou para frente. "Então, como você pode se casar com uma mulher que não aprovaria o seu próprio filho?"

"Porque eu a amo," Jackson respondeu sua voz fria.

Mais do que amava Sidney, evidentemente. Algo repentinamente ocorreu a Nash. "Espere um minuto. Você disse que Sheila trabalhou para você por cinco anos?"

"Sim."

"Você me levou a acreditar que você só possuía o confinamento por alguns anos. Não só isso, mas como inferno a mulher poderia trabalhar para você por tanto tempo e não saber que você tem um filho? O que, você estava envergonhado de Sidney quando ele tinha apenas dezesseis anos?"

Jackson balançou a cabeça. "Em primeiro lugar, eu não lhe disse sobre o confinamento, pois não é da sua conta. E em segundo lugar, Sheila é uma decente mulher temente a Deus. Você e eu sabemos desde que ele era um menino que Sidney não era bom da cabeça."

"Não era bom? Então você está me dizendo que acha que ser gay é uma doença mental?"

Jackson deu de ombros, dando a Nash uma resposta sem palavras.

Nash começou a tremer com uma fúria desencadeada. "Eu sou gay, também. Você acha que eu sou louco?"

Os olhos de Jackson se estreitaram. "Essa é a razão de você estar farejando Sidney todos esses anos?"

Nash não pode se controlar mais. Ele se inclinou sobre a mesa e agarrou a frente da camisa de Jackson. "Escute aqui, seu filho da puta, o que eu fiz para Sidney foi dar a ele um modelo a seguir. Alguém que ele poderia depender, uma vez que nunca esteve ao redor. Portanto, não se atreva a sentar aí e me acusar de indecência, quando parece que eu sou a única pessoa viva que o ama."



Jackson olhou para frente de sua camisa. "Se eu pudesse demitir sua bunda, eu teria feito isso há dez anos, agora eu sugiro que você me solte antes que eu pule por cima da mesa e mostre a você como um homem de verdade luta."

Nash tinha pelo menos quarenta quilos de músculos sólidos a mais que Jackson, então a ameaça significava absolutamente nada. Ainda... "O que você quis dizer com isso? Porque você não pode me demitir?"

Os lábios de Jackson ficaram brancos. Era óbvio que o homem não tinha a intenção de dizer o que disse.

"É melhor você começar a falar." Rosnou Nash, liberando a camisa de Jackson.

"Porque apesar de todo o trabalho duro que eu coloque no maldito lugar, eu sou apenas um administrador do Running E. Eu ganho um bom salário, conforme estabelecido no testamento de Elizabeth, mas eu não a possuo. Eu não sei que tipo de feitiço que você lançou sobre a minha esposa quando ela esteve doente, mas ela fez uma disposição que era para você receber o usufruto da casa do pai dela e um emprego durante o tempo que você quisesse."

"Talvez sua mulher percebesse que pai ruim você é, e queria alguém próximo de Sidney que fosse capaz de amor e de compaixão," ele disparou de volta. Havia tantas coisas erradas com a explicação de Jackson que Nash não tinha certeza por onde começar. "Então, Sidney é proprietário do Running E?"

"Sim, mas ambos sabemos que ele não se importa com a fazenda."

"Ele tem vinte e um. Você não acha que ele tem direito legal de saber a verdade?"

"Claro, mas você está realmente pronto para perder o seu emprego? Porque nós sabemos o quanto ele odeia Bridgewater. Ele irá vender logo que ele descobrir a verdade."

Nash balançou a cabeça. "Independentemente disso, não é sua decisão para fazer." Com a sua mente formada, Nash se levantou. "Eu vou lhe dizer o que. Vou pegar Sidney de volta para a fazenda para que ele possa curar. Por que você não desocupa da casa e segue em frente até ao Colorado para ficar com sua nova esposa. Nós não precisamos de você."



“Quem diabos você pensa que é? Você não pode me ordenar para sair de minha casa,” Jackson argumentou.

Nash percebeu que eles estavam começando a atrair olhares dos outros na área. “Talvez não, mas Sidney pode. Devo ir para cima e contar a ele todos os seus pequenos segredos sujos?” Era a última coisa que Nash queria fazer. Claro, Sidney merecia a verdade sobre a fazenda, mas não sobre a falsidade de seu pai. Sabendo como Jackson tinha vergonha de seu filho iria doer em Sidney mais do que Jackson valia.

“Tudo bem, mas me deixe lidar com isso do meu jeito, e mantenha suas mãos sujas fora de meu filho até eu desocupar.”

“Você tem quatro dias. Sidney deve ser liberado em dois, isso vai dar a você mais dois para reunir sua merda.”



Capítulo Sete

Sidney ficou surpreso quando Nash parou do lado de fora da sua casa em vez da casa da fazenda. “Você não está me levando para casa?” Ele teve os pontos de seu rosto retirados antes de deixar o hospital, mas ele ainda teve que esperar mais alguns dias para os da sua cabeça e corpo sair.

“Talvez mais tarde na semana quando souber que Jackson se foi. No momento terá que se contentar com a minha humilde casa.” Nash saiu do caminhão.

Sidney esperou até que a porta estava aberta antes de desatar o cinto de segurança. Ele levou um instante para perceber que ele não estava usando um. Eles tentaram prendê-lo antes de sair do aeroporto em Wichita, mas o velho cinto estava muito apertado no peito de Sidney para o conforto. Nash acabou dirigindo para casa nas estradas secundárias para que ele pudesse ir tão devagar quanto precisava.

Nash havia contado a Sidney que Jackson estava se mudando para o Colorado permanentemente logo depois que ele deu a notícia que Sidney possuía a Running E. Era ainda um choque para Sidney, mesmo depois de dois dias. Sidney não podia deixar de se perguntar por que sua mãe havia feito isso. Sem o conhecimento de Nash, Sidney planejava encontrar uma forma de mudar a decisão mais uma vez.

Apesar de ter quase vinte e um, ficar perto da morte deixou Sidney pensando. Se alguma coisa tivesse acontecido com ele, era importante que a fazenda fosse deixada nas mãos de Nash, não de Jackson. Ele prometeu a si mesmo resolver a situação logo que estivesse fisicamente capaz de ir até a cidade.

Nash ajudou Sidney a sair do caminhão. Primavera no Kansas queria dizer uma coisa, lama, e Sidney não perdeu tempo em pisar em uma poça profunda dela. Ele levantou o pé e perdeu seu tênis no processo. “Excelente.”



Nash pegou Sidney em seus braços, tomando cuidado para não machucar Sidney além do necessário. “E o meu tênis?” Sidney perguntou, estremecendo quando o segurar de Nash esticou seus pontos.

“Vou desenterrá-lo em poucos minutos.” Nash realizado Sidney até a pequena varanda, antes de colocá-lo sobre seus pés. Ele destrancou e abriu a porta. “Lar doce lar.”

Sidney não tinha estado no interior da casa desde que seu avô era vivo. Ele deveria ter apenas cerca de seis ou sete anos. “Parece muito menor do que eu me lembro.”

Com as mãos nos quadris, Nash parecia estudar a sala de estar. “Não consigo imaginar por que um cara solteiro iria precisar de mais espaço.”

Sidney fez um gesto em direção ao canto da sala de estar. “Mamãe dormia em uma cama de solteiro naquele canto.”

“Uma pessoa vivendo aqui é uma coisa, mas eu não posso imaginar três.”

“Não foi três por muito tempo. Minha avó morreu não muito tempo depois que mamãe nasceu.” Sidney deu de ombros. “Acho que as mulheres da minha família foram enganadas quando se trata de envelhecer.”

Nash se aproximou e colocou a mão suavemente nas costas de Sidney. “Parece como isso. Sinto muito.”

Agora que eles estavam finalmente de volta em Kansas, Sidney queria o que ele estava esperando a semana toda. “Posso usar o seu chuveiro?”

Com um largo sorriso, Nash assentiu com a cabeça. “Eu ia sugerir isso, mas eu tinha medo que você levasse da maneira errada.”

Sidney tirou o boné de beisebol frouxo que ele tinha colocado antes de deixar o hospital e sacudiu a cabeça. Com uma maldição silenciosa, ele percebeu que já não tinha cabelo suficiente para sacudir. Ele tinha sido raspado para apenas um restolho ainda mais curto do que seu pai costumava cortar. Ele percebeu a expressão preocupante de Nash e rapidamente tentou se cobrir. “Você não tem que me dizer que eu estou um bruto nojento. Eu posso sentir o meu cheiro.”



“Espere um segundo, e eu vou trazer aquele sabão que o médico sugeriu.”

Sidney se virou e beijou Nash no queixo. “Obrigado por me trazer aqui.”

Nash passou seus braços em torno de Sidney e o beijou. Sidney tinha esperado por um dos beijos profundos de Nash, mas ambos sabiam que o rosto de Sidney não estava com cicatrização para uma batalha de língua ainda.

“Vá para o banheiro e tire a roupa. Vou levar as suas coisas.”

Sidney fez o que Nash sugeriu, removendo suas roupas. Ele puxou a cortina do chuveiro para trás o suficiente para ligar o spray antes de se voltar para pegar seu reflexo no espelho. Assim como o do hospital, o espelho do banheiro apenas proporcionou a Sidney um olhar para ele mesmo do peito para cima. Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, estudando as várias cicatrizes que cruzavam as laterais e topo de sua cabeça.

“Eu sou uma aberração.” Ele sussurrou. “Edward Mãos de Tesoura não tem nada a ver comigo.”

Sidney se virou e subiu na borda da banheira. Ele agarrou a haste de cortina do chuveiro com uma mão e apoiou a outra na parede para apoio. Era a primeira vez que via as cicatrizes em seu corpo do ponto de vista de alguém.

Antes que ele pudesse envolver sua mente em torno do monstro que havia se tornado, a porta se abriu.

Surpreso, Sidney quase perdeu o equilíbrio, mas um forte conjunto de braços se estendeu para segurá-lo.

“O que está fazendo?” Nash perguntou.

“Eu precisava ver.”

Em vez de repreendê-lo por se colocar em risco, Nash ergueu Sidney da borda da banheira. “Venha comigo.”

Nash levou Sidney pela mão para o quarto. No canto do pequeno quarto estava um antigo espelho oval de chão. Ele posicionou Sidney na frente dele. Nesse momento Sidney



percebeu que estava nu na frente de Nash. Ele moveu uma de suas mãos para proteger seu pênis flácido.

Não importava que ele tinha estado nu na frente de Nash antes. Sidney sabia que não era a mesma pessoa que havia sido antes do acidente.

Nash encontrou o olhar de Sidney no espelho. “O que você vê quando olha para você mesmo?”

Sidney estudou abertamente seu próprio reflexo. “Um garoto magrinho e careca coberto de pontos.”

Nash beijou o pescoço de Sidney. “Quer saber o que eu vejo?”

“Estamos olhando para o mesmo espelho, não estamos?”

“Evidentemente que não. Porque eu vejo um milagre em pé na minha frente. Não são os cortes ou o cabelo curto, apenas um grande conjunto de lindos olhos verdes me olhando de volta. Olhos que eu estava com medo de nunca mais ter a chance de olhar e para declarar o meu amor. Você é um sexy filho da puta e nunca pense de outra forma.”

Sidney começou a se virar, mas Nash o segurou no lugar. Nash seguiu a linha de pontos no peito de Sidney. “Você teve um cirurgião plástico maldito de bom. Em alguns anos, você nem vai lembrar que eles estão aí.”

Eu lembrarei, Sidney disse para si mesmo. *Eu sempre lembrarei*. Luke ainda estava em coma, e os médicos não estavam muito otimistas que ele alguma vez saísse dele. Sidney sentiu a queimadura das lágrimas. Um beijo acabou com qualquer chance de Luke poder ter uma vida normal. Mesmo que ele acordasse do coma, ele estaria paralisado e seu cérebro não iria funcionar do jeito que uma vez foi.

Antes de sair do hospital, Sidney conversou com Maggie. Ele a encorajou a processar a empresa de seguros por uma grande indenização. Ela parecia hesitante no início, mas finalmente concordou em discutir o assunto com Alan. Os Ballentines não eram o tipo de pessoas que levaria um processo judicial, a menos que fosse absolutamente necessário, e a partir do que Sidney tinha ouvido, Luke precisaria de muitos cuidados, se ele sobrevivesse.



"Sidney?" Nash perguntou.

"Desculpe. Estava pensando em Luke." Sidney se afastou do espelho e olhou para Nash. "Eu acho que você pensa que eu sou muito egoísta por pensar sobre mim mesmo quando Luke..." Ele balançou a cabeça, incapaz de continuar.

Nash puxou Sidney em seus braços. "Sinto muito por Luke, mas estou feliz que não foi você."

Sidney colocou sua bochecha boa no ombro de Nash. O homem estava tão incrivelmente doce com ele, mas Sidney não tinha certeza se merecia isso. Mesmo assim... Quem era ele para olhar um cavalo de presente na boca? "Claro que você sabe o que todas essas cicatrizes significam, não é?" Ele perguntou em um esforço para aliviar o clima.

"O quê?"

"Meu sonho de ser um stripper de alto preço estão acabados."

Nash começou a rir. Era o som mais doce que Sidney tinha ouvido em meses. Nash beijou o lado da cabeça de Sidney. "Você pode se despir para mim a qualquer hora."



Nash parou na frente do celeiro e estacionou em seu local habitual. Ele não viu o caminhão de Jackson no caminho, mas ele prometeu dar ao homem outro dia antes dele sair da casa. Saindo do caminhão, ele avistou Tommy e Steve trabalhando na cerca do curral. "O que aconteceu? Parece como se um tornado o atingiu."

Tommy terminou de bater em um prego antes de virar para encarar Nash. "O chefe atravessou com seu caminhão por acidente."



Sim, Nash apostava que foi apenas um acidente. “Quando foi isso?”

“Ontem. Quando ele chegou para verificar Diablo,” Steve respondeu.

A coluna de Nash enrijeceu. Ele havia suspeitado há muito tempo que foi Jackson quem havia chicoteado o pobre garanhão, e o pensamento do homem estar em qualquer lugar perto do cavalo novamente não agradou em nada. “Ele está bem?”

“Jackson?” Tommy perguntou.

“Inferno, não. Eu quis dizer Diablo,” Nash esclareceu.

“O de sempre. Você é o único que ele permite que chegue perto dele, mas nós administramos.” Tommy empurrou seu chapéu de cowboy fora de sua linha de visão e encontrou o olhar de Nash. “E sobre o garoto?”

Nash não tinha certeza do que dizer aos vaqueiros. Ele tinha se tornado tão acostumado a minimizar os ferimentos de Sidney que foi quase um hábito contar aos rapazes que Sidney estava bem, mas Nash era experiente o bastante. Mais cedo ou mais tarde eles veriam Sidney. Nash decidiu que era melhor preparar os homens para essa ocasião ao invés de Sidney ver suas expressões chocadas.

Antes que pudesse conseguir as palavras para fora, Tommy colocou o seu martelo para baixo e caminhou em direção a Nash. “Está ruim?”

Nash concordou. “Ele teve sorte, não me interpretem mal, mas ele tem muitos cortes. O médico que o costurou teve que raspar sua cabeça. Ele vai ter um par de cicatrizes em seu rosto, mas uma em particular está muito visível, apesar dos melhores esforços do cirurgião plástico.” Nash fez um gesto ao seu tronco e pernas. “Mais escondidas debaixo de suas roupas.”

“Maldição,” Tommy disse.

“Yeah. Sim. Se eu conseguir tirá-lo de casa, tente não encarar,” Nash disse aos dois homens.

Sem outra palavra, Nash caminhou em direção ao celeiro. Ele precisava checar Diablo por ele mesmo. Tinha passado mais de uma semana desde que ele tinha visto o arisco cavalo, e



Nash não tinha ideia de que tipo de retrocesso isso iria se manifestar na recuperação de Diablo.

“Ei, garoto,” ele cumprimentou.

Diablo bufou e deu vários passos para trás.

“Eu sei que você está chateado, mas eu tinha outras coisas para lidar.” Nash encontrou a cadeira do gramado que havia escondido próximo da baia. Abriu a cadeira o mais lentamente que pôde antes de se sentar.

Quando Diablo ainda não se aproximou da frente da baia, Nash se abaixou e pegou duas guloseimas do balde ao lado dele. Ele jogou um na metade do caminho entre Diablo e a parte dianteira, esperando atrair o cavalo para frente.

Em vez de ir para a guloseima, Diablo recuou um passo, se colocando no canto. *Merda.* Nash suspirou. Um passo à frente e dois passos para trás. Ele viu a maneira arisca que Diablo se moveu e se lembrou de Sidney. Não apenas as duas belas criaturas acreditavam que suas cicatrizes os tornaram menos do que eles eram, mas ambos possuíam feridas internas que seriam mais difíceis de curar.

Sidney ainda tinha pesadelos, algo que Nash esperava que aliviasse uma vez que o homem fosse removido do ambiente hospitalar. Nash não podia imaginar como seria ser chutado pelas pernas de um veado se debatendo na morte, mas parecia ser mais do que isso. Sidney tinha visto Luke voar através do para-brisa? Teria ele ouvido os ossos das costas de Luke se quebrando, visto o impacto que tinha feito danos permanentes ao crânio do homem?

Nash fechou os olhos e respirou profundamente. Por mais que Nash gostaria de passar todo o seu tempo com Diablo e Sidney, isso simplesmente não era possível. Os homens precisavam ser pagos, o que significava que os livros tinham de ser atualizados. Era o único aspecto do trabalho que Nash odiava. Talvez se desse algo a Sidney para fazer enquanto ele se recuperava seria bom para ele. Ele se questionou se isso poderia fazer qualquer bem a Sidney se sentar com Diablo.



Mesmo se Sidney estivesse interessado em passar tempo com o cavalo, Nash sabia que Sidney não estava pronto para expor sua aparência física para os outros vaqueiros.

Nash jogou a última guloseima na baia antes de levantar. “Volto mais tarde.”
Engatinhando.



Sidney estava deitado no sofá quando Nash voltou para casa para o jantar. Havia sido pedido para ele ficar na cama, mas o sofá parecia menos solitário. “Antes que você grite comigo, você deve saber que eu coloquei um lençol debaixo de mim, então não vou estragar nada.”

Nash tirou as botas e o chapéu antes de caminhar para Sidney. “É melhor eu conferir,” ele disse com um sorriso no rosto. Ele levantou o lençol que cobria o corpo nu de Sidney. “Sim, você está dizendo a verdade.”

A expressão quente no rosto de Nash quando olhou para ele confundiu Sidney. O homem não via o mapa de cicatrizes? Por mais que Sidney quisesse arrancar o lençol da mão de Nash e se cobrir, ele descobriu que gostava muito da atenção de Nash. Ele deixou suas pernas caírem abertas.

“Vê algo interessante lá em baixo?”

Nash escovou as costas da mão contra o pênis crescendo de Sidney. Embora tivessem dormido juntos na noite anterior, Sidney tinha evitado o toque de Nash. Nash repetiu o movimento. “Nunca serei capaz de olhar para você sem encontrar algo interessante.”



A virilha de Sidney era um dos poucos lugares na frente de seu corpo que não sofreu danos. Talvez fosse essa a razão pela qual a atenção de Nash não incomodou Sidney. Enquanto o foco de Nash permanecesse no pênis duro em sua mão, ele não notaria o resto do corpo de Sidney.

Sem uma palavra, Nash caiu de joelhos. Ele correu a ponta da sua língua em volta da cabeça do pênis em chamas de Sidney antes de lambe a fenda gotejando pre-sêmen. Os quadris de Sidney se arquearam por atenção.

Nash voltou a olhar nos olhos de Sidney. “Você está pronto para isso?”

Sidney correu um dedo pela poça de pré-sêmen abaixo de seu umbigo. “O que você acha?”

Com uma risada, Nash lambeu o pênis de Sidney antes que ele pingasse novamente. “Eu acho que estou com fome.”

Sidney descansou a cabeça contra o travesseiro, o calor cercando seu pênis. O girar da língua de Nash estava quase causando sua ruína.

Tinha sido há muito tempo desde que alguém o chupou, e desde que foder não era possível por mais alguns dias, Sidney iria aproveitar cada pingo de atenção de Nash.

Ele enterrou os dedos no cabelo de Nash. Normalmente, gostava de assistir alguém sugando profundamente seu pênis, mas cada vez que Sidney abria seus olhos para olhar para Nash, tudo o que podia ver eram as fileiras de pontos. Mesmo sendo mais prazeroso ele não podia se livrar da realidade do que havia acontecido com ele.

Sidney fechou os olhos e tentou bloquear tudo exceto a sensação da garganta de Nash trabalhando em seu pênis. Porra, o homem sabia como dar uma chupada. Um dedo com cuspe encontrou seu caminho para o buraco de Sidney, sondando delicadamente.

Com um gemido, Sidney impulsionou para cima, estremecendo enquanto os pontos o lembraram, mais uma vez, de sua situação. Ele não podia esperar para curar, para sentir o comprimento de Nash batendo nele. Sidney engasgou quando o dedo de Nash cutucou sua próstata. “Tão bom.”



Nash raspou os dentes contra a pele fina do pênis de Sidney, enviando Sidney ao longo da extremidade. O grito de êxtase de Sidney saiu mais como um grito de uma mulher, mas ele estava muito imerso em sobreviver ao seu orgasmo para se importar.

Somente quando o último tiro de esperma deixou seu pênis foi que Sidney abriu seus olhos. Ele olhou para Nash. Foi então que viu a mão livre de Nash masturbando seu próprio pênis. “Aqui.” Abriu a boca tanto quanto podia sem se machucar e esticou sua língua para fora, esperando que Nash o alimentasse também.

Nash liberou o pênis exausto de Sidney. “Você quer um pouco disso?” Ele perguntou, se levantando.

“Inferno, sim.” Sidney lambeu os lábios enquanto observava Nash deslizar a mão para cima e para baixo no comprimento do pênis longo e gordo.

Nash limpou a ponta do seu pênis contra a língua de Sidney, depositando um fio saboroso de pré-sêmen. “Sexy,” Nash disse quando Sidney começou a esfregar sua língua ao longo da parte inferior do pênis de Nash.

“Mais.” Sidney abriu a boca novamente olhando nos olhos de Nash. Ele observou a mudança de expressão no rosto de Nash quando o belo homem atirou em sua primeira carga. O esguicho de porra grossa apenas chegou parcialmente à boca de Sidney enquanto o restante cobria os lábios e bochechas de Sidney.

A segunda descarga de Nash encontrou seu alvo, cobrindo a língua de Sidney. Foda, Nash tinha um gosto bom.

Sidney puxou Nash mais perto antes de envolver seus lábios em torno do pênis gasto. Ele limpou Nash completamente antes de soltar o órgão flácido. “Melhor do que qualquer coisa que nenhum de nós poderia fazer na cozinha,” ele disse com um sorriso.

Nash puxou sua cueca antes de se ajoelhar ao lado do sofá. Ele roubou o esperma do rosto de Sidney com a língua antes de compartilhar um profundo beijo. Interrompendo o bloqueio dos lábios, Nash deu uma risadinha. “Apenas espere até você estar bem. Eu aposto



que posso fazer algo tão bom na cozinha se eu colocar minha cabeça nisso." Ele beijou a ponta do nariz de Sidney. "Já foi fodido na cozinha?"

Sidney balançou a cabeça. "Não há muitas cozinhas nos lugares que eu estou acostumado a conseguir ação."

"Então você terá uma surpresa." Nash puxou o lençol por cima de Sidney. Ele começou a massagear o pênis gasto de Sidney. "Eu não sei quanto tempo conseguirei que você fique aqui, mas não pretendo perder um segundo do tempo que temos juntos, então prepare-se."

A ideia de ser fodido por Nash dia e noite tinha sido a sua maior fantasia. "Eu não vou a lugar nenhum," Sidney disse a Nash. Como ele poderia, quando finalmente tinha uma chance real com a pessoa que ele sempre quis?

"Claro que você vai, mas você está aqui agora." Nash deu um beijo rápido em Sidney. "E como eu disse, eu não pretendo desperdiçar nosso tempo juntos."

Discutindo com Nash não faria nenhum bem, então Sidney deixou o assunto da sua partida para depois.

"E sobre o seu professor? Ainda planeja vê-lo?"

"Claro que não."

O estômago de Sidney roncou, interrompendo a conversa. Ainda bem, porque Sidney não queria perder tempo falando sobre o acordo de Nash com Reece. "Fiz uma sopa de carne vegetal hoje mais cedo. Poderia aquecer isso para nós?"

"O que você usou para fazer a sopa?" Nash perguntou.

"Não fique muito animado. Eu usei legumes em conserva, então a única coisa que eu tive que fazer foi cozinhar o ensopado de carne e jogá-lo todos juntos."

Nash suspirou e passou o dedo sob o queixo de Sidney. "Você deve apenas se concentrar em ficar melhor. Acredite em mim, Preciso que você fique melhor." Nash moveu a mão para baixo do corpo de Sidney e apertou seu pênis, deixando Sidney sem nenhuma dúvida quanto ao que ele realmente precisava.



"Tenho certeza que podemos conseguir uma posição confortável para foder se colocarmos nossas mentes nisso." Sidney correu as costas de sua mão à frente da cueca de Nash quando se levantou.

Nash resmungou no contato. "Acho que posso me controlar por mais alguns dias."

Sidney colocou a mão sobre o saco pesado que estava visível na cueca branca de Nash. "Talvez eu não possa."

Nash usou sua mão para pressionar a palma de Sidney com mais firmeza contra seu pênis desperto.

"Tente se controlar, porque a última coisa que eu quero é te machucar de alguma forma." Ele soltou a mão de Sidney e se afastou do alcance de Sidney. "Eu vou preparar o jantar. Quer sentar-se à mesa?"

"Claro." Respondeu Sidney. Ele esperou até que Nash entrou na cozinha antes de jogar o lençol. Ele estremeceu quando ele se sentou. Era a longa cicatriz ferida em seu estômago que parecia lhe dar mais problemas. Embora a laceração não tivesse feito nenhum dano a seus órgãos, o músculo foi cortado completamente. Ele ainda não conseguia entender como o veado agonizante conseguiu fazer tanto dano. Tudo ainda era um borrão. Lembrou-se dos acontecimentos, mas tudo pareceu acontecer tão rápido que ainda não conseguia identificar quando cada lesão ocorreu.

Sidney colocou a mão na ferida em sua lateral inferior esquerda e se sentou se, estremecendo quando ele fez.

A enfermeira do hospital tinha rido quando ele reclamou das lesões. Ela disse a ele que havia uma ala inteira de pacientes do setor de cesariana que estavam ocupadas reclamando da mesma coisa. Não era a primeira vez que ele foi comparado a uma mulher e, certamente, não seria a última. O que ele não conseguia entender era por que uma mulher poderia sofrer o tipo de dor que ele tinha e decidir fazê-lo novamente. Não era atoa que ele preferia pênis a buceta. As mulheres eram simplesmente estranhas.



Capítulo Oito

“Como se sente se movendo de volta para a casa principal hoje?” Nash perguntou ao puxar suas meias.

“E quanto a você?” Sidney passou a mão pela espinha de Nash. “Você já está cansado de mim?”

Nash se virou para Sidney. Havia se passado uma semana desde que Jackson deixou o rancho, mas cada vez que Nash mencionava a mudança, Sidney o interrompia. Apesar de eles estarem tentando levar as coisas devagar, tanto sexualmente como emocionalmente, Nash estava completamente viciado em tudo o que Sidney tinha a oferecer.

“O que no mundo daria a você essa ideia?” Nash passou a mão na coxa de Sidney.

O último dos pontos foi retirado dois dias antes, e a pele cicatrizando ainda estava rosada. “Eu estava esperando que você me convidasse para ficar um tempo.”

“Você faria isso?”

“Num piscar de olhos.” O toque de Nash desviou-se para o pênis de Sidney. Desejava que tivesse tempo para mais uma rodada com o sexy homem, mas já era quase sete horas e as tarefas precisavam ser feitas.

“Eu poderia te ver mais, se vivêssemos lá, certo?” Sidney se mexeu para esfregar o calcanhar de encontro à protuberância crescendo no jeans de Nash.

“Com certeza. Embora isso também pudesse nos trazer problemas.” A ideia de escapulir para a casa por uma transa rápida seria um inferno de uma tentação.

“Quem é que vai lhe trazer problemas com isso? De jeito nenhum eu vou reclamar.”

Nash sabia que era o momento certo para apresentar o seu plano para Sidney. “Se estamos vivendo tão perto do estábulo, eu quero saber se você poderia me ajudar com uma coisa.”



A cabeça de Sidney rolou para o lado. O homem mais jovem tinha deixado bem claro que odiava o trabalho da fazenda. “Continue.”

“Eu não tenho tempo para dar a Diablo a atenção que ele precisa. Eu estava esperando que eu pudesse levá-lo há passar algumas horas por dia sentado com ele.”

“Você se esqueceu de que ele tentou quebrar minha cara com os seus cascos? Eu não acho que ele gosta muito de mim.”

Nash balançou a cabeça. Ele mudou seu toque para baixo roçando para trás e para frente entre as bolas de Sidney. “Acho que a maior coisa que Diablo precisa é de alguém em quem confiar. Eu estava fazendo um trabalho bem decente antes de você me atrair para sua cama. Agora eu não tenho o tempo livre que eu costumava ter.”

“E você, na verdade, apenas quer que eu fique sentado lá?” Sidney perguntou.

“É isso.” Apesar de Nash não dizer, ele esperava que a situação fosse ajudar tanto o homem quanto o cavalo. Além disso, isso daria a Sidney algo para fazer além de pensar sobre Luke e o acidente.

Maggie tinha telefonado na noite anterior para informar a Sidney dos seus planos para transferir Luke para um hospital de reabilitação, logo que ele estivesse bastante forte. Os médicos ainda estavam em uma atitude de esperar para ver com respeito às chances de recuperação de Luke.

“Certo,” Sidney acabou concordando. “Com uma condição.”

Nash revirou os olhos. Sidney tinha feito essa coisa de ‘única condição’ desde que ele o conhecia.

“O que é isso?”

“Você me ajuda a colocar uma mesa de desenho no estábulo. Se eu vou passar horas lá, eu poderia muito bem fazer algo construtivo com o meu tempo.”

“Negocio fechado.”



Nash transportou as malas de Sidney no andar de cima e parou. “Devo colocá-las em seu antigo quarto ou no quarto principal?”

“Meu quarto,” Sidney respondeu, lentamente fazendo seu caminho acima das escadas. A ideia de dormir na cama do seu pai enviou arrepios na espinha de Sidney. Ele percebeu Nash dando-lhe aquele olhar de novo. Sidney não podia entender a razão disso, mas era quase como se Nash estivesse esperando que Sidney se rompesse ou algo assim. “Meu quarto tem a melhor visão do estábulo,” disse ele, na esperança de deixar a mente de Nash despreocupada.

“Certo.” Nash continuou pelo corredor até a parte de trás da casa. “Sobre a cama?”

“Sim, isso está ótimo.” Sidney entrou em seu quarto e olhou ao redor. Seu olhar pousou sobre o chapéu de couro desgastado de sua mãe, Velho Ben, que estava pendurado na parede. De repente, ele ansiava por estar cercado pelas coisas da sua mãe. Ele rapidamente se perguntou se ele iria encontrar mais tesouros dela escondidos no quarto principal.

“Alguma coisa errado?” Nash perguntou, pegando a mão de Sidney.

“Na verdade não. Mas acho que eu gostaria de um tempo sozinho.” Ele gesticulou para as malas. “Você sabe, para me instalar novamente.”

Nash ergueu a mão de Sidney aos seus lábios e beijou a palma da mão. “Claro que sim. Apenas toque o sino do jantar na varanda, se precisar de mim.”

“Obrigado.” Sidney ficou na ponta dos pés e deu um beijo rápido em Nash. O homem tinha sido incrivelmente compreensivo com as oscilações de humor de Sidney.



Nash se afastou e deixou o quarto. Sidney ouviu as botas de Nash no chão de madeira enquanto ele caminhava pelo corredor. O som parou por um instante antes de continuar. Nash estava obviamente relutante em deixar Sidney sozinho, mas por quê?

Assim que Sidney ouviu a porta da frente fechar, ele atravessou a sala e ergueu o Velho Ben de seu gancho. O couro estava duro e seco, algo que sua mãe nunca teria tolerado. Apesar de seu estado, Sidney o carregou para o espelho antes de colocá-lo.

Embora fosse um chapéu de mulher, o Velho Ben se ajustava na cabeça calva de Sidney perfeitamente. Ele prometeu a ele mesmo que pegaria alguma coisa do celeiro para ajudar a trazer o couro negro de volta à vida. Satisfeito, ele tirou o chapéu e o colocou na cômoda.

Foi então que viu o frasco de perfume White Shoulders. Nash o tinha comprado na cidade e o colocado ali? Sidney foi até o armário e tirou o suéter rosa de sua mãe fora do cabide. O apertando em suas mãos, Sidney ergueu a roupa para o rosto. Ele fechou os olhos enquanto aspirava o cheiro de sua mãe. Sidney sabia que o cheiro incitava memórias, e uma veio imediatamente à mente.

Foram alguns dias antes da morte de sua mãe. Lembrou-se de voltar para casa da escola e ir direto para o quarto dela. Na grande cama king-size, sua emagrecida mãe parecia tão incrivelmente pequena em sua camisola e suéter rosa.

Sidney engoliu o nó em sua garganta. Ele não gostava de se lembrar de sua mãe dessa forma. Antes do câncer ela tinha sido uma mulher forte e amorosa que teria feito qualquer coisa por Sidney. Quantas vezes sua mãe lhe falou sobre a importância de manter o Running E em sua família?

Com um suspiro pesado, Sidney sentou no assento da janela e olhou para fora para a propriedade que sua mãe tanto amava. O que aconteceria com ela quando ele fosse embora? Era a primeira vez em sua vida que desejou ser hétero. Saber que não queria uma vida na fazenda só piorava as coisas. E se ele partisse e seu pai tentasse voltar?



Pensar em seu pai trouxe de volta verdades mais dolorosas. Sidney precisava ver uma cópia do testamento, e sabia que seria inútil procurar por ele na casa. Cabia a ele ter certeza que não havia brechas que seu pai pudesse se aproveitar para reivindicar a posse da Running E.

Antes que percebesse, Sidney estava parado fora do estábulo com o Velho Ben cobrindo sua cabeça. Era a primeira vez desde o acidente que ele chegava perto dos homens que trabalhavam na Running E. Embora os homens sempre fossem gentil com ele, Sidney não conhecia nenhum deles bem, exceto Nash, é claro, mas Nash sempre tinha sido diferente.

Ele entrou no estábulo. "Nash?"

Uma cabeça surgiu de dentro de uma das baias. Era um homem mais jovem que Sidney não reconheceu. "Posso ajudá-lo?"

Sidney deu um passo em direção ao homem. "Eu sou Sidney Wilks." Ele continuou para frente e segurou sua mão sobre a baia.

"Lonnie," o jovem se apresentou e apertou a mão de Sidney.

"Estou procurando por Nash."

"Ele recebeu um telefonema. Acho que ele foi aos fundos para atender."

Sidney assentiu. "Obrigado." Quando saiu Sidney não podia deixar de se perguntar o que Lonnie pensou dele. Embora o homem não tivesse olhado para as cicatrizes no rosto de Sidney, não havia dúvida de que ele as tinha notado.

Não importa, Sidney disse a si mesmo. As amplas portas duplas usadas para transferir os cavalos dentro e fora do estábulo estavam abertas, e o cabo do telefone estava esticado ao redor do canto. Ele começou a entrar, mas algo que Nash disse o impediu no meio do caminho.

"Sinto muito, Reece. Eu sei que deveria ter ligado."

O nome do outro amante de Nash atingiu Sidney como uma tora de madeira entre os olhos. Ele queria correr e dizer a Nash para terminar a chamada, mas não conseguiu dar um único passo.



"Sim," Nash continuou. "Ok, vou encontrá-lo no Gregory às oito."

Sidney ainda estava de pé dentro do estábulo quando Nash praticamente esbarrou nele. "Ei." Nash acariciou o rosto de Sidney com a mão antes de pendurar o telefone de volta no gancho. Ele sorriu para Sidney. "O chapéu ficou bem."

Sidney deu de ombros. Nash iria fingir que ele não estava no telefone marcando um encontro com outro homem? "Ele precisa ser melhorado," ele conseguiu dizer.

"Eu vejo isso. Por que você não o deixa comigo que vou conseguir arrumá-lo para você?"

Sidney tirou o chapéu e o estendeu sem dizer uma palavra.

"Algo errado?" Nash perguntou, pegando o Velho Ben.

"Você vai sair hoje à noite?" Sidney conseguiu coragem para perguntar. Uma imagem de Nash vestindo seu jeans apertado e chapéu de cowboy preto sexy veio à mente.

Os olhos de Nash se arregalaram momentaneamente. Ele surpreendeu Sidney com um sorriso torto. "Você ouviu isso, não é?"

"Sim." Sidney esperou. Nash nunca havia mentido para ele, mas havia sempre uma primeira vez.

Braços fortes envolveram Sidney. "Não é o que você pensa, então consiga esses pensamentos bem longe dessa sua linda cabeça."

"Eu ouvi você marcar um encontro. Então, me diga exatamente o que eu tenho que pensar?" Sidney não conseguia olhar nos olhos de Nash.

"Eu não sei. Talvez que Reece tem sido um amigo de longos anos para simplesmente acabar as coisas pelo telefone? Que ele merece na verdade ouvir que eu estou apaixonado por alguém cara-a-cara em vez de uma mensagem de texto?" Nash soltou Sidney e deu um passo para trás. "Eu não vou trair você. Nunca. Ou você acredita ou não. Esta é uma das razões pelas quais eu lutei contra meus sentimentos por você. Eu ainda não sei como diabos uma relação entre nós irá funcionar, mas uma coisa é certa. Você está terminando aquele seu diploma, o que significa que você vai sair no final do verão. Agora, você pode escolher se tornar um



miserável se preocupando que estou fora fodendo com outra pessoa, ou você pode se concentrar em seus estudos sabendo que eu te amo. A escolha é sua.”

Antes de Sidney poder dizer uma palavra, Nash saiu do estábulo, o Velho Ben ainda agarrado em sua mão. Sidney quis correr atrás de Nash, mas não podia. Apesar do que Nash disse, Sidney sabia que ele sempre se preocuparia. Nash pode não ser um traidor, mas isso não significa que ele não encontraria alguém e terminaria com Sidney antes de fazer um movimento sobre o outro cara.

“Você o encontrou?” Lonnie perguntou, empurrando um carrinho de mão cheio de palha e excremento na direção de Sidney.

“Sim,” respondeu Sidney. Ele viu como o olhar de Lonnie varreu as cicatrizes agora visíveis na cabeça nua de Sidney. De repente, Sidney precisava fugir. Ir dirigindo ao município de Reno em Hutchinson era impossível, mas ele podia adiar em conseguir uma cópia do testamento para outro dia ou mais. Ainda assim, ele precisava de um lugar para pensar.

Sidney pensava apenas em partir, mas ele sabia que não podia fazer isso, tampouco. Antes de Lonnie sair do estábulo, Sidney o chamou, “Se alguém precisar de mim vou estar no cemitério.”



Nash puxou ao longo da estrada e estacionou atrás do caminhão do rancho em frente ao cemitério da família Running Elk. A parede de pedra empilhada ao redor daquele lugar de descanso sempre impressionou Nash. O muro havia sido construído há mais de cem anos atrás e nem uma pedra estava fora do lugar.



Ele viu Sidney sobre um cobertor debaixo da castanheira antiga que sombreava o túmulo de sua mãe. Nash se lembrou do ataque de irritação de Jackson por enterrar sua esposa nesse local específico. Jackson não gostou da ideia das raízes da árvore eventualmente destruindo o caixão de Elizabeth. Elizabeth tinha apenas sacudido sua cabeça e tentado explicar para seu angustiado marido que, ao se tornar parte da árvore, ela iria viver por muitos anos.

"Ei," Nash cumprimentou. "Lonnie me disse que você estaria por aqui." Nash sentou no canto do cobertor e descansou suas costas contra a árvore. Ele tirou o chapéu de cowboy e o colocou sobre a grama.

Os olhos de Sidney permaneceram fechados, mas Nash sabia que o jovem não estava dormindo. "Eu posso senti-la aqui."

"Eu sei." Nash tinha encontrado um Sidney perturbado no túmulo de sua mãe em mais de uma ocasião ao longo dos anos. Não havia dúvidas na mente de Nash a razão pela qual Sidney estava procurando o conforto de sua mãe. A conversa no estábulo não tinha ido bem.

Nash sabia que ele pareceu mais grosseiro do que queria, mas naquele momento ele não podia acreditar que Sidney questionaria sua fidelidade. Foi só depois que se afastou que percebeu porque Sidney se preocuparia.

"Conheço Reece por quase oito anos. Estava transando com ele por aproximadamente o mesmo tempo," Nash começou.

"Eu acho que não quero ouvir isso," Sidney murmurou.

"Tenho certeza que não, mas você não me deixou terminar. O que eu ia dizer é que eu transei com Reece nos últimos oito anos e nunca senti que era algo mais do que uma foda. Uma noite com você e eu sabia que fazer amor era tudo. Pode parecer piegas como o inferno, mas eu não posso voltar atrás. Você me tem."

Sidney finalmente abriu os olhos e virou a cabeça para Nash. "Ele é bonito?"



“Sim.” Nash se moveu para se esticar ao lado de Sidney. Ele traçou algumas das pequenas cicatrizes escuras na cabeça de Sidney. “Mas não como você.” Ele passou a mão sobre a pequena quantidade de penugem preta. “Eu sei que você não pensa assim, mas tenho o pressentimento que você não está realmente se vendo mais. Eu acho que você está vendo o rosto de um homem que estava dirigindo um carro quando a vida de um amigo foi mudada para sempre.”

Sidney rapidamente se afastou, retirando a mão de Nash. “É claro que eu estou. Como não poderia eu, quando sou confrontado com o que eu fiz cada fodida vez que eu me olho no espelho?”

“Eu gostaria de poder usar uma varinha mágica e tirar sua culpa, mas eu não posso. E eu não vou lhe dizer para não sentir o que você está sentindo, porque eu tenho certeza que eu estaria passando pelas mesmas emoções, se nossas posições fossem invertidas. Mas você vai passar por isso. Nós vamos passar por isso.” Nash colocou a mão sobre o centro do peito de Sidney.

Sidney encontrou o olhar de Nash com lágrimas em seus olhos. “Eu beijei Luke.”

A confissão fez Nash se sentir desconfortável. “Isso é tudo que você fez com ele?”

Sidney balançou a cabeça como se estivesse frustrado. “Não é o beijo. O beijo não quer dizer nada.”

“Então o que é?” Nash perguntou confuso.

“Ele soltou seu cinto de segurança para que pudesse me beijar enquanto eu dirigia naquela noite.” O impacto da declaração deixou Nash surpreso por um momento. Ele ficou deitado ali olhado fixamente para Sidney.

“Agora você entende? Eu acho que Josh sabe. Acho que é por isso que ele não pode suportar olhar ou falar comigo.”

Nash escorregou mais perto de Sidney antes de puxar o homem para os seus braços. Apesar de ter entendido a culpa de Sidney, Nash sabia que ele não era o único. “Se você é culpado, então eu também sou. Eu não devia ter afastado você como eu fiz. Talvez se eu não



tivesse te afastado, o beijo nunca teria acontecido. E a menos que você tenha soltado o cinto de segurança de Luke, ele divide parte da culpa também.”

Com seu rosto ferido encostado no peito de Nash, Sidney apertou forte Nash. “Eu amo você.”

“Eu amo você também.” Nash pensou sobre seu encontro com Reece. Embora fosse importante falar com Reece pessoalmente, ele não conseguia deixar Sidney sozinho esta noite. “Vou ligar para Reece e lhe dizer que não posso ir hoje à noite.”

“Você não precisa.” Sidney murmurou.

“Sim, preciso. Ele tem uma ideia do que está acontecendo de qualquer maneira, então tenho certeza que ele vai entender se eu precisar remarcar.”

Sidney se moveu para apoiar o queixo no peito de Nash. “Eu preciso ir a Hutch conseguir uma cópia do testamento de minha mãe. Talvez vocês dois possam tomar uma bebida ou algo juntos enquanto eu faço isso.”

Nash olhou para o céu por entre os galhos da árvore. Sidney estava tentando um meio termo, ou estava simplesmente esperando controlar a quantidade de tempo que Nash passaria com Reece? Será que importava?

Nash apenas precisava falar com Reece tempo suficiente para terminar tudo respeitosamente. “Parece bom,” ele finalmente disse.

Sidney se moveu até estarem face a face. “Você vai vê-lo novamente quando eu voltar para a faculdade?”

Olhando fixamente os grandes olhos verdes de Sidney, Nash não conseguia imaginar alguém ocupando seu lugar. “Não.” Em seu coração, ele sabia que estava se condenando a uma vida de solidão.

Embora Sidney voltasse à fazenda de vez em quando, Nash nunca teria a vida doméstica que sempre tinha secretamente desejado.

Sidney sorriu. A cicatriz fresca poderia desaparecer, mas o sorriso de Sidney havia sido alterado para sempre.



Em vez do grande sorriso juvenil que Nash chegou a amar, a cicatriz impedia que um dos lados dos lábios de Sidney se esticasse completamente, criando um sorriso mais jovial. Nash achava que a cicatriz fez Sidney parecer ainda mais sexy do que já era. Ele puxou a cabeça de Sidney para baixo para um profundo beijo.

Sem pensar, Nash rolou em cima de Sidney. Ele rompeu o beijo e olhou para o homem que possuía seu coração. “Estou machucando você?”

“Nunca,” Sidney respondeu antes de empurrar sua língua na boca de Nash.

Nash se firmou no seu antebraço na esperança de manter a maior parte de seu peso longe do tronco ainda cicatrizando de Sidney. O contato direto de seu pênis ao de Sidney era o que ele precisava. Ele moeu contra a ereção de Sidney, desejando que tivesse trazido lubrificante. Ele poderia facilmente conseguir ambos fora sem foder, mas Nash queria ouvir Sidney fazer barulho, algo que ele apenas parecia fazer enquanto era montado duro.

Com um gemido, Nash rompeu o beijo. “Precisamos ir para casa. Agora.” Ele ajustou a ereção presa em seu jeans e depois se levantou. Nash estendeu a mão. “Você vai me seguir?”

Sidney deixou Nash ajudá-lo a se levantar. “Estarei bem atrás de você. Apenas preciso dizer um rápido adeus.”

Nash segurou a parte de trás da cabeça de Sidney no lugar enquanto ele saqueava a boca sexy mais uma vez com a sua língua. “Depressa. Estou prestes a gozar em meu jeans.”

“Pois bem, eu acho que é melhor você chegar logo em casa e tirá-los.” Sidney pressionou seu corpo contra o pênis de Nash. “Pegue o cobertor.”

Nash se afastou antes de pegar o cobertor do chão. Ele observou enquanto Sidney se curvava para colocar um beijo na lápide de Elizabeth. Ele não pôde ouvir o que Sidney sussurrou para o granito preto, mas quando ele se levantou, ele parecia mais em paz.

Eles saíram do cemitério de mãos dadas. Nash ajudou Sidney a entrar no grande caminhão da fazenda. “Eu tenho que parar na minha casa por um segundo, mas eu vou estar no rancho em pouco tempo.”



Nash precisava ligar para Reece, mas fazer da casa de Sidney parecia desrespeitoso. Ele estacionou em sua garagem antes de correr para dentro. Ele precisava fazer isso rápido.

"Olá," respondeu Reece. "Estava apenas me preparando para pular no chuveiro."

"Estou contente que eu peguei você a tempo, então. Desculpe algo surgiu e eu preciso cancelar, mas estava esperando que você pudesse me encontrar para o almoço amanhã."

"Almoço? Eu não sei. Talvez." Reece suspirou. "Acabou não é?"

"Sim," Nash confirmou. "Mas isso não significa que não possamos ser amigos."

Reece ficou em silêncio por vários momentos, e Nash estava com medo do que viria.

"Olha," Reece começou. "Não precisamos almoçar."

"Você está dizendo que não quer nem que sejamos amigos?" Nash perguntou. Embora soubesse que nunca poderia se apaixonar por Reece, ele ainda era um cara divertido para conversar.

"Dê algum tempo."

"Sim, está bem." Nash estremeceu com a dor que detectou na voz de Reece. O relacionamento deles havia sido apenas sobre foder, né? Nash quis saber se tinha mudado para Reece em algum lugar ao longo do caminho. Embora se odiasse por causar dor ao seu amigo, Nash não tinha prometido nada mais do que algumas horas de satisfação mútua.

A chamada terminou sem nenhum deles se despedindo. Talvez fosse melhor assim.

Nash desligou o telefone antes de voltar para seu caminhão. Ele tinha feito a coisa certa, a única coisa, então porque ele se sentia como um pedaço de merda por fazer isso?

A viagem curta até a casa da fazenda esfriou o seu ardor, mas não o seu amor.

Chegando à fazenda, ele saiu do caminhão e viu Sidney sair do celeiro de equipamentos. A visão da silhueta magra de Sidney contra o sol levou todos os pensamentos de Reece da mente de Nash. O homem que caminhava em sua direção valia a pena abrir mão de tudo.



Capítulo Nove

Sidney entregou a Nash um copo de chá gelado e um grande prato de macarrão antes de se sentar para comer. Os dois tinham ido para o fórum na manhã daquele dia, e Sidney tinha conseguido obter uma cópia do testamento de sua mãe. Por algum motivo tolo, Sidney tinha acreditado que o testamento lhe daria respostas, não formular mais perguntas. “Posso te perguntar uma coisa que pode parecer meio intrometido?”

Nash tomou a bebida e enxugou a boca com as costas da mão. “Claro.”

“Quanto você pagava de aluguel ao meu pai?”

“Cento e cinquenta ao mês. Por quê?”

Sidney estendeu a cópia do testamento. “De acordo com isso, ele não deveria lhe cobrar nada.”

“Filho da puta,” Nash resmungou antes de tomar uma mordida de espaguete.

“Vou me certificar de que você receba de volta. Tudo isso.” Sidney acrescentou.

“Não é necessário.”

“Claro que é.” Sidney apontou um canto da pequena pilha de documentos. Ele já havia discutido com Nash a disposição do testamento que proibia a venda do terreno, mas não tinham conversado sobre o que fariam com ele. “Então, queria saber se você assumiria completamente o rancho por mim?” Ele finalmente perguntou.

Nash deitou o garfo e tomou outro gole de chá antes de responder. “O que você quer dizer?”

Sidney soltou o guardanapo na mesa antes de se levantar. Ele ficou ao lado de Nash até seu vaqueiro bonitão pegar a dica e escorregar sua cadeira para trás para Sidney poder sentar em seu colo. “Ambos sabemos que eu não quero administrar esta fazenda. Se você não estivesse aqui, eu ia vender cada maldita cabeça de gado e deixar a terra voltar a seu estado natural.”



“E você ia pôr pra fora do trabalho alguns bons homens,” Nash lembrou.

“Eu sei, é por isso que estou lhe pedindo para fazer um acordo comigo.” Sidney começou a salpicar beijos suaves no rosto e pescoço de Nash.

As mãos de Nash começaram a apertar a bunda de Sidney. “Você quer que eu trabalhe na fazenda em troca de sexo?”

Com uma risada, Sidney balançou a cabeça. “Não, você pode ter o sexo de graça. Eu quero negociar com você o dinheiro que acho que a fazenda lhe deve pelo aluguel que você pagou em troca de todo o gado e equipamentos.”

As mãos de Nash se acalmaram. “Por que você faria isso?”

“Porque essa é a melhor forma que conheço para manter você aqui. E eu quero que você tenha uma participação deste lugar porque você mais do que mereceu ao longo dos anos. A única coisa que peço é lucro suficiente para pagar os impostos.”

“Eu não posso fazer isso. A Running E é sua herança,” Nash começou a discutir.

“A terra é que era importante para minha mãe, não a fazenda.” Ele deu a Nash um profundo beijo.

Ele tinha pensado muito e certas coisas estavam começando a somar. “Deve existir uma razão para que minha mãe quisesse que você morasse na casa do meu avô. Será que ela sabia que você era gay?”

“Eu não sei. Se ela soube, ela nunca disse nada.” Nash alcançou entre eles e abriu o botão na parte superior da calça jeans de Sidney. Ele insinuou a mão nas costas do jeans de Sidney para fazer cócegas no topo de sua fenda. “Mesmo se ela soubesse, duvido que isso tenha motivado a ter certeza que eu tivesse um lugar para viver.”

O dedo deslizando para cima e para baixo na fenda de sua bunda quase fez Sidney perder o foco.

“Ela queria você na minha vida.” Sidney se levantou e começou a tirar suas roupas.

“Eu quero você na minha vida,” ele disse, caminhando na direção da sala de estar.

“Onde diabos você está indo?” Nash chamou quando Sidney deixou a sala.



“Assistir televisão. Vá em frente e termine o seu jantar.” Sidney agarrou a caixa de preservativos e o pequeno frasco de lubrificante da mesa do hall de entrada onde tinha escondido mais cedo.

“O inferno que eu vou.” A cadeira de Nash raspou no chão da cozinha momentos antes dele aparecer. Seus olhos se arregalaram enquanto observava a sala de estar. “Tem algum programa?”

Sidney esticou sobre a cama de cobertores antes de alcançar o controle remoto. “Melhor que isso. Olha o que chegou pelo correio hoje.” Ele apertou o botão de reprodução do aparelho de VHS e a televisão de 25 polegadas começou a mostrar uma cena de dois homens transando em um celeiro.

“Santa foda,” Nash disse, retirando suas roupas.

Quando Sidney tinha descoberto que Nash nunca tinha visto um filme pornô, ele tinha ido imediatamente à parte de trás de uma de suas favoritas revistas de sexo e pedido uma bela coleção. “Este é chamado Duro e Profundo no Texas. Pensei que poderia lhe dar algumas boas ideias.”

Nash não conseguia tirar os olhos da tela. Ele tropeçou nos cobertores e quase caiu em cima de Sidney. “Merda. Sinto muito.”

Sidney decidiu ter piedade de Nash e o deixar continuar a assistir o vaqueiro ser fodido sobre um cavalete. Ele se arrastou por entre as pernas de Nash e enterrou o rosto nos curtos pelos escuros ao redor do pênis duro de Nash.

Nash grunhiu no primeiro golpe da língua de Sidney acima na extensão de seu pênis.

“Você vai me foder assim algum dia?” Sidney perguntou, passando a língua ao redor da cabeça do pênis de Nash.

“Mmm hmm.” A mão de Nash pousou no topo da cabeça de Sidney. “Eu não acho que esses caras são cowboys verdadeiros,” Nash disse.

Sidney largou o pênis em sua boca antes de olhar para Nash. “Por que você diz isso?”

“Olhe para aquelas botas. Aposto que custam pelo menos quinhentos dólares.”



Sidney alcançou o frasco de lubrificante. "Sério? Isso é o que você está focalizando? Quer dizer que o fato de sua bunda ser tão marrom como o restante dele não dá uma imaginação a você? Ou que ele supostamente só veio fora da escala num par de chaps e nada mais?"

"Isso poderia acontecer," Nash deu uma risadinha.

Sidney molhou os lábios. Os chaps de Nash, de presente de Natal, tinham chegado uns dias antes e, apesar de Nash tê-los experimentado de imediato, ele estava vestindo calça jeans por baixo.

"Você está me dizendo que poderia entrar nesse jogo comigo?"

"Talvez, se eu tivesse certeza que não seria visto." Nash esguichou um pouco de lubrificante em sua mão. Ele continuou a olhar a foda dos cowboys enquanto lubrificava o buraco de Sidney.

Sidney empurrou seu traseiro no ar e deixou Nash assumir enquanto voltava sua atenção para o filme. Ele tentou retratar Nash em um par de chaps e nada mais. Foda. Ele gozaria na hora. "Acho que aquele cavalete lhe daria lascas."

Nash tirou os dedos do buraco de Sidney e os substituiu por seu pênis. Ele se afundou até o cabo e se inclinou para descansar seu peito contra as costas de Sidney. "Eu vou jogar um cobertor de cavalo sobre ele para você, bebê."

Era a primeira vez que Nash tinha usado um termo carinhoso, e Sidney descobriu que gostava muito disso. De repente queria ser fodido face a face. "Eu quero olhar para você. Dane-se a TV, eu quero ver meu cowboy."

Com o som dos dois homens transando no fundo, Nash se retirou. "Devo colocar o filme em pausa?"

Sidney riu e rolou para suas costas. "Podemos vê-lo novamente, se perdermos alguma coisa."

Sentado sobre seus calcanhares, Nash olhou para Sidney. "Você tem certeza que está bem para fazer desta maneira?"



Sidney enfiou os braços sob seus joelhos e levou as pernas contra o peito.

Houve um leve puxão nas áreas com cicatrizes, mas nada que parecia arriscado.

“Estou bem.”

Nash circulou o buraco esticado de Sidney com a ponta do dedo. “Você certamente está.”

Rolando seus olhos, Sidney soprou um beijo para Nash. “Foda-me, cowboy.”

Insinuando-se contra o buraco exposto de Sidney, Nash empurrou seu pênis profundamente no corpo de Sidney.

“Sim,” gritou Sidney. “Foda essa bunda,” ele disse, imitando o cowboy na TV.

Nash agarrou os tornozelos de Sidney. “Abrace-me.”

Fazendo conforme as instruções, Sidney fez o melhor para embrulhar suas pernas ao redor das costas de Nash. Não havia realmente nenhuma expectativa de poder cruzar seus tornozelos para segurá-lo lá, mas ele fez sua melhor tentativa.

A nova posição permitia que Nash deitasse em cima de Sidney.

Sidney tentou por vários momentos conseguir a boca de Nash com a sua. Ele queria um beijo, mas o homem parecia tão concentrado em ver o filme e foder o cérebro de Sidney que ele não mantinha sua cabeça imóvel tempo suficiente para Sidney capturá-la. “Beije-me, porra!”

Nash piscou e olhou para Sidney. “Não traga essa merda para casa se você não quer que eu veja.”

“Era para você entrar no clima, não assumir o controle,” Sidney argumentou, embora não houvesse calor em sua voz. Saber que Nash estava envolvido no filme excitava Sidney. Ele tinha visto filmes pornográficos no cinema na Pensilvânia, mas nunca pensou que chegaria um dia que outra pessoa apreciaria assistir com ele.

Nash esmagou sua boca contra a de Sidney e empurrou sua língua dentro. Sidney gemeu no beijo enquanto o pênis de Nash martelava dentro e fora dele. Ele não podia esperar para seu corpo se curar completamente para que pudesse implorar para Nash fodê-lo ainda



mais duro, mas, a cada impulso, Sidney sentiu uma pontada de dor em seu estômago machucado. É claro que iria ficar de boca fechada. Contar a Nash que sua foda machucava quando não deveria só terminaria o divertimento de Sidney.

Os falsos cowboys na tela ainda estavam transando quando Nash rompeu o beijo. "Pensei em tentar durar mais que eles, mas isso não vai acontecer," Nash ofegava.

Sidney abriu a boca para responder exatamente quanto uma mão se envolveu ao redor de seu pênis. Sua boca se abriu e uma sequência incoerente de palavras voou para fora. "Filho da puta. Bom. Muito bom." Ele balbuciou quando o primeiro cordão de esperma jorrou de seu pênis.

Nash bateu profundamente na bunda de Sidney mais algumas vezes antes que ele gritasse o nome de Sidney.

Sidney segurou Nash quanto o corpo de seu amante sacudiu com a intensidade de seu clímax.

Alguns minutos depois, Nash balançou a cabeça enquanto descansava ao lado de Sidney. "E eles ainda estão transando."

Demorou um segundo para Sidney descobrir o que Nash estava falando, mas quando os homens na TV começaram realmente a fazer barulho, ele riu. "Suas bundas provavelmente estarão dormentes após toda a filmagem."

Nash rolou para o lado, se retirando de Sidney. "É bom saber. Pelo menos eu não me sinto como um fracasso agora." Ele rolou para o lado e puxou Sidney para seus braços.

Sidney se aconchegou contra o peito largo de Nash. "Longe disso." Ele golpeou o mamilo de Nash com sua língua. Fechando os olhos, suspirou de contentamento. "Eu podia dormir aqui mesmo" ele murmurou.

Nash deu uma risadinha. "Eu gostaria de poder, mas ainda tenho o jantar para terminar e um rancho para trancar para a noite."

Sidney suspirou novamente, mas desta vez não era de satisfação. Será que a maldita fazenda estaria sempre interrompendo?



Nash gemeu em êxtase quando a água fria da mangueira serviu tanto para limpar quanto para refrescá-lo. Ele odiava a temporada do feno, mas era um mal necessário. Olhando para suas mãos, ele fez uma careta. Seria preciso uma boa hora cavando com uma agulha para conseguir todas as lascas de feno fora de suas mãos, mas luvas faziam o trabalho ir ainda mais devagar, em sua opinião.

Entrando no estábulo, ele avistou Sidney em sua mesa de desenho do lado de fora da baia de Diabolo. Após a reação do garanhão ao pasto no dia anterior, Nash começou a se preocupar que não havia esperança de recuperação. “Ei,” ele saudou.

Sidney levantou os olhos de seu desenho e sorriu. “Mmm, cowboy quente e suado. Meu tipo favorito.”

Nash se inclinou e deu um profundo beijo em Sidney. Puxando para trás, percebeu que havia pingado sobre a grande folha de papel. “Oh merda, sinto muito.”

Com um golpe de sua mão, Sidney livrou o projeto da maior parte da água. “Está tudo bem. Esse é apenas para mim.”

Nash apoiou uma mão contra a extremidade da mesa e estudou o esboço. Sacudiu sua cabeça na incrível habilidade evidente em cada linha reta e curva do edifício. Sidney definitivamente tinha um estilo todo próprio. “Eu nunca vi nada parecido.”

“Essa é a ideia. Embora não compreenda totalmente a engenharia envolvida, eu gosto do conceito.” Sidney deu uma risadinha. “Acho que é por isso que devo conseguir minha bunda de volta à faculdade.”



A menção da faculdade azedou o humor de Nash imediatamente. Ele sabia que a hora estava chegando, mas não estava pronto para dizer adeus ainda.

“O que está errado?” Sidney perguntou.

“Nada.” Resmungou Nash.

Sidney abriu a gaveta longa e fina de sua mesa e tirou um folheto. Ele jogou em cima da mesa com um grande sorriso torto. “Olhe para isto, e me diga o que você pensa?”

As palavras K-State saltaram em Nash da frente da capa colorida. “Está pensando sobre mudar de faculdade?” Ele prendeu a respiração. Era mais do que podia ter esperado.

“Não pensando nisso. Eu fiz isso. Candidatei-me, fui aceito e começo em agosto. Vou perder um pouco de horas de crédito, mas se eu tiver aulas no verão, ainda serei capaz de me formar em cinco anos.” Sidney esticou o braço e agarrou a mão de Nash. “É menos do que duas horas daqui. Eu até posso viajar diariamente se eu quiser.”

A ideia de Sidney dirigindo quatro horas por dia não era uma opção em que Nash ficaria preocupado. “Seria melhor você ficar na cidade durante a semana e voltar para casa nos fins de semana. Pelo menos, isso lhe daria mais tempo para estudar.”

“Sim, provavelmente você está certo. Talvez eu possa programar minhas aulas quatro dias por semana. Pelo menos isso me dará mais finais de semana.”

Pelo menos com Sidney se transferindo de faculdade, Nash ficaria mais alguns anos com ele.

Ele não conseguia tirar o sorriso do seu rosto.

“Você gosta dessa ideia, não é?” Sidney perguntou em torno de uma risada.

“Definitivamente.” Nash se inclinou para baixo para dar a Sidney outro beijo profundo. Ele ouviu o ronco barulhento do caminhão carregado de feno do lado de fora do celeiro e interrompeu o beijo. “Nós temos que comemorar depois. Agora eu preciso ajudar os caras a descarregar.”

Antes de sair, Nash fez um gesto para Diablo. Como todos os dias, Diablo estava no canto de trás da sua baia. “Como ele está hoje?”



"O mesmo." Sidney foi ficar na frente da baia. "O que você acha que realmente aconteceu com ele?"

Nash se juntou a Sidney com um braço ao redor de sua cintura. "Eu não sei. Quero dizer, é óbvio que alguém o chicoteou, mas o porquê ou quem não vai mudar nada." Ele demonstrou em sua voz sua maior preocupação no que dizia respeito ao garanhão outrora belo. "Talvez fosse melhor derrubá-lo."

"Matá-lo?"

Nash sabia que a ideia de matar um animal perturbaria Sidney, mas ele precisava enfrentar as realidades da vida na fazenda.

"Olhe para ele, bebê. Ele tem medo da própria sombra. Quando nós o levamos para fora ontem, ele pulou a maldita cerca tentando ficar longe dos outros cavalos." Nash beijou os cabelos macios e curtos na parte superior da cabeça de Sidney. "Apenas me preocupo que estamos fazendo mais danos do que bem."

Sidney endireitou os ombros. "Eu não vou deixar você matá-lo, enquanto ainda existe uma chance que ele vai sair dessa."

Nash se perguntou se a reação de Sidney tinha alguma coisa a ver com Luke. Apesar de Luke ainda estar em coma, à família Ballentine se recusava a perder a esperança. "Tudo bem, vamos levar isso um dia de cada vez."





Setembro de 1987

Já no final de suas duas horas dirigindo para casa, Sidney se lembrou sobre o desentendimento que teve com um de seus professores. Embora o professor Adams tivesse elogiado Sidney sobre os aspectos estéticos de seu projeto, ele informou a Sidney que não era adequado para a construção.

Sidney se recusou a levar declaração de Adams como verdade. Ele descobriria uma maneira de fazer as curvas e ângulos estáveis o suficiente para construir se tivesse que passar o resto de sua vida fazendo isso. A ideia para o edifício tinha vindo a ele uma noite enquanto aguardava Nash chegar da pastagem noroeste. Sidney tinha ficado fascinado pela maneira como a grama, arbustos e árvores se moviam mais forte do que o vento de costume. O próprio movimento despertou algo dentro dele que ele não conseguia explicar.

Usando para projetar prédios em estilo tradicional com o seu próprio sentido adicionado, Sidney começou a imaginar o que aconteceria se ele jogasse fora o livro de regras e desenhasse algo que ninguém nunca tinha visto antes. E se o prédio não tivesse que parecer como um edifício em tudo? E se ele levasse as ideias da natureza e projetasse prédios que realmente se encaixassem com seu meio?

Ele olhou para o tubo no banco do passageiro, que continha inúmeras horas de trabalho. O projeto de Sidney era incomum, ele já sabia. Com uma fachada graduada em tons de azul e vidro transparente, a estrutura mais parecia cristas de ondas do que um edifício de escritórios.

Seu novo celular tocou, assustando-o para fora de sua sequência de pensamentos. Ele se abaixou e desligou a fita cassete do Journey que estava ouvindo antes de pegar o telefone.

Embora incrivelmente caro, foi Nash que convenceu Sidney a comprá-lo. Havia se passado mais de um ano desde o acidente, mas Nash ainda se preocupava cada vez que Sidney fazia a longa viagem de duas horas de lá e para Manhattan. "Olá?"

"Ei. Apenas pensei em ver quão longe você está." Nash disse.



“Cerca de quinze minutos mais ou menos. Por que, qual o problema?”

“Eu tenho a Diablo no pasto, e eu acho que há algo que você precisa ver.”

O coração de Sidney bateu mais forte. Ele passou quase todo final de semana trabalhando com o garanhão cicatrizado. O pensamento de algo acontecendo para o amado tímido o assustou a morte. “Ele está bem?”

“Mais do que isso. Você vai ver quando chegar aqui. Dirija seguro.”

“Eu vou.” Sidney apertou o botão, terminando a chamada. Ele se perguntou por que Nash tinha Diablo para fora de sua baia em condições meteorológicas ruins assim. Quanto mais perto ele chegou a casa, mais pesada parecia a chuva. Excelente. O pátio da fazenda seria nada além de um poço de lama, que era típico do mês de outubro no Kansas, mas mesmo assim era péssimo.

Até o momento que chegou a casa, estava uma chuva torrencial. Em vez de ir para casa, ele se dirigiu em direção ao estábulo. Sidney estacionou seu SUV antes de fazer uma corrida louca ao homem à espera apenas dentro da porta aberta. “Homem, isso está vindo para baixo,” disse ele, voando para os braços de Nash, derrubando seu chapéu de vaqueiro no processo.

“Tem chovido assim a maior parte do dia.” Nash se inclinou e pegou seu chapéu, com um braço ainda envolvido em torno de Sidney. Após colocar o seu chapéu, ele tomou a boca de Sidney em um apaixonado beijo.

Sidney abriu para a exploração da língua. Quantas vezes Nash o tinha beijado no último ano? Não o suficiente, foi a resposta imediata que lhe veio à mente. Sidney sabia que ele nunca se cansaria de seu grande cowboy. Se afastando por ar, Sidney encarou Nash. “Mostre-me.”

Os grandes olhos castanhos se arregalaram. “Aqui?”

Rindo, Sidney beijou Nash novamente. “Não isso, embora tenha certeza que vou precisar inspecionar cada centímetro de seu corpo mais tarde, estava falando sobre Diablo.”

“Oh.” Nash encolheu os ombros. “Eu acho que se você não quer isso agora...”



"Pare." Sidney esticou o braço e virou Nash para a parte de trás do estábulo.

"Agora me mostre."

Nash alcançou para trás e agarrou a mão de Sidney enquanto caminhava para a porta. "Eu cometi um erro esta manhã quando eu o coloquei para fora. Pensei que Buckwheat estava com as éguas, mas evidentemente ele entrou no pasto oeste."

Sidney deslizou até parar. Não importa o quão duramente eles tentaram, Diablo se recusava a estar ao redor de outros cavalos, sem ficar extremamente enlouquecido. Ter o dócil baio castrado na mesma pastagem com Diablo poderia ser desastroso. "Por favor, me diga que ambos estão bem?"

Nash puxou Sidney para frente. Assim que chegaram à porta, Nash retirou um par de binóculos fora do gancho ao lado da porta antes de entregá-los para Sidney. "Veja você mesmo."

Sidney podia ver a pinga de cor na parte de trás do pasto. Focando, a boca de Sidney caiu aberta. "Oh meu Deus." Os dois cavalos machos estavam aninhados um ao outro como um casal de noivos.

"Sim," Nash concordou. "Você deveria ter visto minha cara mais cedo quando vi Diablo montando Buckwheat e Buckwheat apenas de pé ali deixando."

Sidney abaixou o binóculo e se virou para encarar Nash. "Você está me dizendo que o cavalo é gay?"

Nash concordou. "Liguei para Jackson para confirmar." Nash levou Sidney até um fardo de palha.

"Bem? E ele confirmou?" Sidney perguntou, subindo no colo de Nash.

"Sim," ele murmurou.

Sidney podia dizer que houve mais conversa entre Nash e Jackson. A relação entre Sidney e seu pai sempre foi tensa, mas desde que Jackson tinha iniciado uma nova família, sua relação era inexistente. "O que mais?"



Levou vários momentos para Nash falar. “Jackson comprou Diablo para fins genealógicos, mas logo descobriu que não seria possível para o Diablo a reproduzir à moda antiga. Em vez de investir dinheiro coletando o esperma de Diablo e congelando-o, ele pensou que chicoteando o cavalo toda vez que ele tentava montar um dos capões seria mais fácil.”

Chocado com a crueldade de seu pai, Sidney não podia evitar pensar que a reação de Jackson com as preferências de Diablo estavam além do garanhão. Pensou em todas as vezes que seu pai tinha batido nele ao longo dos anos. Será que esses golpes tinham mais a ver com quem ele era do que ele tinha feito?

Sidney desceu do colo de Nash, antes de caminhar até a porta aberta, mais uma vez. Ele pegou o binóculo e observou os dois cavalos até sua visão se turvar de lágrimas. Diablo parecia feliz pela primeira vez em quase três anos. “Gostaria de saber se o conseguiremos de volta em sua baia.”

Braços fortes o envolveram por trás. “Eu não sei o que precisamos, pelo menos não antes das mudanças do tempo. A grande questão é como Diablo irá reagir às pessoas durante o tempo no pasto com Buckwheat?”

Sidney recostou-se contra Nash. “Teremos que ir devagar.”

“Sim,” concordou Nash.

Depois de colocar os binóculos de lado, Sidney se virou e pressionou sua bochecha contra o tórax de Nash. “Nunca mais quero ver meu pai novamente.” Era uma coisa difícil de enfrentar, mas Sidney sabia em seu coração que o homem nunca o aceitaria, e Sidney estava cansado de tentar.

Nash correu as mãos para cima e para baixo das costas de Sidney. “Eu acho que mais tempo separados não seria uma coisa ruim, mas nunca diga nunca.” Ele esfregou seus lábios na testa de Sidney.

“Vamos preparar para nós um pouco de jantar. Eu tenho um novo filme que eu quero que você assista.”



Sidney sorriu. Desde que foi introduzido para o tipo de entretenimento de Sidney, Nash havia se tornado completamente colecionador. Ele estava atualmente obcecado com policiais por alguma razão.

“Mais policiais?”

“Não. Mecânicos.”

O interesse de Sidney foi despertado. “Mecânicos musculosos?”

“Sim. Suados, oleosos e musculosos mecânicos com paus grandes.”

“Oh, foda. Isso é como a tempestade perfeita da pornografia.” O pênis de Sidney se enrijeceu em seu jeans.

“Que tal pegar umas cervejas e algum pão e manteiga de amendoim no caminho para a cozinha?”

“Esqueça o pão e você tem um acordo.”



Capítulo Dez

Junho de 1989

Por mais que Sidney odiasse passar seus verões na escola, as aulas adicionais o colocaram à frente do cronograma. Mais nove meses, ele disse a si mesmo. Quanto mais perto chegava da formatura, ainda mais ele se preocupava. Suas notas eram de primeira qualidade, então ele não teria um problema de conseguir um emprego tanto na Cidade de Kansas como em Wichita, mas esse era realmente o lugar onde ele queria estar?

O ruído no andar de baixo chamou sua atenção. “É você?” Ele chamou.

“Sim. Onde você está?” Nash perguntou.

“Estúdio.” Sidney olhou ao redor do antigo quarto principal. Ele nunca tinha sido capaz de se convencer em dormir no mesmo quarto onde sua mãe tinha morrido, mas ele achou que a luz era perfeita para uma sala de trabalho.

Sidney colocou o lápis sobre a mesa antes de girar sua cadeira para encarar a porta. Ele de propósito não visitou o estábulo ao chegar da faculdade. A notícia que Buckwheat tinha ficado doente com cólica havia devastado todo mundo que trabalhava na fazenda.

Embora tivessem descoberto a condição de Buckwheat depressa, de acordo com Nash, o cavalo não estava respondendo ao tratamento.

Ele se preparou para a notícia, que ele sabia em seu coração, que viria. A porta se abriu e o homem que amava entrou na sala. Nash parecia uma merda, e Sidney de repente se sentiu culpado por não procurá-lo mais cedo. “Como ele está?”

Com as mãos nos bolsos, Nash olhou para o chão, protegendo o rosto da visão de Sidney com seu chapéu. “Nada bem.” Nash balançou a cabeça com um suspiro. “O doutor pensa que é hora de acabar com seu sofrimento.”



Sidney deu um salto. “Não podemos fazer isso. E quanto a Diablo?”

Nash olhou para cima com lágrimas nos olhos. “Nada está funcionando, e o Doutor não acha que Buckwheat viverá por meio de cirurgia.”

Sidney engoliu o caroço em sua garganta. “Podemos tentar mesmo assim?”

Nash atravessou a sala para envolver Sidney em seus braços. “Desça para o estábulo. Eu acho que isso vai ajudar você a entender o que estou falando.”

Sidney escondeu o rosto contra o tórax de Nash. Ou por estar em seu quarto ou pela falta de esperança da situação, Sidney não sabia, mas tudo que ele conseguia pensar eram as horas que antecederam a morte de sua mãe. Seu pai tentou mantê-lo fora do quarto, mas Sidney se sentava no chão do lado de fora ouvindo a pessoa mais importante do mundo na sua luta para respirar.

Apesar dele não saber tudo o que havia para saber sobre cavalos, Sidney sabia o que cólica faziam a eles. “Eu não posso.”

“Então me deixe fazer o que precisa ser feito.” Nash beijou o topo da cabeça de Sidney. “Eu sinto muito.”

“Não é sua culpa,” Sidney disse, lutando com suas emoções. “O doutor já confirmou que não teve nada a ver com parasitas. É apenas uma daquelas coisas que acontecem.” Mas por que é que tem que acontecer com Buckwheat, por que não Rosie ou um dos outros cavalos? Sidney fechou os olhos, mas acabou acenando seu consentimento. “Você me chamará ao estábulo quando estiver acabado? Eu gostaria de dizer adeus.”

“Sim.” Nash inclinou o queixo de Sidney para um beijo suave. “Vamos prosseguir e transportá-lo para o trailer antes de...” Nash parou tempo suficiente para limpar sua garganta. A situação emocional estava acabando com ele. “Vou colocar um pouco de palha abaixo. Para ter a certeza que ele estará tão confortável quanto possível.”

Sidney desviou o olhar para onde a cama da sua mãe uma vez tinha ficado. Será que sua mãe teria desejado a eutanásia, se tivesse a opção? Embora fosse muito jovem na época, Sidney sabia que ela tinha resistido tanto quanto podia por sua causa. Não teria sido melhor se



tivesse sido capaz de escorregar em um sono interminável em vez de arfar até que seus pulmões parassem de funcionar completamente?

“Onde está o Diabolo?” Ele perguntou.

“Em sua baia, sedado. Tentamos deixá-lo no pasto, mas ele arrebentou a cerca. Ele vai ter algumas cicatrizes novas, mas nada sério.”

Sidney pensou em Nash e como o vaqueiro tinha sentado calmamente com ele no dia do funeral de sua mãe. Ele se afastou de Nash e endireitou os ombros. “Eu vou fazer companhia a Diabolo, enquanto você cuida de Buckwheat.”

“Você não tem que. Sedado ou não, duvido que ele deixe você chegar perto dele neste momento.”

“Não importa. Eu vou sentar em frente do estábulo se precisar. O importante é que ele perceba que não está completamente sozinho.”



Carregando um pequeno refrigerador e um saco de hambúrgueres, Nash entrou no celeiro. Sidney ainda estava de vigília na baia de Diabolo, olhando para o espaço. Tinha se passado horas desde que tinha conduzido o corpo de Buckwheat para o crematório atrás do consultório veterinário.

“Ei,” Nash cumprimentou, se dobrando para dar um rápido beijo em Sidney. “Pensei que você poderia estar com fome.” Ele colocou o refrigerador no chão ao lado de Sidney antes de puxar um fardo de palha para se sentar. “Como ele está?”



Sidney deu de ombros. “Essa dose extra que o Doutor deu a ele não se acabou ainda, mas eu tenho medo do que vai acontecer quando isso acontecer.”

Nash cavou o saco e tirou um cheeseburger. “Aqui.”

Sidney balançou a cabeça. “Não, obrigado.”

O instinto de Nash foi de discutir com o homem mais jovem e exigir que ele comesse alguma coisa, mas no final, ele colocou o hambúrguer de volta ao saco o colocou em cima do refrigerador.

“Estive pensando sobre o meu pai,” Sidney disse depois de alguns momentos.

“Sério?” Sidney não tinha mencionado Jackson em mais de um ano.

“Sim. Ele ficou com ela até o fim. Ele viu a mulher que amava morrer em seus braços.”

Sidney olhou para Nash. “Ele nunca foi o mesmo depois disso. Não que ele fosse um príncipe, mas...”

Nash estendeu seus braços. “Venha aqui, bebê.”

Sidney imediatamente aceitou a oferta de Nash e subiu em seu colo. Nash tentou envolver um casulo protetor em torno do homem que amava.

“Prometa-me algo,” Sidney sussurrou.

“Qualquer coisa,” concordou Nash.

“Se alguma coisa me acontecer, prometa que não deixará isso mudar você como meu pai e Josh mudaram.”

Nash enterrou o rosto nos longos cabelos de Sidney. Sidney não tinha mencionado Luke ou Josh desde a ida para o hospital de reabilitação quase dois anos antes. Luke pediu para vê-lo, mas Josh ainda se recusava a falar com Sidney. Apesar de condição de Luke ser estável, ele trabalhou duro para recuperar o uso de sua voz. De acordo com Sidney, que tinha sido uma visita muito emocional, mas ele nunca desejou falar sobre isso.

“Não posso prometer isso,” Nash finalmente respondeu.



Sidney se recostou o bastante para olhar nos olhos de Nash. Ele abriu a boca como se quisesse discutir, mas a fechou com um suspiro. “Acho que não poderia prometer isso a você também,” ele disse depois de alguns minutos.

Nash continuou segurando Sidney até que o interior do estábulo estava tão escuro que não conseguia mais ver Diablo. “Quer que eu entre e pegue os sacos de dormir?”

“Sim.”

Nash se levantou antes de colocar Sidney de volta em sua cadeira. “Eu não vou demorar.”



Um ruído que soava como se o celeiro estivesse caindo em torno dele acordou Sidney.

“Diablo!” Ele gritou com o choro do garanhão.

Nash estava de pé antes de Sidney poder se desembaraçar do saco de dormir.

“Acenda a luz,” Nash ordenou quanto outro impacto soou.

Nu, Sidney correu para a caixa de controle ao lado da porta da frente e levantou a alavanca. As luzes se acenderam, iluminando o celeiro em um brilho dourado. Ele correu de volta para a baia, sem se importar com sua nudez, para encontrar Nash tentando conseguir uma corda ao redor do pescoço de Diablo.

O sangue espirrou no rosto de Nash e mãos como Diablo continuava a chutar a parede do fundo do celeiro. Sidney correu para o lado de Nash para tentar ajudar.

“Para trás!” Nash gritou.



“Diga-me o que fazer?” Sidney pediu. A visão do corte irregular no pescoço de Diablo não era um bom presságio para o garanhão.

Quando soou um grito alto de Diablo, segundos antes de ele cair no chão, o coração de Sidney gelou. “Vou ligar para o doutor.”

“Não.” Nash deixou cair à corda junto com sua cabeça.

“Nash?”

“Ele estará morto antes que o doutor possa chegar aqui,” Nash murmurou, esfregando os olhos com as palmas das suas mãos.

Diablo continuou a gritar de dor enquanto batia com a cabeça contra o chão.

Nash olhou por cima do ombro em Sidney. “Consiga-me a arma.”

Sidney deu um passo para trás, sacudindo a cabeça.

“Porra, Sidney, não quero fazer isso, mas eu não tenho nenhuma maldita escolha!” Nash gritou, engasgando com sua última palavra. “Ele vai ficar deitado aqui e bater a cabeça na própria merda se eu não fizer alguma coisa. Vá agora!”

Sidney se virou e correu. A escuridão do quintal do rancho combinado com suas lágrimas caindo livremente o impediu de ver o raspador de botas do lado de fora do estábulo. Antes que pudesse se corrigir, Sidney caiu duro sobre o caminho de cascalho, as pedras cortando suas mãos e queixo.

Rolando em suas costas, Sidney sacudiu as mãos pelas pontadas de dor e tentou recuperar o fôlego.

Foda. Ele lutou para se levantar, se dando um momento para conseguir seu equilíbrio antes de correr em direção a casa mais uma vez.

Ele empurrou uma cadeira para a porta da cozinha, xingando sua altura, mais uma vez. Sidney levantou a espingarda carregada fora de seu suporte e pulou para o chão, prestando atenção para segurar a espingarda longe dele.



No momento em que conseguiu voltar para o estábulo, os gritos de Diabolo estavam insuportáveis. Era evidente que a dor do cavalo era mais do que física. Sidney entregou o rifle para Nash.

Nash se espantou quando ele agarrou o rifle. "O que aconteceu?"

Sidney agitou a mão sangrando. "Apenas faça isso."

"Não até você sair," Nash disse.

Será que Nash sempre tentaria proteger Sidney da dor da vida real? Ele virou suas costas e cruzou os braços. "Apenas faça isso, por favor."

Sidney segurou sua respiração, à espera do tiro que sabia que viria. Seu corpo estremeceu quando o rifle disparou.

Um grito angustiado escapou de Nash momentos depois.

Sidney se virou para encontrar Nash de joelhos, o rifle ao lado dele sobre o chão de madeira marcada. Sem olhar para a baía, Sidney foi para Nash. Envolvendo os braços em torno do homem que amava, ele sabia que esse seria um dia que iria assombrar os dois para o resto de suas vidas.



Depois de fazer a chamada para o Doutor, Sidney subiu correndo para o banheiro e desenterrou o kit de primeiros socorros. As contusões em suas mãos e queixo não eram graves, mas eles precisavam ser limpos e desinfetados. Ele começou com um sabonete antibacteriano, estremecendo enquanto esfregava as áreas esfoladas. Sidney voltou o olhar para a caixa de



metal branca que sua mãe tinha anteriormente preenchido com suprimentos. Embora devesse provavelmente usar o álcool, ele pegou a água oxigenada ao invés.

Sidney sorriu enquanto derramou o claro, líquido inodoro na palma de sua mão esquerda.

Ele se lembrava de como ficou fascinado quando era criança quando sua mãe derramou a água oxigenada e as bolhas brancas espumaram ao redor de qualquer que seja a ferida que ele havia conseguido naquele dia.

Ele fez uma concha em sua mão e despejou uma boa quantidade na palma antes de levar o queixo para baixo para mergulhar na pequena piscina de antisséptico. Sidney encarou seu reflexo no espelho enquanto as bolhas faziam seu trabalho.

Satisfeito que a gangrena não apareceria a qualquer hora, Sidney vestiu um par de shorts antes de voltar para baixo. Ele decidiu fazer um bule de café, uma vez que duvidava que qualquer um deles seria capaz de dormir. Diablo teria de ser removido, mas eles não seriam capazes de conseguir isso até que os vaqueiros chegassem para trabalhar.

Café pronto, Sidney olhou para fora da janela acima da pia da cozinha. Embora soubesse que a morte de Diablo o assombraria nos próximos anos, era com Nash que Sidney se preocupava. O tormento na expressão de Nash quando ele entregou o rifle para Sidney e o mandou de volta para casa para ligar para o doutor ficariam para sempre gravado em sua memória. Ele sabia, sem perguntar, que Nash pretendia ficar no estábulo e limpar o sangue antes que os vaqueiros chegassem ao trabalho. Nunca em sua vida Sidney tinha visto tanto sangue.

O acidente de carro passou pela sua mente, só que tinha sido o sangue de Sidney cobrindo o interior do carro naquele trecho da estrada de Nova Jersey. Os ferimentos de Luke foram mais internos.

Pela primeira vez desde o acidente, uma lembrança de Josh puxou do fundo da mente de Sidney.



Lembrou-se deitado no banco da frente, o cervo ainda metade dentro, metade fora do carro. Josh estava gritando por ajuda para um carro que passava. Sidney havia tentado falar, para dizer a Josh que seu irmão tinha atravessado o para-brisa, mas as palavras não vieram.

O rosto de Josh quando ele rasgou sua camisa e a pressionou no rosto de Sidney era assustadoramente como a expressão de Nash no estábulo. Era a primeira vez que Sidney se lembrava de Josh pedindo desculpas. Repetidas vezes Josh disse a Sidney o quão arrependido ele estava. Por que Josh estaria pedindo desculpas para ele?

Quando Sidney foi capaz de dizer para Josh ir ajudar Luke, os olhos de Josh tinha se arregalado. Josh se empurrou para trás e cobriu sua boca com a mão. Sidney não tinha entendido a reação, e ainda não entendia.

Sidney esfregou seu peito. O aperto que veio com as lembranças daquela noite estava pior desta vez. Tinha sido um tempo desde que ele tinha tentado se comunicar com Josh. Talvez devesse tentar novamente antes que se passasse muito tempo.

Com essa nova determinação para curar uma antiga amizade que significou o mundo para ele, Sidney encheu uma velha garrafa térmica com café antes de ir para o estábulo.

Pisando dentro do estábulo, Sidney não viu Nash imediatamente, mas ouviu um barulho vindo da baia de Diabolo. “Eu trouxe café,” ele disse, cruzando a extensão.

“Eu pensei que lhe disse para ficar em casa,” a voz áspera de Nash protestou.

Sidney continuou. Quando viu Nash ele quase deixou cair a garrafa térmica no chão.

Ele a pegou em tempo e a abaixou, seu coração acelerado. “Eu achei que você poderia precisar de mim,” disse ele, pisando por cima da poça grande de sangue para se ajoelhar ao lado de Nash.

Nash continuou a olhar para o buraco aberto na cabeça de Diabolo. “O que eu preciso é que você não seja tocado por isso. Volte para dentro.”

“Não,” sussurrou Sidney, colocando a palma da mão no centro das costas de Nash.



Isso foi tudo que precisou para finalmente conseguir a atenção de Nash. Nash piscou várias vezes antes de virar para encarar Sidney. A expressão confusa no rosto de Nash dizia tudo. "O quê?"

"Eu não tenho mais dez anos, Nash. Você não pode simplesmente resolver tudo para mim." Sidney fez um gesto para o garanhão morto. "Isto? Isso é a vida real. É feio e sujo, mas precisa ser lidado, e eu quero ajudar."

Os olhos de Nash se encheram de lágrimas. "Tudo bem." Ele respirou fundo antes de roçar um beijo nos lábios de Sidney. "Eu vou para o galpão de material conseguir a bolsa de óleo absorvente. Você começa tirando a serragem."

Quando Nash começou a se levantar, Sidney segurou sua mão e o puxou para baixo. Havia algo na voz de Nash que o preocupou, e Sidney não podia deixar o momento passar sem se tranquilizar. "Você está bem?"

Nash rompeu o contato visual e olhou para Diablo mais uma vez. "Eu ficarei." Nash beijou Sidney novamente, mais profundamente e com mais emoção.



Setembro de 1989

Sentado em seu apartamento alugado, Sidney retirou o pedacinho de papel de sua carteira com o número rabiscado do telefone de Josh. Ele quase teve ameaçado Josh para conseguir o numero, mas ele acabou cedendo. Sidney percebeu que essa foi à maneira de Josh conseguir que Sidney fosse embora.



Ele discou o número e aguardou, esperando como o inferno que Josh atendesse.

“Alô?”

Sidney ouviu barulhos no fundo, e Josh parecia sem fôlego. Não era a melhor maneira de começar uma conversa. “Ei,” ele finalmente disse. “É Sidney.”

“Ei,” Josh devolveu. “Ouça, este não é um bom momento. Posso te ligar mais tarde?”

Em qualquer outro momento, Sidney poderia acreditar que Josh estava apenas tentando desligar, mas a comoção no fundo disse a Sidney o contrário. “Claro que sim. Você ainda tem meus números?”

“Sim, tenho certeza que eles estão aqui em algum lugar,” Josh respondeu. Um estrondo soou.

“Merda. Tenho que ir.”

O telefone ficou mudo antes de Sidney poder dizer mais alguma coisa. Ele se perguntou como a vida deveria ser para Josh e Luke. Apesar de Luke ter feito notáveis progressos desde o acidente, Sidney sabia de conversas com Maggie que Luke ainda precisava de supervisão quase constante. Apesar de seus receios sobre o assunto, Josh tinha insistido em ser o único a cuidar de seu irmão. Josh não tinha apenas saído da faculdade, mas de acordo com Maggie, ele saiu da vida, também, centralizando sua atenção em Luke.

Sidney estava novamente agradecido que tinha convencido Maggie a processar a empresa de seguro de Sidney por indenizações. Claro que Sidney havia sido visitado pela companhia de seguros, mas pelo menos ele dormiu um pouco melhor à noite sabendo que os Ballentines tinham dinheiro suficiente para cuidar de seu filho.

Sentindo-se abatido, ele ligou para a pessoa que sempre teve a capacidade de animá-lo.

Embora Nash estivesse distante nas últimas vezes que Sidney havia ido para casa, ele ainda estava lá, algo que Sidney não podia dizer sobre qualquer outra pessoa em sua vida.

“Running E.”

“Lonnie?” Sidney perguntou, querendo saber por que o vaqueiro estava atendendo ao telefone em vez de Nash.



“Sim. Nash está em Hutchinson novamente, então ele me pediu para atender ao telefone no estábulo se tocasse.”

Hutch? Era a terceira vez em duas semanas que ele tinha ligado apenas para descobrir que Nash estava fora. “Ele disse quando estaria de volta?” O ciúme começou a rastejar seu caminho acima da coluna de Sidney.

Havia apenas uma razão pela qual ele poderia pensar que faria Nash dirigir para Hutch três vezes em duas semanas. Reece.

“Não, mas geralmente vamos embora quando ele volta,” Lonnie disse.

“Certo, obrigado.” Sidney desligou o telefone. Era apenas quinta-feira, o que significava que ele tinha outro dia inteiro de aulas antes que pudesse voltar para a fazenda. Ele olhou para a tarefa final. Era exatamente no período da manhã, mas quem sabe o professor Garmin deixasse entregar antecipado?

A ideia por trás do projeto o irritava de qualquer maneira. Sidney não tinha decidido se acreditava ou não no professor quando ele disse que era uma competição para ver quem conseguia chegar com o melhor projeto para uma nova biblioteca que seria construída ao norte de Chicago.

Na opinião de Sidney, a empresa que tinha criado o concurso estava apenas procurando um projeto sem custo, mas como Garmin iria lhes dar uma nota, Sidney tinha pouca escolha no assunto.

Ele puxou seu projeto, pretendendo ligar para seu professor. Seu próximo passo seria tentar encontrar o endereço de Reece Lyons.



Capítulo Onze

Quando Grady Nash manobrou seu caminhão pelo caminho era quase onze e trinta, e ele ainda tinha algumas horas de trabalho a fazer antes que ele pudesse ir para a cama. Ele começou a se dirigir ao celeiro, mas desacelerou quando viu o grande Bronco de Sidney estacionado ao lado da casa. “Que diabos?”

Nash estacionou ao lado do Bronco e saiu. Ele ficou surpreso ao ver Sidney sentado na varanda escura fumando um cigarro, um hábito que Nash achava que o jovem havia desistido anos atrás. “O que está acontecendo?”

Sidney soltou uma baforada de fumaça. “Eu ia perguntar a mesma coisa.”

Algo no tom de Sidney parou Nash no meio do caminho. “Bem, como você pode ver, eu estou apenas chegando em casa. Eu tinha algo para fazer. A questão é, que você está fazendo em casa numa quinta-feira?”

Sidney sacudiu o cigarro na grama marrom ao lado da varanda. “Liguei mais cedo. Lonnie me disse que você foi para Hutch mais uma vez.” Sidney se levantou e colocou as mãos nos quadris magros. “Você tem ido para lá um bocado ultimamente.”

“Sim.” Quanto mais Sidney falava, mais furioso Nash ficava.

“Somente uma razão eu poderia pensar que você estaria visitando Hutch tantas vezes, então eu dirigi para a casa de Reece, mas seu caminhão não estava lá.”

Nash deu um passo atrás. A acusação cortou até o osso, e se não fosse cuidadoso, ele atacaria da mesma forma. Ele girou sobre seus calcanhares e caminhou de volta para baixo dos degraus da varanda. “Volte para a faculdade, Sidney,” ele disse por sobre o ombro enquanto se encaminhava para o celeiro.

“Oh não, você não vai,” Sidney chamou. Em instantes, Sidney tinha saltado na frente de Nash, tentando impedi-lo.



Nash não permitiu. Ele andou ao redor de Sidney e continuou seus punhos cerrados ao lado do corpo. Ele estava de mau humor para começar. A última coisa que ele precisava era um chique de um amante ciumento.

Nash deixou sua posição clara no estábulo antes que sua raiva explodisse. Ele se virou e apoiou Sidney contra a porta do estábulo. “Eu jamais. Nunca! Dei razão para duvidar do meu amor por você?”

Sem dar a Sidney a chance de responder, Nash continuou. “Eu não vi Reece em quase cinco malditos anos!”

“Então o que você está fazendo em Hutch o tempo todo? Hein?” Sidney perguntou, sem recuar.

“Conseguindo meu maldito diploma de ensino médio, ok?” Nash bufou um suspiro e se virou para caminhar em direção à baía de Diablo. Durante as últimas duas semanas, ele passou uma boa quantidade de tempo olhando fixamente para o espaço vazio.

Sidney moveu ao lado dele para se apoiar na madeira gasta. “O que você está falando? Eu pensei que você se formou.”

Nash balançou sua cabeça. Foi uma das poucas coisas em sua vida que ele desejou que pudesse fazer de novo. “Não. Meu pai foi morto no meu último ano. Eu meio que estive fora do caminho por alguns meses e fui reprovado em algumas das minhas matérias obrigatórias. A escola parecia ruim para mim, então eles me deixaram cruzar a fase da graduação e receber um diploma não assinado. Eu tinha que ter aulas no verão para compensar as minhas notas, mas eu comecei a trabalhar aqui ao invés disso.”

Nash se concentrou na mancha escura ainda visível no chão de madeira velha. “Eu tenho tomando alguns cursos de reciclagem para que eu possa finalmente me formar no ensino médio.”

Sidney passou seus braços ao redor da cintura de Nash, mas isso não ajudou o humor de Nash. Ele olhou para baixo e encarou os grandes olhos verdes de Sidney. “Você tem



alguma ideia do quanto dói saber que você pensaria que eu trairia você? Porra! Dediquei minha vida adulta inteira para você.”

Nash se afastou do abraço Sidney. “Vá para a casa. Eu só preciso de algum tempo para me acalmar.”

“Eu sinto muito ter duvidado de você,” Sidney disse, tentando mais uma vez segurar Nash.

Nash se afastou. “Por favor, Sidney, simplesmente me dê alguns minutos.”

Embora fosse óbvio que Sidney não queria ir a lugar algum, ele finalmente suspirou e saiu do estábulo. Nash abriu o portão da baia de Diablo e entrou. Sentou-se no chão duro, de costas contra a parede e imediatamente desmoronou.

Não foi a acusação que continuava agarrado a ele; era a primeira espiada real da fragilidade de seu relacionamento. O que aconteceria com seu plano de mudar seu futuro inteiro só para ver sua relação terminar em algum lugar do caminho?

Nash tirou o chapéu antes de descansar sua cabeça contra a mureta que separava a baia de Diablo da próxima. Ele tentou expulsar as memórias da noite em que o garanhão havia morrido, mas elas simplesmente não partiram. Isso estava afetando seu trabalho. Raramente ele queria alguma coisa com o gado ou com os poucos cavalos restantes. Nash conhecia a verdade. Ele já estava renunciando, dizendo adeus a sua antiga vida. Ele tinha visto a verdade de sua situação na noite em que tinha sido forçado a meter uma bala no cérebro de Diablo.

Nash ficou de pé e colocou o chapéu na cabeça. Ele só podia imaginar o que Sidney estava fazendo naquele momento. Sem dúvida, o homem estava andando para lá e para cá na varanda, dando baforadas em um daqueles malditos cigarros. Isso era outra coisa que os dois precisavam resolver entre eles, e por Deus, Nash não tinha planos de deixar o sol nascer sem algum tipo de definição de seus problemas.



Sidney estava olhando o conteúdo da geladeira quando Nash entrou. Ele não se incomodou em olhar para cima — ele tinha visto o suficiente do desgosto no rosto de Nash por um dia. “Com fome?”

“Sim.” Nash puxou Sidney para trás e fechou a geladeira. “Mas não de comida, pelo menos não ainda.”

Sidney estava confuso pelas ações de Nash. Foram apenas uns quinze minutos desde que Nash havia ordenado que Sidney saísse do estábulo. Ele deixou que Nash o guiasse pela mão em direção à sala. A última coisa que Sidney queria era conseguir um grito novamente. Claro que ele tinha sido um imbecil por acusar Nash de traição, mas o que Nash esperava quando ele escondia detalhes importantes dele? Ainda não podia se convencer do fato de que Nash achava que ele tinha que esconder suas ações.

Nash sentou no sofá antes de puxar Sidney para baixo em seu colo. “Eu quero vender os animais.”

Chocado, o queixo de Sidney caiu. Nash estava tentando cortar todos os laços com Sidney por causa de uma briga estúpida? “O quê? Por quê?”

Nash deu de ombros. “Porque chegou o tempo de tomar uma decisão, e eu fiz isso.”

O intestino de Sidney apertou. “Que tipo de decisão?”

“Nos últimos cinco anos, você está tentando viver em dois mundos para ficar comigo. Funcionou muito bem com você na faculdade, mas vai ser uma coisa completamente diferente quando você se formar em alguns meses.”



Nash estava dizendo o que Sidney pensou que ele estava dizendo? “Então você está apenas desistindo da fazenda para fugir para uma cidade desconhecida comigo?”

Nash apertou suas mãos nos quadris de Sidney antes de puxá-lo para mais perto. A ação colocou a bunda de Sidney direito sobre o pênis meio-duro de Nash. “Eu ainda não sei como diabos eu vou fazer a vida na cidade, mas eu não posso ficar aqui sem você.”

Sidney descansou sua cabeça no ombro de Nash. Ele se perguntou... “Isso tem algo a ver com a morte de Diablo?”

“Tem tudo a ver com isso.” Nash se moveu para apertar os braços de Sidney. Ele o empurrou na posição vertical o suficiente para olhar nos olhos de Sidney. “Você sabe por que eu fui capaz de apertar aquele gatilho?”

Sidney não sabia bem o que dizer. “Porque você é mais forte do que eu sou?” De maneira nenhuma Sidney poderia ter acabado com a vida de Diablo.

“Não. Porque quando eu olhei nos olhos daquele cavalo e vi não apenas a dor física em que ele estava, mas a dor emocional também, eu sabia que não tinha outra escolha. Se eu perdesse você, provavelmente colocaria uma bala no meu próprio cérebro. Porque sem você, eu sou apenas uma concha vazia. Você é o único que faz meu coração bater. Eu vi a mesma coisa nos olhos de Diablo naquela noite, e sem qualquer esperança de trazer o seu amor de volta, fiz o que ele estava tentando fazer por si mesmo.”

A admissão surpreendeu Sidney. Ele sabia que a morte do garanhão tinha atormentado Nash, mas evidentemente não pelo motivo que Sidney tinha pensado. “O que acontece se você desistir de tudo e descobrir que eu não valho a pena?”

“Eu não vou.” Nash empurrou o cabelo de Sidney para trás de seus ombros antes de puxá-lo para um beijo apaixonado.

Sidney aceitou tudo o que Nash ofereceu o beijo, e o desejo do homem para segui-lo para a cidade. Ele aproveitaria o momento para perguntar para Nash a respeito de seus planos, mas Sidney podia dizer pelo beijo apaixonado que Nash teve o suficiente por uma noite.



Puxando para trás, Sidney rompeu seu beijo. “Vamos lá para cima.”

Antes de Sidney saber o que estava acontecendo, ele foi jogado por cima do ombro de Nash como um saco de batatas de 60 quilos. Sidney gritou e estendeu a mão para dar um tapa na bunda apertada pelo jeans de Nash. “Eu vou me vingar de você por isto.”

“Promete?” Nash deu uma risadinha, subindo dois degraus de cada vez.

Jogado sobre a cama, Sidney saltou várias vezes antes de se firmar sobre o colchão. Ele parou de rir quando notou a expressão séria no rosto bonito de Nash.

“O quê?”

Em vez de desabotoar sua camisa, Nash a arrancou sobre sua cabeça. Ele permaneceu em silêncio até estar totalmente despido. Engatinhando sobre a cama, Nash começou a retirar as roupas de Sidney peça por peça. “Eu quero ser o único a voltar para casa para você todas as noites.”

Uma imagem dos dois envelhecendo juntos veio à mente. “Eu quero isso também.”

Algumas das preocupações de Nash pareceram sair de seus ombros. Ele retirou a calça jeans de Sidney e roupa íntima fora em um movimento suave. Nash deitou de costas e puxou Sidney em cima dele.

“Mesmo não gostando do motivo pelo qual você veio para casa mais cedo, estou feliz por você estar aqui.”

Sidney queria esquecer seu ciúme, mas Nash merecia outro pedido de desculpas. “Desculpe-me por duvidar de você. Acho que ainda tenho dificuldade em acreditar que eu seja o suficiente.”

Um momento Sidney estava em cima e no seguinte Nash rolou, colocando Sidney debaixo dele. “Suficiente?” Nash apertou seu pênis duro contra Sidney. “Você é cada sonho que eu nunca tive na vida. Você é a minha família, meu amante e meu melhor amigo. Como eu poderia pedir por mais?”

Sidney sorriu para o seu grande e bonito cowboy. “Boa resposta.” Ele embrulhou suas pernas em torno de Nash, apreciando a sensação dos pelos púbicos de Nash enquanto



esfregava contra seu pênis. Abrindo a boca, ele recebeu o beijo de Nash. Beijar sempre tinha sido um grande afrodisíaco para Sidney e isso apenas parecia ficar mais forte quanto mais tempo ele estava com Nash.

Ele choramingou no beijo, precisando sentir a extensão do comprimento de Nash deslizando dentro dele. Cegamente, Sidney alcançou para a gaveta, mas ficou aquém de seu objetivo. Ele rompeu o beijo e sorriu para Nash. “Você se importaria em usar esses longos braços para conseguir o lubrificante?”

Nash surpreendeu Sidney com uma risadinha quando ele agitou rapidamente sua língua dentro e fora de sua boca. “Que tal algum lubrificante natural?”

Era raro Nash agir como um tolo. Sidney não sabia se ele tinha algo a ver com seu pai morrer ou se ele tinha sido sempre sério, mas o sorriso bobo foi o suficiente para levar Sidney a um ataque de risos. Embora apreciasse a foda dura e rápida em que se entregavam na maior parte do tempo, os eventos anteriores o deixaram ansiando por mais. “Faça amor comigo,” ele sussurrou quando o ataque de riso diminuiu.

A expressão de Nash ficou séria. “Eu não tenho feito nada mais que isso desde a primeira noite em que estivemos juntos.”

Sidney apertou as pernas que envolveram ao redor de Nash enquanto estendia a mão e cobria o suave rosto do homem com as duas mãos. “Isso é provavelmente a coisa mais bonita que alguém alguma vez disse para mim.”

“Eu quis dizer isso.” Nash virou a cabeça e beijou a palma de Sidney. “Eu amo você.”

Um profundo sorriso brotou de dentro de Sidney. “Eu sei. Eu podia dizer que eu sabia desde o momento que você salvou minha bunda quando você pintou varanda de meu pai depois que eu a arruinei, porém isso seria simplesmente assustador.”

Nash deu uma risadinha. Ele se esticou e pegou o lubrificante da mesa de cabeceira. “Então, quando você soube?”

Sidney se lembrou de tudo que Nash tinha feito por ele. “Você me disse que eu estava sexy mesmo quando eu estava aborrecido por estar sem cabelo.”



“Você era.” Nash circulou o buraco de Sidney com seus dedos lubrificados.

“Eu não teria aguentado por alguém que não me amasse. Foi quando eu soube.”

Sidney sentiu os olhos arderem na admissão. Ele piscou rapidamente afastando a umidade. “A propósito, eu me apaixonei por você no dia que carregou a lata de tinta para a varanda.”

Nash moveu delicadamente dois dedos dentro do canal de Sidney quando se inclinou para baixo para um beijo. Não demorou muito para o corpo de Sidney precisar de mais. Ele alcançou entre eles e deu um tapa na mão de Nash, não tendo nenhuma vontade de romper o seu beijo.

Nash retirou a sua língua e riu de novo. “Tudo bem, entendi a dica.” Ele tirou os dedos antes de substituí-los com seu pênis.

Sidney respirou fundo antes de exalar quando o comprimento do Nash encontrou seu caminho dentro dele.

Com uma mão no próprio peito, Sidney apertou um de seus sensíveis mamilos antes de alcançar com sua mão livre para torturar o peito de Nash.

Nash deixou escapar um grunhido e empinou os quadris quando Sidney beliscou a carne macia. “Você sabe o que me deixa louco.”

“Sim.” Sidney fez novamente, aplicando ainda mais força. Cada vez que beliscava seu próprio mamilo, ele sentiu isso em seu pênis.

Nash rosnou e reposicionou as pernas de Sidney sobre seus ombros. Ele começou a se mover dentro e fora do corpo de Sidney em rápidas e curtas estocadas. Apenas quando Sidney estava se acostumando com o ritmo, Nash o mudou.

A profunda e dura pancada do corpo de Nash contra o buraco de Sidney extraiu um guincho de Sidney. De onde diabos isso veio?

Nash riu e sacudiu a cabeça antes de bater fundo mais uma vez.

“Foda!” Sidney gritou quando seus dentes chocalharam. “Você não pode ir mais tão profundo, amor.”



“Sério? Vamos ter certeza.” Nash praticamente dobrou Sidney em dois antes de começar novamente.

A cada mergulho de pênis de Nash, Sidney ficou mais próximo do clímax. Seu pré-sêmen começou a escorrer da cabeça de seu pênis sobre seu peito. Era uma das coisas mais eróticas que ele já tinha experimentado. “Mais,” ele implorou.

Nash obedeceu com um grunhido e impulso de seu quadril, moendo-se contra a bunda de Sidney depois de empurrar profundamente.

Sidney gritou o nome de Nash como o primeiro fio de esperma disparou de seu pênis. O sêmen quente caiu em seu queixo. Sidney rapidamente inclinou sua cabeça para baixo e abriu a boca, esperando conseguir um sabor dele mesmo em sua língua.

Apesar de Sidney só conseguir capturar algumas gotas, elas foram suficientes para incendiar Nash.

“Não engula,” Nash ordenou seu rosto desfigurado com a intensidade de seu orgasmo.

Sidney realizou o esperma ligeiramente amargo na sua língua esticada, enquanto Nash cavalgava o seu clímax. Ele tirou as pernas dos ombros de Nash e puxou o homem que amava em cima dele.

A língua de Nash golpeou a de Sidney, capturando sua essência, antes de se aprofundar para um beijo profundo.

Sidney gemeu no beijo enquanto o pênis amolecido de Nash saía de seu corpo. Seu estômago roncou, lembrando a Sidney que ele não tinha comido em horas, mas ele estava muito confortável para se mover. Ele sorriu, apesar da língua sondando o interior de sua boca. Haveria tempo para alimento amanhã. Esta noite era muito especial. Ele finalmente se permitiu sonhar com um futuro real com Nash, que foi além da faculdade.



O telefone tocou quando Sidney estava colocando uma caçarola de atum no forno. Ele fechou a porta e se certificou que a temperatura estava correta antes de atravessar a cozinha para o telefone.

“Alô?”

“Sidney?”

O coração de Sidney bateu mais forte na voz familiar. “Ei. Como você está Josh?”

“Estou bem, eu acho. Luke caiu tentando chegar ao sofá ontem. Eu não quero que você pense que eu estava dando uma desculpa para não falar quando você ligou.”

“Ele se machucou?” Sidney fechou os olhos. Ele queria ajudar os irmãos, mas temia ser rejeitado por Josh.

“Machucou, mas o mesmo de sempre.” Josh pigarreou. “Eu disse a ele que você ligou, e ele queria ter certeza que eu ligaria para você de volta.” Josh fez um som em sua garganta que Sidney não conseguiu identificar. “Inferno, eu teria chamado você de volta de qualquer maneira. Eu tenho pensando muito sobre essa merda.”

Sidney queria dizer alguma coisa, mas manteve sua boca fechada. Era a primeira vez desde o acidente que Josh procurou Sidney.

“Eu sinto sua falta. Eu sei que você não vai querer me ver novamente depois da maneira como tratei você quando você veio antes, mas...”

“Eu sei.” Disse Sidney, cortando o seu amigo. “Eu penso em você todos os dias.”

Josh suspirou. “Então... Estava conversando com minha mãe outro dia, e ela pensou que seria bom se você viesse para a Ação de Graças como você costumava fazer.”



Sidney estremeceu. Ele adoraria reencontrar com a família Ballentine novamente. “Vou falar com Nash sobre isso, mas costumamos ir até Phoenix para ver sua mãe na Ação de Graças.”

“Oh. Está bem. Tenho certeza que mamãe vai entender.”

“Não, não lhe diga nada até eu falar com Nash. Sua mãe está vendo alguém de qualquer maneira, talvez por isso ela prefira passar o feriado com ele e sua família. Nash deve estar a qualquer momento para o jantar, então eu vou falar com ele em seguida. Ele está convidado, certo?”

“Claro que sim. Nós todos sabemos que ele é parte de sua vida agora.”

Sidney se perguntou como Luke reagiria a Nash. Os dois nunca se encontraram, e Sidney estaria mentindo se ele disse que um encontro não o deixava nervoso. “Tudo bem. Vou lhe ligar mais tarde esta noite.”

“Obrigado.”

Sidney desligou o telefone com o coração mais leve. Ele sabia que ia fazer tudo em seu poder para viajar para o leste em vez de oeste para a Ação de Graças. Ele esperou tempo demais por um convite para passar por cima dele.



Novembro de 1989

Nash bateu na porta do banheiro. “Você está quase pronto?”

“Sim. Só um segundo,” Sidney respondeu.



Nash atravessou o quarto até a parede de janelas. A visão da Filadélfia era de tirar o fôlego, mas Nash ainda se sentia como uma de um milhão de formigas no momento em que pisou o pé fora do hotel.

Apesar de sua determinação de se mudar onde quer que a carreira de Sidney o chamasse, ele estava começando a se preocupar. Uma coisa era pensar que estava pronto para essa mudança drástica de estilo de vida, mas era completamente diferente realmente dar o salto de rapaz do campo para morador da cidade.

A porta do banheiro abriu instantes antes dos braços de Sidney se envolver em torno da cintura de Nash. Era uma boa lembrança do por que ele fez a decisão em primeiro lugar. Mesmo em um lugar tão estranho para ele como a Filadélfia, um toque de Sidney e Nash começava a relaxar.

"Eu amo esta cidade," Sidney disse.

"É bonita, isso é certo," Nash concordou. Ele se virou e deu um breve beijo em Sidney, deslizando seu amor apenas um pouco em sua língua antes de puxar para trás. A camisa verde escura acentuava a cor de Sidney perfeitamente. "Você parece bem."

"Obrigado." Sidney mordeu seu lábio inferior. "Eu nunca serei capaz de lhe agradecer o suficiente por ter vindo aqui comigo. Eu sei que sua mãe não ficou muito feliz."

"Não se preocupe com ela. Ela ficou bem quando eu disse a ela que estava indo passar uma semana depois que você terminasse a faculdade." Nash não disse mais nada. Por alguma razão, sua mãe simplesmente não tinha se empolgado a respeito de Sidney como Nash esperava que ela seria. Ela não era má ou coisa assim, mas Nash sabia que ela preferia tê-lo só para ela na Ação de Graças. A primeira vez que ele lhe informou que Sidney estava se envolvendo com ele, sua mãe tinha armado um ataque, mas Nash havia deixado claro que ele não iria se Sidney não fosse convidado. Assim, eles continuaram a fazer a viagem anual, embora todos os três estivessem no limite o tempo todo.

"É melhor nós irmos." Sidney se afastou e pegou seu casaco de inverno.



“Parece bom. Liguei para baixo para o carro mais cedo para que ele esteja esperando por nós.” Nash pegou seu casaco antes de sair do quarto.

Apesar da oferta de Josh para buscá-los no aeroporto, Nash tinha preferido alugar um carro.

É claro que ele não contava com a quantidade de tráfego que tinha que dirigir. “Você quer dirigir uma vez você conhece o caminho?”

“Claro.” Sidney deu ao manobrista algum dinheiro antes de entrar atrás do volante.

Nash afivelou o cinto de segurança. Seu estômago estava em nós, mas ele tentou não demonstrar isso.

Sidney precisava que esse reencontro fosse bem sucedido, e Nash faria tudo ao seu alcance para ter certeza disso.



Avançando para a calçada circular, Sidney ficou surpreso ao ver tantos carros. Foi só se lembrar de quanto tempo fazia desde que tinha visto a família que percebeu que os carros extras provavelmente pertenciam aos irmãos Ballentine.

Nash assobiou quando o carro parou. “Muito chique.”

“Sim,” Sidney concordou. “Você não saberia que eles têm dinheiro se você não visse coisas como isso, entretanto.” Sidney fez um gesto para a fila de caros carros europeus. Uma velha van se destacava do resto. Sidney podia dizer que era para deficientes motores. Seu estômago afundou. Era uma lembrança muito real da paralisia de Luke. Apesar de Luke ter



recuperado algum uso de suas mãos, ele estaria para sempre confinado a uma cadeira de rodas.

Sidney saiu do carro antes que ele mudasse de ideia e os conduzisse de volta para o aeroporto. "Você pode fazer isso," sussurrou para si mesmo.

"Tudo bem?" Nash perguntou, se juntando a Sidney na calçada que levava à escada da frente.

Sidney agarrou a mão de Nash. "Apenas nervoso."

"Então somos dois." Nash levou Sidney até os degraus da porta. "Pronto?" Ele perguntou com o dedo pousado sobre a campainha.

Depois de uma profunda, calmante e esperançosa respiração, Sidney concordou. "Faça isso."



Embora a tarde tivesse sido fantástica, Sidney não podia deixar de sentir que Josh estava lhe evitando. Ele tentou várias vezes conseguir falar sozinho com Josh, mas seu amigo conseguiu surgir com várias desculpas porque ele não podia no momento.

Com Nash bastante envolvido em assistir ao jogo de futebol com o resto dos homens Ballentine, Sidney se retirou para a cozinha. Talvez ajudando Maggie com os pratos fizesse o tempo passar mais rápido. "Posso ajudar?"

Com os cotovelos profundamente dentro da água com sabão, Maggie sorriu. "Claro que pode. Pegue uma toalha da gaveta."



Sidney fez como instruído antes de se colocar ao lado de Maggie. “A máquina de lavar louça não está funcionando?”

“Não.” Ela ergueu um prato. “Estes pertenciam à mãe de Alan. Eles vieram para mim com instruções estritas para nunca colocá-los na máquina de lavar.” Maggie sorriu. “Antes de termos eles, usávamos apenas pratos normais. Não tenho certeza, mas eu acho que a minha sogra apenas queria me torturar nos feriados.”

Sidney riu. “Você deveria ter tido meninas em vez de meninos.”

“Ou meninos que estivessem interessados em se casar e me dar noras,” Maggie retrucou.

Eles continuaram a lavar e secar os pratos com conversa fiada. Sidney resistiu tanto quanto podia antes de finalmente colocar suas cartas na mesa. “Josh me culpa?”

Esfregando a molheira, Maggie repentinamente pareceu pensativa. “Não. Josh parece carregar um monte de culpa sobre o acidente. Ele se odeia por fazer você dirigir, especialmente depois que você disse a ele que não queria. Você sabe que ele não provou uma gota de álcool desde então? Isso é outra coisa que o incomoda. Ele sabe que se ele não tivesse bebido, Luke teria ficado a salvo no banco de trás.”

“Nada disso foi culpa de Josh,” Sidney argumentou.

“O que aconteceu, aconteceu. Não foi culpa de ninguém. Engraçado como Luke parece ser o único que entende isso.” Maggie deu a Sidney um sorriso tranquilizador. “Se eu conheço meu filho, Josh foi provavelmente para fora, fumar atrás da garagem.”

Sidney não pôde deixar de rir. “Você sabe?”

Maggie revirou os olhos. “Eu sempre soube o que meus filhos fazem quando pensam que eu não estou olhando.” Ela apontou para o casaco pendurado ao lado da porta. “Pegue o de Alan.”

“Obrigado.” Sidney pegou o casaco antes de ir para fora. Ele correu para a garagem isolada atrás da casa. “Josh?” Ele chamou, tentando dar ao homem algum tipo de advertência.

“Aqui atrás.”



Sidney contornou o canto. “Sua mãe me disse que você estaria aqui fumando.”

“Foda.” Josh apertou sua cabeça. “Ela quer que eu pare. Eu pensei que ela era irritante até Luke decidir começar, também.” Ele estendeu o pacote. “Quer um?”

Havia sido semanas desde que Sidney tinha fumado. Lambeu os lábios e olhou em volta antes de aceitar. “Obrigado.”

Josh riu antes de dar outra tragada profunda. “Nash quer que você pare?”

“Sim.” Sidney inalou e fechou os olhos. Ahhh, foda, ele sentiu falta disso. “Deus, isso é bom.”

A mão de Josh pousou no ombro de Sidney. Ele não disse nada por um bom tempo.

Os dois apenas ficaram ali, fumando e olhando para as árvores no fundo da propriedade. “Estou feliz que você está bem,” Josh finalmente disse.

Sidney olhou para seu amigo. “Não foi culpa sua, sabe?”

Josh tirou sua mão e deu de ombros. “Qualquer que seja.”

“Não. Eu não vou ficar parado e deixar você carregar esta merda sozinho.” Sidney se moveu para ficar na frente de Josh. Mesmo se Josh o odiasse para o resto de sua vida, Sidney precisava que seu amigo conhecesse a verdade. “Você estava desmaiado no banco de trás e Luke desprendeu o cinto de segurança e me beijou. Eu vi o cervo se precipitar para a estrada, mas não pude empurrar Luke para o banco rápido o suficiente antes de atingi-lo.”

“Eu sei,” Josh murmurou. “Luke me contou há muito tempo.”

“Então, porque você ainda se culpa?”

Josh quebrou o contato visual e olhou sobre o ombro de Sidney. “Porque eu preciso culpar alguém e eu amo você e Luke demais para isso.”

“O quê?” Sidney cambaleou para trás. “Como você pode dizer algo assim? Nos últimos cinco anos você não quis nada a ver comigo.”

Josh sacudiu a cabeça obstinadamente. “Não. Eu não queria nada a ver comigo! Para este dia, cada vez que eu olhar para você, eu as vejo.”



A mão de Sidney subiu para seu rosto. Com a ajuda de Nash, Sidney se tornou tão acostumado com suas cicatrizes que frequentemente se esquecia de que o mundo exterior ainda reparava nelas.

Josh capturou a mão de Sidney. "Você era tão bonito," ele murmurou lágrimas enchendo seus olhos.

Arrumando seus ombros, Sidney encarou Josh. "Eu ainda sou. Basta perguntar a Nash." Naquele momento, Sidney queria somente o conforto que Nash poderia proporcionar. Ele puxou sua mão do aperto de Josh. "Lamento que você não consiga ver além delas."

Sidney começou em direção a casa, mas parou antes de dobrar a canto da garagem e olhou de novo para Josh. "Luke pode estar em uma cadeira de rodas, e não posso ter a mesma aparência, mas você é o único que perdeu sua vida naquele acidente."

"Eu sei! É isso que venho tentando lhe dizer!" Josh berrou quando Sidney chegou à porta dos fundos.



Nash estava arrumando suas roupas quando houve uma batida na porta. Ele olhou para a porta fechada do banheiro, esperando que o som não tivesse perturbado Sidney. Em seu caminho para a porta, Nash pegou a chave eletrônica. Ele tinha uma boa ideia de quem era o visitante, e seria amaldiçoado se ele deixasse Josh entrar no quarto.

Ele saiu para o corredor antes de fechar silenciosamente a porta atrás dele. "O que você quer Josh?"



Com as mãos nos bolsos da frente da calça jeans, Josh cambaleou de pé para pé. “Eu preciso falar com Sidney.”

“Não, você não precisa. O que você precisa é de abrir mão de tudo o que está afogando você e conseguir alguma ajuda.” Nash estreitou os olhos. “Antes de puxar dois homens bons para baixo com você.”

“Eu sei.” Josh tirou as mãos dos bolsos antes de esfregar seus olhos. “É isso que eu vim para dizer a ele. Eu conversei sobre isso com minha família e eles concordaram em ajudar a cuidar de Luke, enquanto eu fico longe o suficiente para fazer exatamente isso.”

“Bom.” Nash teve que lembrar a si mesmo o quanto Josh e sua família significava para Sidney.

Talvez isso ajudasse Josh se ele visse em primeira mão o quão feliz Sidney geralmente era. “Tem uma casa vazia na fazenda se você estiver interessado. Não posso lhe prometer qualquer tipo de vida noturna, mas é tranquilo a menos que o gado esteja irritado.”

A cabeça de Josh inclinou para o lado. “Obrigado. Vou pensar sobre isso.” Ele olhou para a porta fechada.

“Você vai dizer a ele por mim?”

“Vou dizer a ele.” Nash cruzou os braços. “Você é um idiota se você não fizer tudo em seu poder para fazer com que ele volte ao seu lado.” Ele balançou a cabeça. “Um homem não poderia pedir um melhor amigo do que Sidney.”

“Eu sei,” Josh murmurou.

Nash pegou sua carteira e entregou a Josh um dos cartões de visita do Running E.

“Aqui está o endereço. Nós não vamos procurá-lo novamente. O próximo passo é seu.”

O pomo de Adão de Josh subiu e desceu por diversas vezes antes dele responder. “Eu entendo.”



Com um aceno final, Nash voltou para o quarto. Ele certo como o inferno esperava que Josh entendesse, porque da próxima vez que o homem ferisse Sidney, Nash lidaria com a situação de sua maneira.



Capítulo Doze

Março de 1990

Grady Nash estava no processo de mover um rebanho de gado mais perto da casa quando avistou Sidney montando na direção dele em velocidade alucinante. Sua reação imediata foi de pânico. Gado esquecido, Nash chutou Rosie em uma corrida.

Não foi até que chegar a cinquenta metros de Sidney, que o coração de Nash voltou a bater. A expressão no rosto de Sidney era de euforia, não de sofrimento. Nash puxou Rosie para parar e esperou que Sidney se juntasse a ele.

“O que está acontecendo?” Nash perguntou.

Sidney alcançou dentro de seu casaco de inverno e removeu uma folha de papel. “Eu ganhei!”

“Desculpe?” Nash esfregou seu peito, tentando acalmar seu coração acelerado. “O que você quer dizer com ganhou?”

“O concurso. O que eu te falei. Você sabe o projeto da biblioteca.” Sidney balançou o papel em sua mão. “Eu ganhei. Eles vão construir. Não só isso, mas eles querem me contratar para supervisionar o projeto.”

Nash desceu da sela antes de puxar Sidney fora de Apple Jack e em seus braços. “Parabéns, bebê.” Ele deu a Sidney um profundo beijo. Se o gado não os interrompesse, Nash não tinha dúvida de que talvez ele ficasse ali a tarde inteira saboreando seu campeão.

Nash rompeu o beijo e olhou por cima do ombro ao gado que estavam começando a se espalhar outra vez. “Ajude-me a juntá-los de volta e levá-los para o pasto do sul e eu vou ajudá-lo a comemorar.”



Nash ajudou Sidney de volta sobre seu cavalo. Ele não disse, mas precisava de alguns minutos para processar a notícia de Sidney. Ele realmente estava feliz por Sidney, mas honestamente não lembrava o suficiente sobre o projeto para saber para onde ele teria que se mudar.

Um pensamento lhe ocorreu. “De quanto tempo precisaríamos para partir?” Ele perguntou, montando Rosie.

“Relaxe,” disse Sidney, com um sorriso. “Nós não temos que estar em Chicago até depois da formatura.”

Maio? Foda. Nash agarrou as rédeas mais apertadas para evitar que suas mãos tremessem. Tentou se concentrar no gado, mas seus pensamentos começaram a desviar-se para território perigoso. Apesar de ter recebido seu GED, Nash ainda não tinha certeza que tipo de trabalho ele estaria qualificado para uma cidade como Chicago.

Apple Jack juntou-se a Rosie e Sidney colocou a mão na perna de Nash. “Vai ficar tudo bem. Eu prometo.”

“Você acha que eles precisam de mecânicos em Chicago? Trabalho em motores é praticamente a única coisa que eu sei fazer além de administrar um rancho.”

“Tenho certeza que eles provavelmente não, mas não se subestime. Você passou os últimos quinze anos, equilibrando livros, figurando folha de pagamento, inferno, você até mesmo sabe como datilografar.”

Nash deixou escapar um bufo. “Sim, eu posso apenas me ver sendo secretário de algum homem. Não, obrigado. Eu prefiro fazer algo com minhas mãos.”

“Porco machista. Quem disse que seu chefe não seria uma mulher?” Sidney disse com uma risada.

Apple Jack se afastou, levando a mão quente de Sidney com ele. Foi uma jogada típica da parte do cavalo, mas serviu como um lembrete para Nash. Ele precisava daquela mão. Chicago pode não ser a ideia da Terra Prometida, mas certo como o inferno que não passaria a vida dependendo do homem que amava.



Maio de 1990

Nash puxou a gravata em volta do pescoço. Ele não tinha usado uma desde o funeral de seu pai e ele foi rápido em se lembrar de por que. Como inferno os homens trabalhavam com a tira de pano os estrangulando, ele nunca iria entender.

Decidindo que poderia sobreviver por mais algumas horas, Nash vestiu seu terno.

Parecia estranho voltar na pequena casa que havia alugado de Jackson por muitos anos, mas ele e Sidney concordaram em dar a Tommy uma chance de administrar a fazenda.

Eles acabaram locando a casa e área cultivada para Tommy com o arranjo que ele faria manutenção geral na pequena casa na extremidade do Running E no caso de que Sidney e Nash precisassem de um lugar para voltar um dia.

“Você está pronto?” Nash perguntou, entrando na cozinha.

Vestido com uma camisa branca e calça preta, Sidney olhava para um cartão de formatura. “Sim.” Ele levantou o cheque que obviamente acompanhava o cartão.

“É dos Ballentines. Maggie diz que Josh e Luke voltaram para a faculdade.”

“Isso é bom.” Nash abriu a geladeira e pegou o galão de leite. Josh tinha estado em contato com Sidney várias vezes desde a sua viagem de Ação de Graças. O muro não tinha sido completamente remendado, mas Nash podia dizer que Josh estava tentando, por isso ele manteve sua boca fechada.

Ele despejou um copo de leite e esperou por Sidney terminar com o correio do dia.



“Alguma coisa de Jackson?”

Sidney resmungou e saltou de sua cadeira. “Quer dizer que você não viu?” Ele pegou um cartão do balcão e o passou para Nash.

Nash abriu o cartão de aparência comum. Dentro Jackson tinha escrito ‘Boa Sorte’. “Bom,” disse ele com um sacudir de cabeça.

“Você pode jogá-lo fora quando acabar de ler,” Sidney disse a Nash. “É tão emocionante que eu já gravei na memória.”

Apesar de Sidney fazer pouco da situação, Nash sabia mais. Enxaguou o seu copo de leite antes de cruzar para envolver seus braços ao redor do jovem. “Sinto muito.”

Sidney deu de ombros, mas manteve Nash apertado. “Eu não deveria ter esperado que ele viesse. Foi estúpido pensar que ele ia fazer o movimento.”

Nash pressionou seu rosto contra os cabelos de Sidney. O cheiro cítrico agarrado aos fios de seda preta sempre ajudou a acalmar sua raiva. Era óbvio para todos que a nova família de Jackson tinha substituído completamente Sidney em sua vida.

De acordo com as fofocas que Nash tinha ouvido no leilão de gado em Salina, Jackson tinha três filhos com sua esposa, dois meninos e uma menina. Sidney não apenas tinha ignorado que tinha meios-irmãos e uma meia-irmã, mas o mais velho, Jackson Junior, ou J.J. como o chamavam, tinha em torno de dez anos. Desnecessário dizer, Sidney não tinha recebido a notícia bem.

“Foda-se ele,” Nash murmurou. “Ele virá rastejando de volta algum dia implorando o seu perdão.”

“Eu não vou esperar que isso aconteça.”

Nash olhou para o relógio. “Se vamos fazer isso a tempo de você atravessar essa fase, é melhor nós sairmos agora.”

Sidney deu um passo para trás. “Eu sei que você realmente não quer ficar sentado, por então obrigado por fazer isso mesmo assim.”



“Você está brincando?” Nash se inclinou até estar cara a cara com Sidney. “Você acha que eu estive completamente cego para o quão duro você trabalhou para poder cruzar essa fase?” Ele endireitou e fez um gesto para a túnica de graduação roxa pendurada nas costas da cadeira. “Você ganhou o direito de usar isso, e eu não poderia estar mais orgulhoso de você.”

Sidney tentou sorrir, mas seus olhos rapidamente se encheram de lágrimas. “Você sempre esteve ali para mim. Se tivesse isso da minha maneira, você estaria atravessando esse maldito estágio comigo.”

Nash colocou sua mão sobre seu coração. “Eu estarei.”



Junho 1990

No dia da mudança, Nash estava de pé antes do sol. Ele fez um bule de café, mas acabou colocando sua xícara sob o gotejamento automático antes do recipiente ficar pronto. Carregando a fumegante caneca para a varanda, ele se sentou em uma cadeira e esperou.

Era seu último dia na fazenda que tinha aprendido a amar. Mais tarde, eles terminariam de carregar o caminhão de mudança e dirigiriam ao norte para Lake Forest, Illinois. Ele esperava que o pequeno subúrbio ao norte de Chicago seria um ajuste bom para os dois. Sidney poderia viajar no Metra³ para a cidade e Nash não estaria rodeado por milhões de pessoas diariamente.

³ A Metra Electric Line é uma linha ferroviária eletrificada suburbana.



Nash continuava ainda preocupado com as perspectivas de emprego para alguém como ele, mas Sidney tinha garantido a ele que ele encontraria algo que pudesse apreciar. Nash esperava como o inferno que Sidney estivesse certo. Apesar de terem algumas economias e Sidney ganhar um dinheiro digno para começar, Nash nunca tinha sido alguém que deixasse outro cuidar dele. Olhando fixamente para fora ao longo do pasto, Nash tomou uma profunda respiração quando o sol espiou sobre o horizonte. Magnífico. Algumas pessoas adoravam a Deus na igreja, mas para Nash, o Running E era o mais próximo que ele já tinha chegado a sentir o espírito divino do homem lá de cima.

Nash continuou a refletir sobre sua vida até agora, quanto o sol continuava a subir. Ele pisou o pé no Running E quase dezessete anos antes. Um garoto que havia perdido seu pai, procurando um lugar para curar. Nash deu uma risadinha para ele mesmo. Ele tinha feito mais do que se curar no rancho ao longo dos anos. Ele tinha encontrado o homem com quem estava destinado a ficar. Dúvidas sobre a viver longe da fazenda poderia rastejar em sua mente na ocasião, mas nem uma vez ele questionou seu amor por Sidney.

Depois que o sol alaranjado subiu acima do horizonte, Nash levou a xícara vazia para a cozinha. Ele a encheu antes de conseguir outra xícara do armário para Sidney. Caminhando para o quarto, ele colocou as canecas na mesa de cabeceira antes de tirar sua cueca.

Sendo que esta era a última manhã de sua antiga vida, Nash não pretendia desperdiçar um segundo dela.

Levantando as cobertas, Nash deslizou entre os lençóis antes de pressionar seu corpo contra as costas quentes de Sidney. Ele não tinha percebido como estava fria esta manhã de junho até seu corpo entrar em contato com seu pequeno forno pessoal. "Mmmm," gemeu, enterrando sua face no cabelo de Sidney.

Ainda dormindo, Sidney se contorceu até que sua bunda estava perfeitamente posicionada contra o pênis endurecendo de Nash.



Nash pousou a mão contra o peito nu de Sidney, preguiçosamente escovando o polegar sobre um dos mamilos pequenos do homem. Ele fechou os olhos e tentou aproveitar cada segundo. Jesus, ele amava o homem cujo corpo o deixava maluco com a luxúria.

A mão de Nash viajou lentamente pelo peito de Sidney para o cabelo escasso em torno do pênis do jovem. Ao contrário dos pelos púbicos de Nash, os de Sidney eram tão suaves quanto o cabelo em sua cabeça.

Nash continuou acariciando a virilha de Sidney, amando a forma como sentiu contra seus dedos.

Duas semanas antes, depois de assinar os papéis de aluguel da casa que tinham encontrado em Lake Forest, Sidney tinha perguntado a Nash sobre conseguir um cão. Quando Nash lembrou a Sidney de suas alergias, Sidney lhe deu uma folha de papel. Era uma cópia de um artigo sobre poodles. Claro que Nash sabia que alguns cães eram melhores do que outros para pessoas alérgicas a pelos, mas um poodle? Simplesmente não conseguia ver a si mesmo andando com um fresco cão ao redor do bairro. Ele havia prometido a Sidney discutir o assunto novamente assim que houvessem se mudado, mesmo sabendo que ele cederia.

Sidney deve ter sabido disso também, porque ele tinha concordado e não tinha falado sobre isso desde então.

Nash roçou as pontas dos dedos para cima e para baixo do comprimento do pênis flácido de Sidney, esperando acordar seu amante sem se tornar isso óbvio. Ele sorriu quando Sidney empurrou seu pênis mais firme contra sua mão.

"Se você está tentando me acordar, é melhor você me dar um pouco mais do que isso," Sidney murmurou sono ainda pesado em sua voz.

Nash rodeou o pênis despertando de Sidney com sua mão. "Melhor?"

"Mmm hmm." Sidney começou a movimentar seus quadris, trabalhando seu corpo entre a ereção dura de Nash e a mão de Nash. "Lubrificante debaixo do meu travesseiro."



“Vire-se aqui e me beije.” Por mais que Nash quisesse enterrar seu pênis em Sidney, ele estava esperando fazer a última manhã um pouco mais longa. Ele largou a ereção de Sidney e lhe deu um tapa na bunda para levá-lo a se mover.

“Ai!” Sidney protestou.

“Isso não doeu, seu bebê grande,” Nash repreendeu.

Sidney virou e mordeu o queixo de Nash.

“Maldição!” Disse Nash com um grunhido.

“Isso não doeu, seu bebê grande,” Sidney disse ao redor de uma risada.

Nash cortou a boca esperta de Sidney com um beijo. Ele mergulhou fundo, esperando transmitir seu amor e desejo com cada golpe de sua língua.

Sidney gemeu e enganchou a perna sobre o quadril de Nash. Ele alcançou sob seu travesseiro antes de empurrar o lubrificante na mão de Nash.

Tomando a sugestão, Nash abriu o frasco e conseguiu pingar algumas gotas sobre seus dedos sem derramar o conteúdo sobre o colchão. Ele começou com o vinco da bunda de Sidney, correndo os dedos para cima e para baixo enquanto continuava a foder a boca de Sidney com sua língua.

Sidney choramingou no beijo cada vez que Nash roçava seu buraco. Deus, Nash amava aquele som. Ele propositalmente continuou a provocar Sidney apenas para que pudesse ouvir isso mais e mais.

Sidney finalmente alcançou para trás e guiou os dois dedos de Nash para o seu buraco.

Nash rompeu o beijo. “Talvez eu quisesse ouvir mais choramingos antes que eu cedesse,” Nash reclamou.

“Foda-me, e eu vou choramingar como um maldito cachorro no cio.”

Cedendo, como sempre fez, Nash empurrou primeiro um depois dois dedos dentro. O corpo de Sidney era tão acostumado ao pênis de Nash, que não demorou muito para ele estar pronto.



Sidney alcançou às cegas atrás de si mesmo e encontrou a garrafa de lubrificante. Enquanto Nash continuou a atormentar o homem menor com seus dedos, Sidney começou seu próprio tipo de tortura por lubrificar o pênis de Nash.

O raspar da unha de Sidney logo abaixo da coroa de Nash quase fez Nash gozar no local. Nash tirou a mão do vinco da bunda de Sidney antes de rolar o homem sobre seu estômago.

Nash reposicionou Sidney até seus joelhos estarem debaixo dele e sua bunda no ar. Nash se sentou sobre seus calcanhares e lambeu os lábios. Apesar de odiar o gosto de lubrificante, ele não podia resistir em passar a língua sobre o buraco afrouxado várias vezes.

“Estou a uns dois segundos de gozar,” Sidney disse em seu travesseiro.

Nash sabia que Sidney esperava que ele parasse, mas Nash nem sempre fazia o que se esperava dele. Ele se inclinou de novo e utilizou a ponta da língua para foder Sidney.

“Foda!” Sidney uivou. Seu buraco se fechou em torno da língua de Nash quando ele estourou sobre o lençol.

Antes de Sidney poder desabar, Nash o virou. Ele agarrou um travesseiro e o colocou sob as costas de Sidney para apoio. “Tudo bem?”

Ainda ofegante com a força do seu clímax, Sidney concordou. Ele estendeu a mão e segurou suas pernas para cima e abertas.

“Isso é uma indireta?” Nash deu uma risadinha.

Sidney sorriu de volta. “Uma ordem,” ele conseguiu dizer.

“Ooh, eu gosto quando você assume o controle.” Nash alinhou seu pênis com o buraco de Sidney. Uma vez passado o anel externo de músculos, Nash empurrou dentro em um movimento suave. O calor do corpo de Sidney tirou um gemido imediato de Nash.

Talvez fazendo Sidney gozar antes deles foderem não foi uma boa ideia afinal. Se Nash tivesse alguma esperança de sobreviver ao segundo orgasmo de Sidney, ele precisava fornecer a Sidney aquela picada de dor que ele parecia realmente gostar.



Nash começou a um ritmo duro profundo, sem dar tempo de Sidney plenamente se acostumar à invasão.

Sidney bateu sua cabeça contra o travesseiro. “Ahhh, foda!”

Satisfeito que ele podia conseguir os resultados que esperava; Nash enganchou de Sidney as pernas sobre seus ombros para liberar as mãos. Como continuou o assalto na bunda de Sidney, Nash beliscou os mamilos duros de seu amante.

“Mais duro.” Sidney guinchou.

Nash não tinha certeza se Sidney estava se referindo à foda ou a tortura em seus mamilos, então ele decidiu dar a ele os dois. Cada impulso golpeava as bolas de Nash contra a bunda suave de Sidney.

O som de pele em pele, combinados com os grunhidos de Nash e gemidos de Sidney produzia uma erótica sinfonia que Nash sabia que poderia ouvir para o resto de sua vida.

No meio de tudo isso, Nash fez uma nota mental para ter certeza de fechar as janelas antes de foder Sidney logo que se mudassem para os subúrbios. No campo de Deus, eles podiam fazer tanto barulho quanto gostavam, mas a menos que eles quisessem afastar completamente seus vizinhos, eles precisariam acalmar as coisas uma vez na cidade. No entanto, mais uma razão que a vida no campo era melhor, na opinião de Nash.

Uma vez que o pênis de Sidney tinha endurecido de novo, Nash largou um dos mamilos do jovem. Nash envolveu sua mão ao redor do pênis de Sidney e pressionou seu polegar contra a fenda pingando.

Os olhos de Sidney brilharam na nova sensação.

“Maldição, você é lindo,” Nash rosnou.

As narinas de Sidney alargaram quando Nash bateu suas bolas.

“Você tem mais daquela doce porra para mim?” Nash perguntou, por entre os dentes. Foda, ele precisava gozar.

“Siiim,” Sidney assobiou quanto o primeiro jorro de esperma disparou de seu pênis.



Isso foi tudo que Nash precisava para se soltar. Ele empurrou o seu pênis dentro de Sidney e gozou. O orgasmo foi tão intenso, que o rosto de Nash se retorceu como se ele estivesse com dor, e de uma forma, ele estava.

Ele caiu em cima de Sidney, com medo que ele nunca mais fosse capaz de respirar. De onde diabos isso tinha vindo? Claro que ele estava ficando mais velho, mas ele ainda estava com apenas trinta e quatro anos. Ele engasgou, tentando puxar oxigênio suficiente para seus pulmões para não desmaiar.

"Tudo bem?"

Nash ouviu a pergunta, mas ainda estava sem condições de responder assim que assentiu com a cabeça, esperando para jogar o incidente. Ele tentou empurrar a preocupação fora de sua mente. Foi apenas uma realmente e muito boa foda, ele tentou dizer a si mesmo.

Sidney chupou o lóbulo de Nash em sua boca antes de sussurrar, "A melhor."

Nash fechou seus olhos. "Sim," ele conseguiu dizer.



Sidney estava na varanda com Tommy e sua esposa, Brynn, enquanto Nash dizia adeus aos cavalos. "Obrigado por manter Rosie," ele disse. "Eu sei que ela não vai estar ao redor muito mais tempo e o pensamento de ela vivendo seus últimos anos na fazenda de outra pessoa não é aceitável para Nash."

"Ela é um bom cavalo," Tommy disse.



“Sim,” Sidney concordou. Seu coração doeu por Nash. Não apenas ele estava deixando para trás a fazenda que tinha vindo a amar, mas ambos sabiam que sua caminhonete velha não faria a viagem de dez horas.

Sidney tinha sugerido usar o reboque que eles estavam transportando o Bronco, mas Nash havia recusado a oferta. Ele disse que era hora dele seguir em frente e comprar outra coisa.

Sidney não poderia deixar de perguntar se tinha mais a ver com a lembrança constante da fazenda que Nash não o quis levar. No fim das contas, Nash tinha vendido a picape para Tommy para seu filho de quinze anos. Sidney tinha levado Tommy de lado e explicado a ele a importância do caminhão para Nash, e Tommy tinha prometido se certificar que seu filho cuidaria muito bem dele.

Nash saiu do estábulo, enxugando os olhos.

“Você vai dirigir direto?” Tommy perguntou enquanto Brynn desaparecia dentro da casa.

“Sim. Com sorte, estaremos em Lake Forest antes da meia noite,” Sidney respondeu seus olhos nunca deixando o homem caminhando em direção à casa da fazenda. Como é que ele poderia alguma vez ser capaz de reembolsar Nash pelo sacrifício que ele estava prestes a fazer?

Sidney piscou as lágrimas ameaçadoras quanto Nash subiu para a varanda para se juntar a ele. “Quantas guloseimas você deu a Rosie?” Ele perguntou, tentando tirar a tristeza evidente no rosto de Nash.

Funcionou. Nash sorriu e pousou a mão sobre as pequenas costas de Sidney. “Apenas o suficiente para fazer ela se lembrar de mim.”

“Não se preocupe com isso. Você é bastante maldito inesquecível.” Sidney se aproximou do lado de Nash.



A porta de tela abriu e Brynn saiu carregando um refrigerador. “Empacotei para vocês alguns sanduíches, alguns refrigerantes e alguns dos meus biscoitos caseiros de aveia,” ela disse, entregando o refrigerador para Nash.

Nash inclinou seu chapéu de cowboy. “Obrigado.”

Sidney olhou para o Stetson familiar. Ele se perguntou se Nash continuaria a usá-lo quando eles iniciassem sua vida juntos em Chicago.

“Bem, é melhor nós irmos.” Nash estendeu a mão e apertou a mão de Tommy.

Após Nash se mover para Brynn, Sidney deu a Tommy um abraço. “Tome conta disso.”

Tommy concordou. “Eu irei.”

Sidney deu um passo para trás antes de virar para Brynn. Ele não sabia que a esposa de Tommy bem, mas deu um abraço nela de qualquer maneira. “Cuide-se.”

“Fique seguro,” ela disse, soltando Sidney.

Sidney passou a seguir Nash ao alugado caminhão. Ele abriu a porta, mas não entrou imediatamente. Ele deu ao lugar mais uma olhada.

“Sidney?” Nash chamou, ligando o motor.

“Sim.” Sidney olhou para Nash e sorriu. “Eu odeio admitir isso, mas eu vou sentir falta daquele galinheiro maldito.” Ele subiu e se acomodou no banco, lembrando-se de colocar seu cinto de segurança.

“Voltaremos para visitar”, murmurou Nash.

Sidney podia dizer Nash estava fazendo um esforço para não se emocionar. “Claro que vamos,” ele concordou, chegando mais perto para apertar a mão de Nash. “Obrigado.”

Nash girou a mão e enfiou seus dedos através dos de Sidney. “Aonde você for, eu vou. Sempre sem arrependimentos.”